SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
NÚCLEO DE CIÊNCIAS HUMANAS
MESTRADO ACADÊMICO EM HISTÓRIA E ESTUDOS CULTURAIS

NÁGILA NERVAL CHAVES

OS ORONAO': UMA HISTÓRIA DE DOENÇAS E RESISTÊNCIAS A PARTIR DOS REGISTROS DO SPI - 9ª I. R., GUAJARÁ-MIRIM (1940-1970)

Porto Velho-RO
2017

NÁGILA NERVAL CHAVES

OS ORONAO': UMA HISTÓRIA DE DOENÇAS E RESISTÊNCIAS A PARTIR DOS REGISTROS DO SPI - 9ª I. R., GUAJARÁ-MIRIM (1940-1970)

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação de História e Estudos Culturais (PPHEC) da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em História e Estudos Culturais

Área de Concentração: Historicidades Amazônicas

Orientador: Professora. Dra. Lilian Maria Moser.

Porto Velho-RO
2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Fundação Universidade Federal de Rondônia
Gerada automaticamente mediante informações fornecidas pelo (a) autor (a)

C512o Chaves, Nágila Nerval.
Os OroNao': uma história de doenças e resistências a partir dos registros do SPI-9ª I. R., Guajará-Mirim (1940-1970) / Nágila Nerval Chaves. -- Porto Velho-RO, 2017.
145 f. : il.

Orientador (a): Prof.ª Dra. Lilian Maria Moser

Dissertação (Mestrado Acadêmico em História e Estudos Culturais) Fundação Universidade Federal de Rondônia

1. Povo Wari'. 2. Contato interétnico. 3. Doença. 4. Resistência. 5. Documentos SPI. I. Moser, Lilian Maria. II. Título.

CDU 572.029(811.1)

NÁGILA NERVAL CHAVES

OS ORONAO': UMA HISTÓRIA DE DOENÇAS E RESISTÊNCIAS A PARTIR DOS REGISTROS DO SPI - 9ª I. R., GUAJARÁ-MIRIM (1940-1970)

Dissertação apresentada em 6 de outubro de 2017 ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em História e Estudos Culturais (PPMHEC) da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR) como requisito final para a obtenção do Título de **Mestre** em História e Estudos Culturais aprovada em sua forma final.

Professora Drª Lilian Maria Moser
Coordenadora do PPMHEC (UNIR)

BANCA EXAMINADORA

Professora Drª Lilian Maria Moser
Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

Professora Drª Verônica Aparecida Silveira Aguiar
Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

Professor Dr. Marco Antônio Teixeira
Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

Suplente: Professor Dr. Sérgio Luiz de Souza
Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

Dedico a toda minha família e em especial ao meu filho Yan por ajudar-me na confecção e adaptação dos mapas!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que de alguma forma fizeram parte dessa caminhada, e em especial à Professora Drª. Lilian Maria Moser pela orientação, atenção e paciência;

À Professora Drª. Verônica Aparecida Silveira Aguiar pelas correções e sugestões bibliográficas;

Ao Professor Dr. Marco Antônio Teixeira por abdicar da noite de sono para fazer as correções e sugestões bibliográficas;

Ao Dr. Gil pela concessão da entrevista, tradução de textos e a atenção que dispensou a mim durante a confecção do trabalho;

Aos irmãos Mágda, Roberval, Adriane, Nelbi;

Ao amigo Johny e amigas Elizandra Pauline, Sophia, Elizabeth, pela acolhida em Porto Velho;

Aos colegas Alan Cristian, Elton Cunha e Gabriel Henrique Soares pela companhia nas viagens semanais para cursar as disciplinas;

A todos os colegas de trabalho da Biblioteca Fernando Pessoa pela compreensão e amizade.

Aos demais colegas da turma 2014 do MHEC.

"Brilhou…A coroa na luz do luar!
Nos troncos a eternidade…A reza e a magia do pajé!
Na aldeia com flautas e maracás
kuarup é festa, louvor em rituais na floresta…
Harmonia, a vida a brotar sinfonia de cores e cantos no ar
o paraíso fez aqui o seu lugar
jardim sagrado o caraíba descobriu
sangra o coração do meu Brasil
o belo monstro rouba as terras dos seus filhos
devora as matas e seca os rios
tanta riqueza que a cobiça destruiu
Sou o filho esquecido do mundo
minha cor é vermelha de dor
o meu canto é bravo e forte
mas é hino de paz e amor
Sou guerreiro imortal derradeiro
deste chão o senhor verdadeiro
semente eu sou a primeira
da pura alma brasileira
Jamais se curvar, lutar e aprender
escuta menino, Raoni ensinou
liberdade é o nosso destino
memória sagrada, razão de viver
andar onde ninguém andou
chegar aonde ninguém chegou
lembrar a coragem e o amor dos irmãos e outros heróis guardiões
aventuras de fé e paixão
o sonho de integrar uma nação
kararaô… kararaô… o índio luta pela sua terra da imperatriz vem o seu grito de guerra!
Salve o verde do xingu… a esperança
a semente do amanhã… herança
o clamor da natureza
a nossa voz vai ecoar… preservar!" (SANTIAGO et al., 1917).

RESUMO

Apresenta-se neste estudo sobre Os OroNao': uma história de doenças e resistências a partir dos registros do SPI - 9ª I. R., Guajará-Mirim (1940-1970), as situações de doenças, mortandade e resistências vividos pelos Povos Indígenas Wari', em especial, os subgrupos OroNao' e OroNao' dos brancos, no processo de contato interétnico com o não índio, no Território do Guaporé, Posto Ricardo Franco, nos anos de 1956 e 1961. Trata-se de uma pesquisa histórica e bibliográfica com abordagem qualitativa, utilizando o método da História Oral, e tem como objeto de estudo as consequências trazidas pelo contato desses subgrupos indígenas com os não indígenas nos postos de atração. Como objetivos relaciona-se, descreve-se e relata-se os tipos de doenças que o contato trouxe para os indígenas, as resistências expressas por eles e as situações de mortandade advindas do contato e das doenças. A discussão tem como base o conceito de fricção interétnica elaborado por Oliveira (1976) que permite mostrar as implicações do contato na identidade étnica, bem como, as doenças, a mortandade e a resistência, em decorrências das relações interétnicas do povo indígena Wari', nos documentos do extinto Serviço de Proteção aos Índios e Trabalhadores Nacionais, (SPI), que desde a sua criação em 1910 cumpre a política de tutela e nacionalização dos povos indígenas. Para a atração dos indígenas criou-se os seguintes Postos de Atração Indígenas: P. I. A. Dr. Tanajura, atual Terra Indígena Pacaás-Novas, para onde levaram o primeiro subgrupo contatado, os OroNão' do igarapé Dois Irmãos, em 1956, o P. I. A. Tenente Lira, atual Terra Indígena Igarapé Lage, onde ficaram os OroWaram, OroMon e OroWaramXijein, o P. I. A. Rio Negro Ocaia, acampamento Dom Rey e depois Barracão, onde ficaram a outra parte OroNao', OroEo e OroAt, o P. I. A. Major Amarante, atual Terra Indígena Ribeirão, para onde levaram os OroMon e OroWaramXijein em 1961 e o Posto de atração Ricardo Franco, criado antes, em 1945, produtor dos documentos administrativos utilizados na pesquisa: ofícios, boletins de atividades, inventários, telegramas e atestados de falecimentos, que indicaram as doenças que mais acometeram os indígenas nessas décadas: em primeiro lugar gripe (influenzae), em segundo lugar malária (Impaludismo-protozoário gênero Plamodium), em terceiro lugar a tuberculose (Mycobacterium tuberculosis) e em quarto lugar o Sarampo (Morbili Vírus). Essas doenças e os massacres foram as causas da dizimação dos OroNao', OraAt e OroEo, nessas décadas e em outras que se seguiram.

Palavras-chave: 1. Povo Wari'. 2. Contato interétnico. 3. Doenças. 4. Resistência. 5. Documentos SPI.

ABSTRACT

This study is about The OroNao: a history of diseases and resistance from SPI-9th I.R. records, Guajará-Mirim (1940-1970), the situations of illness, death and resistance experienced by the Wari' Indigenous People, in particular, the OroNao 'and OroNao' subgroups of the whites, in the interethnic contact process with the non-indian, in the Guaporé Territory, Ricardo Franco Station, in the years 1956 and 1961. It is a historical and bibliographical research with qualitative approach, using the Oral History method, and its object of study is the consequences brought by the contact of these indigenous subgroups with the non-indigenous in the attraction stations. The objectives relate to, describe and report the types of diseases that the contact has brought to the Indians, the resistance expressed by them and the situations of death from contact and disease.The discussion is based on the concept of inter-ethnic friction elaborated by Oliveira (1976) that shows the implications of contact in ethnic identity as well as diseases, mortality and resistance as a result of the inter-ethnic relations of the Wari' Indigenous People, in the documents of the extinct Protection Service for Indians and National Workers (SPI), which since its creation in 1910 has fulfilled the tutelage policy and nationalization of indigenous peoples. In order to attract the indigenous, the following Indigenous Attraction Stations (P.I.A.) were created: P.I.A. Dr. Tanajura, now the Pacaás-Novas Indigenous Territory, where the first subgroup contacted, the OroNão' from the Igarapé Dois Irmãos, were carried out in 1956; the P.I.A. Lieutenant Lira, the current Indigenous Land Igarapé Lage, where the OroWaram, OroMon and OroWaramXijein remained; the P.I.A. River Negro Ocaia, Dom Rey Campground and, after, Barracão, where the others OroNao', OroEo e OroAt remained; the P.I.A Major Amarante, the current Ribeirão Indigenous Territory, where they took the OroMon and OroWaramXijein in 1961 and the P.I.A. Ricardo Franco, created before, in 1945, producer of the administrative documents used in the research: letters, lists of activities, inventories, telegrams and death certificates, which indicated the diseases that most affected the indigenous people in those decades: firstly, influenza (*influenzae*); secondly, malaria (*Impaludism-protozoan genus Plamodium*); in third place, tuberculosis (*Mycobacterium tuberculosis*) and, fourthly, measles (*Morbili Virus*). These diseases and the massacres were the causes of the decimation of the OroNao ', OraAt and OroEo, in those decades and others that followed.

Keywords: Wari' People. Inter-ethnic Contact. Diseases. Resistence. SPI Documents.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DIP	Departamento de Imprensa e Propaganda
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
IHGB	Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
ISA	Instituto Socioambiental
9ª. I. R.	9ª Inspetoria Regional de Guajará-Mirim
P. I. A.	Posto Indígena de Atração
SPILTN	Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais
SPI	Serviço de Proteção aos Índios
TIs	Terras Indígenas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO **11**
1.1 Discussão Teórica e Metodológica **13**
1.2 A História Indígena nos Estudos Culturais **19**
1.3 O Contato Interétnico: Conflitos e Resistências Indígenas **22**
1.4 O Serviço de Proteção aos Índios (SPI/LTN) **26**
1.5 A 9ª Inspetoria Regional de Guajará-Mirim: Posto Indígena Ricardo Franco **36**

2 LOCALIZAÇÃO ATUAL DO POVO INDÍGENA WARI' **49**
2.1 Povos Indígenas residentes no Posto de Atração Ricardo **51**
2.2 Os Oro Wari' no Posto de Atração Ricardo Franco **54**
2.3 Antes do Contato **58**
2.4 O Contato dos OroNao' com os não Indígenas **61**
2.5 O Surgimento ou Criação dos Subgrupos **63**
2.6 Os OroNão' dos Brancos **65**

3 A IGREJA E OS ORO WARI' **68**
3.1 Consequências do Contato **73**
3.2 Doenças e Epidemias não controladas pelo Povo Indígena **75**
3.3 Os Massacres **82**

CONSIDERAÇÕES FINAIS **87**

REFERÊNCIAS **89**

FONTES DOCUMENTAIS **94**

ANEXOS **95**
ANEXO A - Entrevista a Dr. Guilles de Catheu **96**
ANEXO B - Entrevista a Dom Luiz Roberto Gomes de Arruda **106**
ANEXO C - Mapa Histórico do SPI: localização da 9ª I. R. **109**
ANEXO D - Boletim de Atividades do mês de fevereiro – P. I. Ricardo Franco **110**
ANEXO E – Índios Trazidos-Pedro de Toledo (Microforma 53, 54 e 55- MF 042 ..... **111**
ANEXO F - Telegrama: Ofício para Dr. Sebastião Moacyr Xerez Chefe da 9ª. I.R.- Porto

Velho 114
ANEXO G - Decreto de Criação de PI Ricardo Franco 115
ANEXO H - Ocorrência – Índio Júlio – Abalroamento- Morte do afilhado 116
ANEXO I - Casamento Servidores Índios no Civil para Amparar Familiares 117
ANEXO J - 22 Índios Doentes-(sarampo) de Lages Levados p/ Rio Negro Ocaia-(ficaram 100 doentes no Lage, "nas malocas") 118
ANEXO K - Pacaás Novas recém "pacificados"- Doença (febre, tosse) 119
ANEXO L - Doenças no P.I. Tanajura (Gripe e malária) 120
ANEXO M - Doença (Gripe forte em índios e brancos) 121
ANEXO N - Expedição Pacaas Novos-Fernando Cruz telegrama Inspetor Meireles 122
ANEXO O - Doenças (gripe e falta medicamento) 123
ANEXO P - Morte índia Maria Bonita (Gripe) 124
ANEXO Q - Doença- Pedido para Matar Boi para Alimentar Doentes 125
ANEXO R - Doença (Sarampo) 126
ANEXO S - Doença (Sarampo) 127
ANEXO T - Colônia IATA 128
ANEXO U - Pedido Providencias - Índios com Tuberculose 129
ANEXO V - Morte de Pessoas pelos Wari' 130
ANEXO W - Morte por Impaludismo 131
ANEXO X - Criança Flechada pelos Indígenas 132
ANEXO Y - Suspensão de Autorização – Atuação Missionários no Território 133
ANEXO Z - 5 Índios Recém "Pacificados" 134
ANEXO AA - Mais de 100 Índios Doentes nas Malocas (sem remédio, sem pessoal) 135
ANEXO BB - Recolhimento de Índios "Pacificados" (doentes) 136
ANEXO CC - Pedido Remédios Gripe (80 Índios Doentes) 137
ANEXO DD - Índios Doentes Lages (Gripe) 138
ANEXO EE - Índios Doentes Levados do Lages para Ouro Negro 139
ANEXO FF -18 Índios Trazidos do Alto Pacaas Novos 140
ANEXO GG - 8 Índios Doentes - outros na Prelazia aos cuidados do Bispo 141
ANEXO HH - Índios Doentes (Pedido p/ missionário atender) 142
ANEXO II - Índios Doentes (Gripe, impaludismo e tuberculose) 143
ANEXO JJ - Invasão de Terras Indígenas por Mineradores 144
ANEXO KK - Invasão de Terras Indígenas por Mineradores 145

1 INTRODUÇÃO

Decidiu-se pesquisar os indígenas, devido a leitura de um documento que descrevia a permanência de um menino índio, na cidade de Rio de Janeiro, que foi "adotado" por uma mulher não índia e veio a falecer.

A história aqui narrada brotou das leituras de documentos, em especial da obra intitulada "Memórias de Mato Grosso", obra na qual Maria do Carmo Reggo, esposa do presidente daquela província relata impressões, sentimentos, percepções do mundo e relações afetivas desenroladas no século XIX, com ênfase na história do menino Guido[1], que transitava no mundo Bororo com o nome de Piududo[2].

Tudo começou quando em casa de uma irmã[3] que finalizava o seu trabalho de doutoramento, pediu para eu ler um documento digitalizado em voz alta, para que ela pudesse escrever sobre assunto que era objeto de suas investigações. E quando eu li boa parte do documento me emocionei e ela ficou brava comigo e disse: - é para ler, não para chorar. Desse jeito não dá, Nega, ou você lê ou chora.

Depois de muitas conversas sobre a temática indígena, ela anunciou que tinha trazido várias cópias de documentos da 9ª Inspetoria Regional de Gajará-Mirim e que muitas histórias precisavam ser contadas, desse modo nasceu o interesse em pesquisar o assunto.

No início houve estranhamento ao ler os documentos do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), mergulhada na contemporaneidade, as primeiras impressões adquiridas relacionavam-se a angústia e até certa revolta ao conhecer uma história marcada por laços de exploração, mortandade e desrespeito ao outro. Demorou até que começasse a compreender o assunto como parte de um contexto nacional e político, não obstante, a tristeza ao identificar as marcas dessa história estão impressas também em cada letra desse texto. Ainda que a descoberta das vertentes e abordagens para o estudo da história requeiram rigor metodológico e certo distanciamento, uma confissão precisa ser feita: mesmo as décadas que nos separam e o aporte teórico necessário se fazendo presentes, não foram capazes de apagar algo que se fez morada: a indignação.

Quando saiu o edital do Programa de Mestrado de História e Estudos Culturais, ela insistiu para que eu, o Elton e o Alan fizéssemos, pois já havia feito as contas dos custos e que indo de carro conseguiríamos porque dividiríamos e ficaria mais em conta. Mas o tempo para

---

[1] Nome ocidental dado ao menino Bororo que foi "adotado" pela família Reggo.
[2] Nome indígena do menino Guido: Beija-flor (é um pássaro pequeno que gosta de voar).
[3] Uma amiga, a Adriane Pesovento, que apesar da não consanguinidade, a relação de parentesco é a de irmã.

fazer o que rezava o edital já estava exíguo e eu por não ser da área de história e sim da área de Biblioteconomia, que apesar de oferecer na matriz curricular disciplinas como: Formação Social e Política do Brasil, Cultura Brasileira, Fontes de Informação, História da Filosofia, Evolução dos Registros do Conhecimento, História da Arte, Sociologia Geral e outras, precisaria de um tempo a mais para fazer as leituras necessárias para a confecção do artigo e do projeto

Felizmente não a convenci. Ela disse que eu tinha conhecimento suficiente para fazer, e que eu ia fazer e estava decidido. Bom, a partir daquele dia 4 de setembro de 2014, eu e os colegas não fizemos outra coisa a não ser ler e escrever. E ela, mesmo viajando, não me deixou desistir. Deu dicas, corrigiu o que precisava e me fez postar o material naquele último dia. Se não fosse por ela, eu não teria feito a seleção e não teria passado.

A finalidade deste estudo é publicizar as situações de doenças, mortandade, trabalho e resistências vividos pelos Povos Indígenas Wari', em especial, os subgrupos OroNao' e OroNao' dos brancos, no processo de contato com o não índio, no Território do Guaporé-RO, Posto Ricardo Franco, no primeiro contato dos OroNao', nos anos de 1956, e do segundo contato em 1961. O objeto de estudo são as consequências trazidas pelo contato desses subgrupos com os não índios e para alcançar a proposta a cima, pautou-se especificamente em:

a) relacionar os tipos de doenças que o contato trouxe para os indígenas;
b) relatar alguns fatos documentados que mostram a resistência indígena para não se deixar atrair pelos não índios do Posto de Atração Ricardo Franco;
c) descrever as situações de mortandade causadas pelo contato dos Oro Wari' com os não indígenas;

O estudo sobre o assunto aqui descrito, justifica-se porque traz para a comunidade acadêmica não indígena, discussões sobre o que o contato do indígena com o não indígena, já visitado por alguns autores, mas aqui com o enfoque nos resultados negativos do pós contato e fatos inéditos, como os massacres dos "OroNao' do branco", dos OroWaram na aldeia *Natao*' e dos OroWaramXijein e OroMon em 3 aldeias, que denunciam o tratamento disponibilizado ao indígena, como represália à sua resistência em entregar as suas terras ao não índio. As relações interétnicas desencadearam problemas em sua organização social, em sua cultura, em sua saúde, em sua cosmologia entre outros.

Traz também elementos para repensar comportamentos na maneira de agir, pensar e teorizar a cultura indígena que pode fomentar benefícios para os indígenas de forma geral e espera-se, contribuir com a sociedade indígena, principalmente no quesito disponibilização de informações inéditas para que a sociedade envolvente se aperceba da realidade de desigualdades

sociais que essas relações geram para as sociedades ameríndias. Almeja-se que os apontamentos resultantes dessa tarefa possam contribuir, como incentivo a novas pesquisas na região, bem como provocar questionamentos sobre o que está posto no ideário das comunidades de maneira geral, referente aos povos indígenas no Brasil.

Este texto divide-se em três partes:

A primeira parte, trata da apresentação, motivos, contribuição do estudo para a sociedade indígena, discussão teórico-metodológica, aspectos etnohistóricos e geográficos da etnia Wari', especificamente do subgrupo OroNao', o contato interétnico, os conflitos e as resistências indígenas;

A segunda parte, discorre sobre a história do Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais (SPI/LTN), a localização da 9ª. Inspetoria Regional de Guajará-Mirim: Posto de Atração Ricardo Franco, e do povo Wari', em especial a do subgrupo OroNao', quem eram e como viviam antes e depois do contato e o surgimento dos subgrupos.

E a terceira e última parte, versa sobre as consequências do pós contato: as doenças e epidemias não controladas pelos OroNao', a mortandade dos Wari' nos Postos de Atração, os massacres promovidos por seringalistas com a finalidade de exterminar a população indígena e as considerações finais.

1.1 Discussão Teórica e Metodológica

Para a elaboração desta dissertação, baseou-se em três tipos de suportes informacionais: documentos históricos administrativos, em especial correspondências oficiais do Serviço de Proteção aos Índios (SPI) como cartas, mensagens manuscritas ou impressas utilizadas pelos Chefes de Postos Indígenas para relatar ao Diretor do SPI as ocorrências administrativas e fatos do cotidiano dos Postos; telegramas, mensagens via telégrafo de caráter urgente enviadas para a administração central informando mortes, ataques indígenas, prisões ou solicitando remédios e alimentos ou pedindo permissões para encaminhar doentes para tratamento em Porto Velho; memorandos, gênero textual objetivo, direto e preciso muito utilizado na comunicação interna da esfera pública que o Chefe usava para lembrar, reiterar, cobrar do seu superior pendências concernentes ao Posto; ofícios, comunicação formal adotada pelo chefe do Posto para reivindicar algo oficialmente ao Diretor em Porto Velho; relatórios, texto com descrições detalhadas de eventos e ações que eram desenvolvidas no Posto enviadas para o Diretor de Porto Velho; jornais do acervo do Instituto Socioambiental (ISA), publicação diária que fornece

notícias de fatos e acontecimentos do dia a dia, informações políticas, literárias, sociais, criminais e outras.

Uma entrevista temática a Guilles de Catheu, com perguntas abertas sobre acontecimentos pontuais experienciados na trajetória de vida do depoente no exercício da medicina e no desempenho da função de administrador do posto Sagarana nos anos de 1985 a 1991; transcrição de uma entrevista em áudio com Dom Luiz Roberto de Arruda, na Rádio Educadora de Guajará-Mirim, sobre a criação do posto de Sagarana para receber os indígenas doentes e bibliografias secundárias de autores que deram fundamentação teórica para a descrição dos fatos aqui abordados.

O acesso aos documentos históricos administrativos do SPI foi possibilitado através da historiadora Adriane Pesovento que os adquiriu no Museu do Índio, Rio de Janeiro, quando fazia a sua pesquisa de campo, para a construção de sua tese de doutoramento em 2013.

Os documentos são todos de cunho administrativo e por isso, não respondem completamente a algumas indagações deixando algumas lacunas que foram complementadas com outras fontes como já aludido anteriormente. E como esses documentos por si só, não dão conta de explicar os fatos, seja por motivo de forma ou por concepções de quem os redigiu, fez-se necessário ampliar a gama de informações com a adição de outros suportes informacionais como descrito anteriormente.

Para visualização dos tipos de documentos apresenta-se abaixo um quadro demonstrativo contendo um gênero de cada documento utilizado para a discussão no trabalho:

Quadro 1 – Documentos administrativo produzidos no P. I. Ricardo Franco

DOCUMENTOS ADMINISTRATIVOS – POSTO RICARDO FRANCO - 9ª INSPETORIA REGIONAL GUAJARÁ-MIRIM		
GÊNERO TEXTUAL	**ASSUNTO**	**ANO**
Carta datilografada - MF 042 00015	Informando que o P. I. está sem provisões (alimentos)	1946
Telegrama - MF043-00064	Capturados na mata Seringal Floresta no rio Ouro Preto - Índia Pacaás Novas com 4 filhos menores	1956
Telegrama - MF 043-00013	Seringueiro morto pelos índios	1945
Ofício - MF 042-00020.	Comunicando ocorrência policial - barco do Sr. Massud abalroa a canoa do índio Júlio e mata seu afilhado Angelino Penha afogado.	1947
Boletim de Atividades - MF 042-00022	Informando o n. da população indígena, os trabalhos efetuados e o estado sanitário da população	1947
Inventário - MF 042- 00030	Relação dos bens existentes no P. I. Ricardo Franco	
Folha de Ponto - MF 042_00092	Folha de ponto do primeiro trimestre de 1948	1948
Relatório policial - MF042-00127	Relatório policial-processo Clodoaldo-Pedofilia (1948)	1948

Fonte: Chaves, Nágila Nerval. **Documentos.** Porto Velho, 2017.

Quadro 2 – Documentos Secundários

DOCUMENTOS NÃO OFICIAIS		
GÊNERO TEXTUAL	**ASSUNTO**	**ANO**
Jornal O País	5 luas e 5 festas na aldeia Pakaa-Nova	1986
Jornal do Brasil	Padre acusa Diretor do SPI de deixar Pacaas Novos morrerem à míngua	1963
Jornal O Globo	Franciscano denuncia o SPI pela morte dos Pacaás -Novos	1963
Jornal O País	Sagarana: Igrejas brigam em Rondônia por terra indígena	1986
Entrevista Temática	Dr. Gilles de Catheu, concedida no Conselho Indigenista Missionário (CIMI) Regional de Rondônia e nas dependências da Diocese da cidade de Guajará-Mirim-RO, nos dias 9, 10 e 11 de março de 2017.	2017
Entrevista em Áudio	Dom Luiz Roberto de Arruda, na Rádio Educadora de Guajará-Mirim, sobre a criação do posto de Sagarana para receber os indígenas doentes	[20-?]

Fonte: Chaves, Nágila Nerval. **Documentos secundários.** Porto Velho, 2017.

A entrevista a Dr. Gilles de Catheu, concedida no Conselho Indigenista Missionário (CIMI) Regional de Rondônia e nas dependências da Diocese da cidade de Guajará-Mirim-RO, nos dias 9, 10 e 11 de março de 2017. Pretendia-se entrevistar também, Dom Geraldo João Paulo Roger Verdier, pela convivência por muitas décadas com os Wari', mas não foi possível devido ao estado delicado de saúde em que se encontrava no momento. Mas Dr. Gilles de Catheu também conviveu e convive com os Wari' desde a sua chegada em Guajará-Mirim em 1982, e mais frequentemente, quando foi morar em Sagarana em 1985, no exercício da medicina.

Além de conceder a entrevista, Dr. Gilles de Catheu, disponibilizou uma entrevista de Dom Roberto de Arruda na rádio Educadora de Guajará-Mirim, no Programa A Voz dos Povos Indígenas, sobre saúde indígena e a criação da aldeia Sagarana para oferecer tratamento de saúde aos índios Pakaas Novas[4], (Wari')[5], gravada em fita K7, e a tradução, feita por ele, de 2 páginas do livro "The PACAA NOVA" de Bernard Von Greave, antropólogo canadense que morou 6 meses em Sagarana entre 1969 e 1970, o livro Comendo como gente, de Aparecida Vilaça, em PDF e inúmeras informações que se fizeram necessárias para a complementaridade das descrições quando da elaboração deste texto.

[4] Optou-se por essa forma lexical porque é a utilizada pela Associação Brasileira de Antropologia e na literatura consultada, mas existem, conforme Vilaça, outros registros para designar essa etnia: Pacaas Novas, Pakaanovas, Paca Noa, Pakaas-Novos, Pacáas-Novos, Pacaas-Novos e Pacahas-Novos.

[5] Os Etnônimos indígenas foram grafados de acordo com as normas da Associação Brasileira de Antropologia.

Trata-se de uma pesquisa histórica e bibliográfica com abordagem qualitativa utilizando o método da História Oral porque é o indicado para pesquisas que fazem uso da memória no resgate do passado. A entrevista efetuada com o médico Gilles de Catheu foi estruturada na forma de pesquisa temática e utilizada simultaneamente com os documentos administrativos do SPI, das décadas de 1945 a 1970, entrevistas em jornais da década de 1960 e 1980, como O País, Jornal da Tarde e Jornal do Brasil, do acervo digital do Instituto Socioambiental (ISA), entrevista a Dom Roberto de Arruda no programa da Rádio Educadora de Guajará-Mirim, A voz dos Povos Indígenas e textos bibliográficos antropológicos, sociológicos e da área de saúde.

A discussão tem como base o conceito de fricção interétnica elaborado por Oliveira (1976) para problematizar algumas implicações como doenças, mortandade trabalho, resistência, em decorrências do contato do povo indígena Wari', especificamente dos subgrupos OroNao' e OroNao' dos brancos, com os não indígenas, denominados por eles como branco. Implicações essas, advindas das fricções interétnicas, que é a relação de dominação que o não índio exerceu sobre o índio e da sujeição desse, ao não índio, resultado da conjunção de etnias marcadas por uma assimetria expressiva de dominação de uma cultura sobre a outra, nesse encontro de culturas tão diferentes. (OLIVEIRA, 1976).

Considerou-se a "cultura do contato," de Oliveira (1976, p. 23), que é o sistema de valores capaz de fornecer as condições necessárias para a abstração da identidade étnica "conjunto de representações (em que se incluem também valores) que um grupo étnico faz da situação de contato em que está inserido e nos termos da qual classifica a si próprio e os outros" para balizar no estudo, os problemas resultantes das diferenças de valores culturais que são simultâneos em uma cultura.

Com base no conceito de cultura formulados por Clifford Geertz (2008, p. 8-39), como um "padrão de significados transmitidos historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas e expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação a vida," procurou-se descrever aqui, os danos advindos do contato que são as doenças, mortandade, trabalho, gerados pela fricção interétnica das duas culturas: a do não indígena com a do indígena, em Território do Guaporé, no Posto Ricardo Franco, em 1956 e 1961.

O estudo pôde apontar alguns fatos relativos à mortandade, trabalho e resistências das etnias indígenas na Amazônia, especialmente os que dizem respeito ao Povo Wari', falantes de língua da família linguística Txapakura, no Posto Ricardo Franco que naquela temporalidade, situado no Território do Guaporé, hoje município de Guajará-Mirim e mais especificamente o

subgrupo OroNao', que vive, hoje, nos Postos Indígenas: Ribeirão,[6] Lage, Rio Negro-Ocaia, Pacaás Novos, Guaporé e Sagarana, atualmente Terras Indígenas homologadas.

A doença ao longo da História no ocidente passou por várias concepções desde as primitivas, em que a doença podia ser considerada como uma ocorrência sobrenatural, castigo dos deuses malévolos, algum espírito ou ainda obra de algum inimigo com poderes especiais até o desenvolvimento da Patologia Experimental e da Patologia Celular em meados da primeira metade do século XIX, enfim, à doença era atribuído todo o tipo de sortilégios:

> Nesse quadro geral, a doença foi diversamente contemplada, ora como fruto de invasão do organismo por matéria estranha, ora como "perda da alma", ora em termos de corpo "tomado" por fantasmas, ora como decorrência do rompimento de tabus, ora, enfim, como fruto de ritos mágicos. [...] o que se nota (século XVIII e primeira metade do século XIX) é o desenvolvimento da Patologia Experimental e da Patologia Celular. Nesse quadro, as figuras principais são Morgagni e Virchow, pois assentam os alicerces da Medicina Moderna. Várias doenças foram mais claramente descritas e entendidas do que o haviam sido em tempos anteriores, tendo em conta as contribuições da Patologia. Faltava, porém, estabelecer as causas das doenças. (HEGENBERG, p. 18-27).

No século XIX, o conceito de doença era mensurado com base no que se entendia por normal e só o que alterasse esse estado saindo da "normalidade" era considerado doença:

> No século XIX, os médicos passaram a entender a doença em termos de desvios com respeito à normalidade. O "deus" da mensuração, que tanto êxito havia alcançado na Astronomia e na Física, preparava-se para conquistar a Medicina! Quem está doente? Aquele que se afasta do "normal". A mera presença de bacilos não caracteriza doença; esta existe quando a quantidade de bacilos ultrapassa um dado "índice de normalidade". A questão é: como fixar um tal índice? (HEGENBERG, p. 28).

No final do século XIX, a medicina ainda permanecia com muitas questões em aberto, sem respostas e o século XX inicia-se com esse legado para solucionar:

> [...] é claro que as idéias não se haviam tornado claras, no final do século XIX. Dúvidas sérias se acumulavam. Seriam as doenças "entidades" que afetam as pessoas? Ou seriam "estados" que as pessoas atravessariam? Há *doenças* ou há apenas *pessoas doentes?* Todas essas questões voltariam a colocar-se nas agendas de médicos e de filósofos, no século XX, exigindo atenção e estudos meticulosos. (HEGENBERG, 1998, p. 29, grifo do autor).

As doenças que acometeram os Wari' podem ter chegado com a expedição de Fernando Cruz:

> É evidente, entretanto, que a grande carga de agentes patogênicos estranhos apareceu antes, se não com os membros da expedição de Fernando Cruz, recolhidos às pressas, certamente com os índios do Lage, que já saíram de lá doentes. De acordo com d. Roberto, o surto de doença era esperado, mas o número de índios que habitava aquela região foi subestimado. (VILAÇA, 2006, p. 470).

---

[6] Os então Postos indígenas da época, são hoje, em sua maioria, Terras Indígenas (TI) legalizadas ou em vias de legalização.

Ainda conforme Vilaça (2006, p. 470), [...]. “De todo modo, o problema era a falta de remédios. [...]. No dia 8 de agosto embarcaram em direção ao Ocaia com “os medicamentos e mais provisões, leite, fubá de milho...”. ”

Hoje, século XXI, com todos os avanços da medicina o conceito de saúde da Organização Mundial de Saúde é que “A saúde não se caracterizaria "negativamente", pela ausência de doenças, mas seria um estado de completo bem-estar físico, mental e social.” (OMS, 1948).

François Laplantine em seu livro Antropologia da doença explica a doença por meio de estudos dos processos de transformação dos diferentes modelos etiológicos e terapêuticos de representação da morbidez e da saúde:

> A história da medicina pode ser considerada como a história de modelos etiológicos irredutíveis que se excluem, bem como de respostas terapêuticas que se sucedem. Isto se traduz ao nível de uma leitura empírica pelos renascimentos, descontinuidades, rupturas, distâncias (por exemplo, entre a interpretação erudita ou especializada e a reinterpretação popular ou comum). O antropólogo, portanto, se perguntará: por que em uma determinada época um dos modelos sobrepõe-se aos outros, que nem por isso estão ausentes, mas marginalizados ou rechaçados? A coexistência conflituosa que os modelos mantêm entre si [...] Ele tentará explicar por esse meio as contradições de uma sociedade num determinado momento de sua evolução, sem que as representações da morbidez e da saúde possam, não obstante, ser consideradas como reflexos perfeitos da sociedade considerada (LAPLANTINE, 2010, p. 45).

O autor analisa o processo mórbido em vários aspectos conforme cada modelo, como exemplo, no modelo funcional ou relacional ele discorre sobre a doença como ruptura do equilíbrio: entre o homem e ele mesmo, entre o homem e o cosmos, entre homem e seu meio social. Para Laplantine (2010, p. 56), a “doença é a própria função fisiológica, mas a função fisiológica *desviada*.”

Desde o Brasil colonial a disseminação de doenças para as quais os povos indígenas têm baixa imunidade parece ser uma das causas da depopulação e até do extermínio de vários grupos étnicos brasileiros. Nas primeiras décadas do século XX esse fenômeno se repetiu nos Postos Indígenas Dr. Tanajura no baixo rio Pacaas Novos, na foz do rio Ouro Preto localizado na atual aldeia Tanajura onde foram aldeados os OroNao’ do Igarapé Dois Irmãos, primeiro subgrupo contatado no ano de 1956 e no Major Amarante, nas proximidades da ponte Ribeirão, atualmente Terra Indígena Ribeirão, principal aldeia da T I. Ribeirão para onde foram levados os Wari’ dos subgrupos Oro Mon e Oro Waram Xijein em 1961.

Ocorreram muitas mortes, especialmente entre aqueles que se recusaram a ir até Koxain, ou que voltaram para suas aldeias já contaminados.

1.2 A História Indígena nos Estudos Culturais

Os anos 1950 nascem prometendo mudanças que trarão resultados positivos para os anos de 1960. A automação da produção a do consumo, o consumismo possibilitado pelo sistema de crediário e divulgação pelos meios de comunicação, a emancipação sexual da mulher com a criação da pílula anticoncepcional, os eletrodomésticos facilitando a vida doméstica, o carro, os meios de locomoção urbanos, as vitrolas e os aparelhos de TV, provavelmente o maior meio de comunicação massivo que mostrou imagens inéditas da lua, quando soviéticos e americanos lançaram satélites artificiais girando ao redor da lua e da terra, como o Sputnik, o Explorer I, o Lunik II e o Explorer IV.

O cinema, apesar de ter contribuído com o preconceito sobre o indígena, trouxe inovações técnicas, grandes espetáculos de produtores independentes com temas intimistas e políticos representados por estrelas como Marilyn Monroe, Marlon Brando, James Dean, que com seus personagens influenciaram os valores, os hábitos e o modo de vida transformando padrões de comportamento dos jovens da época. Ele trouxe também outros gêneros musicais entre eles o rock and roll e o maior ídolo do rock, Elvis Presley que influenciou muitos jovens e muitos roqueiros da época.

No Brasil dos anos 1950 o país viveu o sonho do desenvolvimento e a expectativa de vencer os problemas sociais e econômico. E o Eldorado era parte desse sonho, não só pela borracha que em 1950, Rondônia ocupava o terceiro lugar na produção, mas principalmente pelas riquezas minerais, e por isso em 1952, com a exploração da cassiterita, as atenções voltaram-se novamente para ela.

A situação não era das melhores, pois tinha se agravado consideravelmente com a construção da colônia Presidente Dutra, ao sul da foz do rio Lage, primeira colônia do estado de Rondônia criada pelo governo brasileiro em 1945, localizada no distrito do Iata, nas proximidades do quilômetro 337 da Estrada de Ferro Madeira Mamoré, conhecida como colônia do Iata. (VILAÇA, 2006, p. 229).

Mas com a nova conquista, a cassiterita na serra dos Pacaás Novos, os Wari' tiveram o seu território da região dos rios Lages e Ribeirão, invadidos pelos grupos exploradores de minérios, e a partir daí foram raptados, massacrados para a realização desse sonho desenvolvimentista do governo Vargas.

Não só os Wari' sofreram com a povoação dos territórios brasileiros, os vários povos

indígenas, em especial, os da Amazônia, foram vítimas das maiores violências que perpassaram pela atração e inserção dos indígenas no trabalho, pela resistência desses povos ao serem obrigados, por um projeto de nação, a se tornarem não índios e mão de obra escrava e semiescrava para o desenvolvimento da agricultura nas terras ainda "não povoadas" e fronteiriças, e que para esse fim, foi criado o aparelho do estado, idealizado por Cândido Mariano da Silva Rondon, o Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais (SPI/LTN), que concretizou no projeto a ação governamental monopolizadora das relações entre Estado e populações indígenas no decorrer de suas convivência/vivências com a cultura dos não indígenas.

Essa interação das duas culturas trouxeram aos indígenas um legado de desorganização social, cultural e cosmológico que pode ser a causa da instabilidade da identidade étnica dos povos indígenas. De acordo com o informante Gilles de Catheu, os hábitos e costumes dos índios foram mudados pela convivência com os não índios, um costume que mudou e conforme o olhar médico e pode ter gerado problemas, foi quando começaram a usar roupas, pois se sentiam constrangidos com o olhar desconcertante do não índio. Para ele a introdução de animais domésticos nas residências, contribuíram para que as verminoses também se manifestassem:

> A saúde geral dos Pacaa Nova alterou-se rapidamente depois do contato. Não apenas devido a sucessivas epidemias de Influenzae e sarampo, mas também devido à contaminação por parasitos por causa das péssimas condições de higiene nas aldeias [...] galinhas, porcos e outros animais domésticos foram introduzidos contribuindo com o aumento de parasitos. (informação verbal).[7]

A afimação no excerto: "mas também devido à contaminação por parasitos por causa das péssimas condições de higiene nas aldeias" pode ter sido influenciada pela formação acadêmica de Dr. Guilles, afinal a medicina do início do século XIX já havia adotado o projeto eugênico iniciado Alemanha e introduzido na Suissa, Dinamarca e Estados Unidos e que nos anos de 1920 chegou no Brasil nas escolas de medicina da Bahia e do Rio de Janeiro:

> A eugenia permitia prever a "perfectibilidade," supor uma melhoria da raça, noções até então consideradas pouco legítimas na escola da Bahia. Já para a faculdade carioca, o reconhecimento da eugenia viabilizou a criação de novos espaços de atuação social. [...] ou seja, habituados a liderar amplos programas higiênicos e campanha de vacinação compulsória, os médicos cariocas agora, com a implementação de medidas eugênicas, encontrar uma forma de continuísmo em seu projeto de inserção social. (SCHWARCZ, 1993, p. 310).

[7] Informação disponibilizada por Dr. Gilles de Catheu em entrevista feita nos dias 09/03, 10/03 e 11/03 de 2017, em Guajará-Mirim-RO.

Os indígenas não tinham o hábito de usar roupas e nem criar animais domésticos, mas tiveram que se adaptarem a essas novidades, pois eram necessárias à sua sobrevivência. Eles não tinham outra saída a não ser sujeitarem-se aos costumes da cultura a qual estavam inseridos:

> Essa identidade é característica de sujeitos que ao passarem pela diáspora não perderam os vínculos com os lugares de origem e suas tradições, porém vivem numa terra da qual eles não surgiram, e esses sujeitos se veem obrigados a traduzirem, "negociar com as novas culturas em que vivem", sem nunca serem unificados a elas (HALL, 2014, p. 52).

No entanto, acredita-se que toda cultura é díspare e genuína em suas diferenças e especificidade e só uma convicção determinista imporia uma cultura sobre a outra.

Os Estudos Culturais, no Brasil, não são estruturados como na Inglaterra e Estados Unidos, e importar ideias do exterior para aplicar numa realidade que nada tem a ver com a realidade brasileira é muito complicado, mesmo porque não existe homogeneidade nas culturas e é justamente por isso que são ricas em suas diferenças e especificidades.

> Os Estudos Culturais não existem no Brasil como área disciplinar. Claro, o interesse pelo que é produzido, seja na Inglaterra, via Escola de Birmingham, seja nos Estados Unidos, como estudos literários, pós-modernidade, globalização, está presente entre nós. Mas os termos da discussão são outros. Não sei se eles constituirão no futuro uma especialização acadêmica nem saberia dizer se isso seria realmente desejável. A verdade é que a institucionalização do conhecimento na esfera das humanidades se encontra mais ou menos definida, constituída por disciplinas e algumas atividades específicas, tais como comunicação e artes. Mesmo nos institutos e departamentos de Letras, as tradicionais divisões de ensino e pesquisa parecem vigorar sem maiores constrangimentos. Isso estabelece de imediato um "dentro" e um "fora", pois, as perguntas sobre a possível relação entre "estudos culturais" e "estudos literários", o destino dos "estudos culturais", sua politização ou não, nada têm de universal. (ORTIZ, 2004, p. 120),

As realidades contextuais de países como Inglaterra, Estados Unidos são diferentes da brasileira e, portanto, estabelecer que aqui, os Estudos Culturais, podem seguir os mesmos métodos e parâmetros de lá, torna-se no mínimo incoerente. [...] os EC caracterizam-se pelo reconhecimento da existência da ação social e pela importância dada ao contexto, ou seja, atenta-se para as especificidades e particularidades culturais articuladas a uma conjuntura histórica determinada." (ESCOSTEGUY, 2006, p. 5).

As especificidades culturais devem ser respeitadas considerando o contexto histórico e social.

> Com o intuito de legitimar uma esfera cultural antes desprezada e desconsiderada, os estudos culturais concentraram-se quase que exclusivamente na cultura dos meios de comunicação e nas formas de sua recepção, sobretudo, nas práticas populares envolvidas nesse processo. Ao invés de romper com a lógica da bifurcação entre cultura "alta" e "baixa", os EC acabaram por reproduzi-la ao contrário. Isso ocorreu, principalmente, após a descoberta de que o espaço do consumo não podia ser visto

> como um momento de mera passividade, mas como algo que envolvia diferentes usos e apropriações. (ESCOSTEGUY, 2006, p. 6).

No empenho para justificar o que antes era preterido na cultura os Estudos Culturais acabaram por refazerem nos estudos atuais o que não era aceito nos estudos anteriormente, ou seja, caíram na mesma armadilha.

1.3 O Contato Interétnico: conflitos e resistências Indígenas

Os OroNao', foi o primeiro subgrupo a estabelecer contato com os não índios do Posto Ricado Franco, funcionários do SPI e missionários da Missão Novas Tribus do Brasil, no ano de 1956. Os indígenas existentes no Posto até aquele momento eram de outras etnias como Mondé (Sanamaiká), Massacá (Aikanã), Canoé (Kanoê), Macurape (Macurap), Caapixanã (Wapichana), Tupary (Tupari), Cassupá, Tacanã, Pakaa Novas (Wari'), não se sabe de qual subgrupo, mas conforme correspondências[8] do SPI, em 1947 já existiam alguns Wari' no Posto Ricardo Franco.

Com base no que consta nas literaturas, inclusive em Vilaça (2006, p. 143), informa que nos relatos colhidos por ela, de pessoas Wari', "alguns homens wari' participaram, em 1963, de uma malfadada tentativa de contatá-los".

Nos relatos do informante Gilles de Catheu, as tentativas de contato com os Wari' foram várias. Nessas tentativas infrutíferas, sempre ocorriam mortes, pois os seringalistas que organizavam as "expedições de contato," quando não conseguiam o intento acabavam em conflitos com os indígenas, fazendo dessas tentativas verdadeiros massacres.

Conforme informantes Oro Win, os seringalistas Manuel Lucindo e Chico Ramos, em uma das muitas expedições de extermínio estavam presentes. (Vilaça, 2006, p. 143).

Os conflitos do indígena com o não indígena eram constantes, de acordo com Gilles de Catheu, "antes do contato pacífico (1956 para uns e 1961 para outros) e da aparição de doenças contagiosas que aniquilaram os Wari', houve muitas perdas por armas de fogo: seja por ataques isolados de seringueiros ou por massacres organizados por seringalistas." (informação verbal)[9].

Os problemas dos povos indígenas no país, são tão antigos quanto a chegada dos

---

[8] Ver Relação dos Indios trazidos do Posto A. Ministro Pedro de Toledo no Anexo E, p. 10.

[9] Informação fornecida por Dr. Gilles de Catheu em entrevista feita nos dias 09/03, 10/03 e 11/03 de 2017, em Guajará-Mirim-RO.

Portugueses ao Brasil. Apesar de a Constituição de 1891, não fazer nenhuma referência aos índios do Brasil, o assunto foi discutido nos debates da Constituinte, por um grupo positivista Comteano que "propuseram que os índios deveriam ser considerados como nações livres e soberanas e que fossem organizadas em Estados com o título de "Estados Americanos Brasileiros," em oposição aos "Estados Ocidentais Brasileiros." A intenção era dar autonomia aos índios sobre os seus territórios, mas a proposta não foi aceita:

> [...] A solução proposta é humanitária e justa, mas não assenta na realidade dos fatos e é inexeqüível. Digo que não assenta na realidade dos fatos porque, nem mesmo empiricamente existe na atualidade espírito de federação entre as **raças selvagens e a civilizada[10],** nem daquele entre si, e menos relações amistosas que possam ser manutenidas. A triste verdade é de um permanente conflito entre uma raça invasora impelida pela necessidade ou pela ambição e as tribos nômades, vivendo da caça e pesca e defendendo até a morte vastas áreas de território, que lhes ministram os elementos de vida. Se, porém, o sistema indicado não pode ser absolutamente observado, e se é força optar pela catequese e a guerra, ministra, todavia, base para sobre ele calcar-se regime mais humanitário, um *modus vivendi* menos incompatível com o sentimento humano, com moral cristã e com o culto da justiça. Em meu conceito é fatal a solução do problema etnológico pela assimilação do aborígene ao gênero civilizado. (LIMA, 1989 apud AZANHA, 1991, p. 40-41, grifo nosso).

Acima está descrito desde quando os indígenas sofrem com os conflitos, fato que ocorre até hoje, em pleno século XXI, resguardadas algumas diferenças, os povos indígenas ainda sofrem as consequências do colonialismo, que parece está arraigado nos pilares culturais dos chamados "civilizados" que não têm respeito à sua identidade étnica. Está claro que o não indígena, nunca soube lidar com a questão da alteridade, sempre impondo ao índio a sua cultura de forma que não há outra alternativa a não ser a de sujeição do indígena na dialética dessa relação. O problema estrutural, político e social impediram que os postos de atração, após os contatos interétnicos, propiciassem aos indígenas a manutenção de suas necessidades básicas, o foi e ainda é uma das causas do desmantelamento da organização cultural, étnica, social e comológica dos povos ameríndios, especialmente a dos Wari':

> Desde o início desta exposição e em meus escritos anteriores sobre a questão identitária, sempre tratei o conceito de identidade como um fenômeno caracterizado por uma evidente (para mim e para autores como Barth) autonomia relativamente à cultura, qualquer que fosse o conceito que dela pudéssemos ter. Claro que continuo considerando como correta essa idéia de autonomia. Todavia, é bom esclarecer, que em se tratando de autonomia isso não significa atribuir à cultura um status de epifenômeno, sem qualquer influência na expressão da identidade étnica. Isto é, no fluir da realidade sócio-cultural a dimensão da cultura, particularmente em seu caráter simbólico – como a "teia de significados" de que fala Clifford Geertz –, não pode deixar de ser reconhecida tanto quanto a identidade daqueles – indivíduos ou grupos – estejam emaranhados nessa mesma teia. Ambas, tanto cultura quanto identidade, enquanto dimensões da realidade intercultural são relevantes para a investigação. E é por isso que o papel da cultura não se esgota em sua função diacrítica, enquanto marcadora de identidades nas relações interétnicas. A variável cultural no seio das relações identitárias não pode, assim, deixar de ser considerada, especialmente quando

[10] Designação utilizada nas literaturas do século XVIII, não compatível com a concepção atual.

> nela estiverem expressos os valores tanto quanto os horizontes nativos de percepção dos agentes sociais inseridos na situação de contato interétnico e intercultural. Será, portanto, nas sociedades multiculturais é que a questão da identidade étnica e de seu reconhecimento vai se tornar ainda mais crítica. Em tais sociedades a dimensão da identidade étnica relacionada com a da cultura tende a gerar crises individuais ou coletivas. E com elas surgem determinados problemas sociais susceptíveis de enfrentamento por políticas públicas, como, por exemplo, as chamadas políticas de reconhecimento. (OLIVEIRA, 2005, p. 18).

As relações interétnicas estabelecidas com o contato do indígena com o não indígena, e no contato diário de convivência, geram implicações hierárquicas, que nada mais são do que, a posição de classe que ocupa nessa inclusão, que é imposta ao indígena na estrutura social a qual ele é inserido, quando é levado para um posto de atração, e confundido com o homen do campo ou com o agricultor, ou quando é forçado pelas contingências a morar nas cidades, e é confundido com operários ou trabalhadores braçais.

É sabido que assim que os índios eram contatados e levados para os postos, eram enviados para as lavouras existentes nesses locais ou para as fazendas de criação de bovinos, ou ainda para a extração de castanhas, látex nos seringais e outros.

A sociedade envolvente pressiona o não indígena de muitas formas que nem sempre é positiva como no exemplo examinado por Oliveira (1991, p. 17), em que um avô dribla a tradição do status clânico promovendo a identificação étnica para conceder aos seus netos a identidade étnica e com isso “o direito à terra e à “proteção” que embora insuficientes são necessárias numa região de conflitos entre índios e “patrões,” seringueiros e seringalistas.” [...] nas relações do índio com o não índio, o índio sempre tem que optar por uma condição que o favoreça, hora reafimando a sua identidade étnica, hora abandonando-a e se passando por civilizado.

Segundo Gilles de Catheu, As relações entre os Wari’, seringueiros e seringalistas eram um problema constante, pois tanto por parte do indígena como do não indígena a intolerância à cultura do outro era exacerbada por ambas as partes:

> Antes do contato que ocorreu em 1961 (para 80% da população Wari´), a penetração dos seringueiros nas terras indígenas era conflituosa. A maioria dos seringueiros não respeitava os códigos e sinais deixados pelos indígenas. Uma pena de nhambu fincada na estrada de seringa devia ser contornada e não arrancada. Quando os Wari viravam os canecos de seringa (derramando o látex) ou furtavam um objeto da colocação, o seringueiro não devia demostrar irritação. Os seringueiros que davam tiros pelo ar, ou pior ainda, que atiravam nos Wari´ que avistavam, corriam um forte risco de serem flechados. Preocupados com a produção da borracha, os seringalistas organizaram expedições punitivas. O objetivo era acabar com até o último índio. Os poucos que conseguiam escapar e que chegamos a conhecer tem chumbo em alguma parte do

> corpo. (informação verbal).[11]

Essas atitudes dos indígenas e dos não indígenas relatadas por Gilles de Catheu, no excerto acima, podem ser exemplificadas no modo de agir de Colombo em relação à língua do outro no texto de Todorov:

> Este comportamento desemboca no assimilacionismo, na projeção de seus próprios valores sobre os outros ou então parte da diferença, que é imediata mente traduzida em termos de superioridade e inferioridade (no caso, obviamente, são os índios os inferiores): recusa a existência de uma substancia humana realmente outra, que possa não ser meramente um estado imperfeito de si mesmo. Estas duas figuras básicas da experiencia da alteridade baseiam-se no egocentrismo, na identificação de seus próprios valores com os valores em geral, de seu eu com o universo; na convicção de que o mundo é um. (TODOROV, 1996, p. 40).

Apesar de esse tipo de situação acontecer com frequência nos seringais, existiam também os seringueiros que evitavam confrontarem-se com os Wari', Gilles de Catheu disse que:

> Por outro lado, seringueiros nos contaram que nunca se sentiram ameaçados. Faziam de tudo para respeitar os códigos, dependuravam terçados velhos, e não demostravam irritação quando desaparecia algum objeto. Frequentemente, os mesmos eram presenteados com carne moqueada. (informação verbal).[12]

Pode-se intertextualizar este fragmento "Faziam de tudo para respeitar os códigos, dependuravam terçados velhos, [...], " da fala de Catheu com o fragmento do texto de Todorov que explica a frase dita por um índio sobre sua percepção em relação aos cristãos:

> "Um dos índios que vinham com o Almirante falou com o rei dizendo-lhe que os cristãos vinham do céu e andavam a procura de ouro" ("Diário", 16.12.1492). Esta frase é verdadeira em mais de um sentido. Pode-se dizer, simplificando até a caricatura, que os conquistadores espanhóis pertencem, historicamente, a época de transição entre uma Idade Média dominada pela religião e a época moderna, **que coloca os bens materiais no topo de sua es cala de valores.** Também na prática, a conquista terá estes dois aspectos essenciais: os cristãos vêm ao Novo Mundo imbuídos de religião, e levam, em troca, ouro e riquezas. (TODOROV, 1996, p. 40, grifo nosso).

Mas o que esses seringueiros faziam na realidade, era enganar os indígenas com ferramentas velhas que não lhes serviam mais, então o resultado é o mesmo de sempre: o outro não é importante.

Os indígenas não flechavam os não índios à toa, na realidade eles só revidavam, pois toda vez que acontecia as expedições punitivas contra os Wari', o que resultava em várias mortes, eles vingavam as mortes dos seus, mas não faziam uma correlação entre os culpados e os inocentes, conforme Gilles de Catheu, eles precisavam fazer guerra para extravasar a dor e o ódio que sentiam naquele momento:

> Os Wari´ sobreviventes de um massacre buscavam vingar seus mortos. E nem sempre

---

[11] Informação proferida por Dr. Gilles de Catheu em entrevista feita nos dias 09/03, 10/03 e 11/03 de 2017, em Guajará-Mirim-RO.

[12] Id., 20017, p. 3-4

> havia uma correlação entre quem matou os Wari´ e quem era flechado. A cidade de Guajará-Mirim era cercado de Wari´ do grupo OroWaram que, à noite, aproximavam-se das casas. Em 1949, foi criada a Colônia Agrícola do Iata, distante de 25 km de Guajará-Mirim. O acesso se dava pela ferrovia, beirando o rio Mamoré, ou por uma estrada de chão. Os colonos eram potenciais alvos das flechas dos Wari´, que depois de um massacre se vingavam para passar a raiva, entretanto, sem a intenção de acabar com os "brancos". Os antigos moradores de Guajará-Mirim contam que não se passava uma semana sem que houvesse uma pessoa flechada. Felizmente para elas, a ponta das flechas não tem veneno. Evidentemente, não havia repórter nem jornalista para contar o que acontecia nas aldeias. (informação verbal).[13]

Sabe-se que não há como mensurar as intenções dos Wari', na ocasião, mas o fato de o Dr. Gilles conviver com os Wari' desde 1985, pode-se inferir que a afetividade exerce influência sobre a sua concepção com relação ao comportamento desse povo indígena, naquela época, então acredita-se que a expressão "sem a intenção de acabar com os brancos" seja a maneira que encontrou para defender os indígenas, com os quais no percurso dos 33 anos de convivência, construiu laços afetivos, impedindo-o de analisar com criticidade os acontecimentos repassados a ele por meio da oralidade.

Os conflitos eram constantes e aconteciam de formas e aspectos vários e alguns documentos, como o telegrama transcrito a seguir, comprovam isso:

> Telegrama
> Of Dr. Sebastião Moacyr Xerez Chefe da 9ª. IR
> Porto Velho
> Guajará-Mirim 125 91 17 15,55
> Of 45. Comunico-vos chegou ontem esta cidade vg. Seringueiro morto pelos indios em paca novas Pt Fui convidado delegado policia ah presenciar delito Pt. Viajarei hoje as 15 horas companhia Sr. Vasconcelos destino Porto Franco. Pt. Mercadoria Pedro Toledo despachada. Seguir lancha dia 25 P.t Saudações. Clodoaldo Dantas Enc. P R Franco.
> (MF 043_00064.tif, 1956, planilha 3, 1978).

Esse documento é a demonstração de que os indígenas não aceitavam a invasão dos seus territórios passivamente. Provavelmente esse seringueiro estava próximo ao rio ou a aldeia desses índios. Como o local informado é o Pacaás Novos, pode ter sido um dos subgrupos Wari', pois eram eles que habitavam as duas margens desse rio.

1.4 O Serviço de Proteção aos Índios (SPI/LTN)

A Criação do Serviço de Proteção aos Índios e Localização dos Trabalhadores Nacionais (SPI/LTN)[14] tinha como objetivo principal prestar "assistência" aos índios do Brasil. O projeto

---

[13] Id., 20017, p. 3-4.

[14] Convencionou-se em usar essa barra para separar o Serviço de Proteção aos Índios do Serviço de Localização dos trabalhadores Nacionais porque os documentos analisados são produzidos nas duas temporalidades: parte

pretendia “civilizar” o Índio e transformá-lo em trabalhador nacional, nos moldes ocidental, sem o mínimo de consideração ou respeito pela multiplicidade cultural dos povos originários.

A política indigenista foi pensada de maneira a compactuar para consolidar o povoamento das regiões habitadas pelos povos nacionais e a questão da terra como meio de formar a nação brasileira:

> Nação, em seu sentido político moderno, é uma comunidade de indivíduos vinculados social e economicamente, que compartilham certo território, que reconhecem a existência de um passado comum, ainda que divirjam sobre aspectos desse passado; que têm uma visão de futuro em comum; e que acreditam que esse futuro será melhor se se mantiverem unidos do que se separarem, ainda que alguns aspirem modificar a organização social da nação e seu sistema político, o Estado. (GUIMARÃES, 2008, p. 145).

Com o surgimento do Estado nacional brasileiro (OLIVEIRA, 1991), era imperativo que se criasse uma identidade nacional, um sentimento de pertencimento à aquela cultura, àquela nação, o que os discursos de intelectuais do momento trataram de produzir através do romantismo, século XIX, movimento literário brasileiro, que por meio de seus escritores indianistas suscitou na literatura e nas artes a exaltação do indígena brasileiro como o verdadeiro herói nacional.

> Os movimentos nacionalistas nas diversas colônias, com a variação natural de tempo e espaço, foram movimentos de afirmação da nacionalidade, de recuperação de tradições, de idioma, de autonomia política e de independência, em relação inicialmente às metrópoles coloniais européias, e, mais tarde, se transformaram em movimentos de afirmação política e de desenvolvimento econômico independente dos Estados que se originaram nas ex-colônias. (GUIMARÃES, 2008, p. 147).

E autores como, Gonçalves Dias, Gonçalves de Magalhães, José Basílio da Gama, Santa Rita Durão e José de Alencar, e nas artes plásticas, Vitor Meirelles e Adolfo Almoedo reforçaram o sentimento nacionalista da época com obras como o Guarani, Iracema, I-Juca Pirama, Canção do Exílio**,** Marabá, Canção do Tamoio, Uruguai, Caramuru, O Canto do Guerreiro, Os Timbira, poema épico inacabado, interrompido nos quatro primeiros cantos, A confederação dos Tamoios, e nas artes A Primeira Missa, quadro pintado por Vitor Meirelles e Marabá e Último Tamoio pintados por Adolfo Almoedo.

De acordo com Feitosa (2011, p. 14-22), recém-independentes, os romancistas brasileiros empenharam-se na elaboração de um projeto de nação que fosse capaz de criar uma particularização do Brasil em relação a Europa e que pudesse revelar-se como uma literatura nacional distinta e autônoma da portuguesa.

---

quando o SPI era ligado ao LTN, em 1910 e parte após a sua desvinculação em 1918 (Decreto-Lei nº.3.454 de 6 de janeiro de 1918).

Para isso, além de criarem limites geográficos, destacando a exuberância natural das paisagens, também começaram a refletir sobre a instituição de uma língua literária brasileira, que deveria diferenciar-se da língua portuguesa.

Para esse novo Brasil que sugira forjou-se signos identitários que mesclassem hábitos, costumes e fazeres dos grupos étnicos para construir a identidade da nova nação nacional.

> Em lugar do cavaleiro medieval, a figura do índio é idealizada porque seria um antepassado nacional legitimamente brasileiro, e não europeu. Logo, um dos temas centrais da primeira geração é o indianismo. Outro tema é a exaltação da pátria (nacionalismo ufanista), pois nossos primeiros românticos entenderam que sua missão era fundar uma identidade brasileira. (SOUZA, 2011, p. 4).

Em meio a essa trama cultural política, muitos grupos de povos originários lutavam pela sobrevivência frente ao extermínio resultante dessa política de incorporação que se intensificou com a criação do Serviço de Proteção aos Índios e Localização dos Trabalhadores Nacionais (SPILTN), idealizado por Cândido Mariano da Silva Rondon, que foi o seu primeiro diretor, criado em 20 de junho de 1910, pelo Decreto nº. 8.072 e transformado em Serviço de Proteção aos Índios em 1918. Extinguiu-se em 1967 e transferiu as suas responsabilidades e acervo para a atual Fundação Nacional do Índio (Funai), que assiste aos povos indígenas atualmente, 2017.

A prática adquirida por Rondon no trato com os indígenas devido ao tempo em que conviveu com esses povos, quando à frente da construção das linhas telegráficas do Mato Grosso ao Amazonas, fez do Marechal, o homem ideal para dar conta do plano de expansão do interior, do governo Afonso Penna:

> Com a intenção de ampliar ainda mais o alcance das linhas telegráficas federais, Affonso Penna, Presidente da República entre os anos de 1906 e 1909, criou a Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas do Mato Grosso ao Amazonas, também conhecida como “Comissão Rondon”. O objetivo primordial desta comissão era estender uma linha telegráfica entre as cidades de Cuiabá e Porto Velho, às margens do Rio Madeira, atualmente localizadas respectivamente nos estados de Mato Grosso e Rondônia. Com isso, estaria completa a ligação telegráfica do Rio de Janeiro como o estado do Amazonas e a região do Acre, recém adquirida pelo Brasil através do Tratado de Petrópolis, assinado em 1903 e onde se executavam os trabalhos de construção da Ferrovia Madeira-Mamoré. (DOMINGUES, 2010, p. 1).

O SPILTN, desde a sua existência, esteve ligado a vários órgãos, a saber: de 1910 a 1930, integrou o então Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio (MAIC), vinculando-se de 1930 a 1934, ao Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio (MTIC). Após 1934 a 1939, esteve integrado ao Ministério da Guerra, por meio da Inspetoria de Fronteiras. Em 1940, voltou ao Ministério da Agricultura e, posteriormente, passou a integrar-se ao do Interior (LIMA, 1987, 1995, 2002).

Esse Serviço tinha como objetivo, prestar assistência aos índios do Brasil e aos

trabalhadores nacionais, como pode ser constatado no 1º Art. do Decreto nº. 8.072 de 20 de junho de 1910:

> Do serviço de Protecção aos Indios e Localização de Trabalhadores Nacionaes
> Art. 1º O Serviço de Protecção aos Indios e Localização dos Trabalhadores Nacionaes, creado no Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio, tem por fim:
> a) prestar assistencia aos indios do Brazil, quer vivam aldeiados, reunidos em tribus, em estado nomade ou promiscuamente com civilizados;
> b) estabelecer em zonas ferteis, dotadas de condições de saiubridade, de mananciaes ou cursos de agua e meios faceis e regulares de communicação, centros agricolas, constituidos por trabalhadores nacionaes que satisfaçam as exigencias do presente regulamento. (BRASIL, 1910, p. 4788).

A proteção, tal qual está descrita no decreto, na prática não aconteceu, já que algumas das Terras Indígenas (TIs) demarcadas não estão homologadas e muitas das que estão, podem ter tido a sua demarcação efetuada à revelia da legislação, como é o caso da TI Raposa Serra do Sol, em Roraima, que vive em conflito desde o início do século XX. O art. 2º do Decreto prenuncia que:

> Art. 2º A assistencia de que trata o art. 1º terá por objecto:
> 1º, velar pelos direitos que as leis vigentes conferem aos indios e por outros que lhes sejam outorgados;
> 2º, garantir a efectividade da posse dos territorios occupados por indios e, conjunctamente, do que nelles se contiver, entrando em accôrdo com os governos locaes, sempre que fôr necessario; (BRASIL, 1910, p. 4788).

Nos anos iniciais da criação do SPI, seus trabalhadores constituíam-se de engenheiros militares. Esses faziam o trabalho de atração dos indígenas até o Ministro de Guerra ordenar que retornassem ao Exército. A partir de então, o SPI passou a contratar com inspetores civis, em sua maioria despreparados, para dar continuidade ao trabalho de atração, mas devido à Lei Orçamentária de n. 2.842 de 1914 e a n. 2.924 do ano de 1915, que diminuía o orçamento, o número de Inspetorias e inspetores foram reduzidos para seis (6).

Pode-se inferir que, a falta de verba para manter o projeto era constante e que a situação viria ocorrendo desde 1911, um ano após a criação do SPILTN, condição exposta em relatório, pelo Inspetor do órgão, Bento Martins, nessa temporalidade.

De acordo com Melo (2007, p. 139), Bento Martins Pereira de Lemos foi nomeado ajudante, 22 de junho de 1911, tomou posse em 1º de julho, foi exonerado em 28 de janeiro de 1914, readmitido como auxiliar em 1º de fevereiro do mesmo ano e novamente demitido em 31 de dezembro. Voltou como encarregado do Posto Indígena do rio Jauapery e nomeado Inspetor interino 31 de março de 1916 tornando-se Inspetor efetivo do SPILTN, na Inspetoria do Amazonas e Território do Acre, em 26 de dezembro de 1917. Após a posse, descreveu em

relatório de como se encontravam os Postos Indígenas em funcionamento:

> Nessa Inspetoria a população indígena acha-se espalhada por uma superfície imensa a que os seus recursos ... não permitiu de modo nenhum atender (...), por isso os serviços foram concentrados nos Postos do Jauapery e do Abacaxis, continuando os índios dos Postos anteriormente criados, assim como os demais índios do Estado, atendidos, gratuitamente, por amigos nossos, considerados delegados de Delegados da Inspetoria, e cuja principal função é protegê-los contra as violências e explorações. (Relatório da Diretoria, 1916, p. 3).

Com base nessas informações, surgem algumas considerações que podem ser tidas como fatos concretos, como por exemplo: a que proteção ele se refere, se os "protetores," no caso, eram os seringalistas que necessitavam da mão de obra indígena para colher o látex?

Conforme Freire (2011Ins, p. 169-176) a função de delegado foi criada pelo Inspetor Alípio Bandeira em 1911, mas era um cargo honorário, sem remuneração, apesar de seus ocupantes serem considerados servidores do SPILTN, pela sociedade envolvente, o que contribuía para conferir a esses "delegados" de índios, poderes sobre os indígenas para usufruírem de seu trabalho como lhes interessassem.

> Trata-se de um poder estatizado, exercido sobre populações e territórios, que busca assegurar o monopólio dos procedimentos de definição e controle sobre as populações indígenas. Para tanto, são meios importantes e ao mesmo tempo seus produtos, a formulação de um código jurídico acerca das populações indígenas e a implantação de uma malha administrativa instituidora de um governo dos índios. O exercício do "poder tutelar" sobre os índios possui características específicas que não devem ser confundidas com outras formas de poder dirigidas a essas populações. O "poder tutelar" é concebido como uma forma reelaborada – com continuidades lógicas e históricas – da "guerra de conquista." (LIMA, 1995, p. 128).

As notícias de violências contra os povos indígenas ganham os canais de comunicações nacionais e internacionais causando grande revolta na sociedade civil. As "invasões" eram tão devastadoras que no XVI Congresso dos Americanistas, em Viena em 1908, o Brasil foi publicamente acusado de massacre aos índios:

> Suas atuações à frente dos Postos Indígenas de todo o país acabaram por gerar resultados diametralmente opostos a esta proposta. Casos de fome, doenças, depopulação e escravização eram permanentemente denunciados. No início da década de 1960, sob acusações de genocídio, corrupção e ineficiência o SPI foi investigado por uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI). O processo levou à demissão ou suspensão de mais de cem funcionários de todos os escalões (Oliveira e Freire, 2006: 131). Em 1967, em meio à crise institucional e ao início da ditadura, o SPI e o CNPI foram extintos e substituídos pela Fundação Nacional do Índio (Funai). (ISA, 2017).

Na realidade o SPILTN servia a dois senhores, trabalhava para a "proteção" e integração do índio à sociedade envolvente como trabalhador rural ou proletário urbano e ao mesmo tempo para a fundação de colônias agrícolas que utilizariam a mão de obra encontrada pelas

expedições, respaldados no Decreto nº. 8.072, de 20 de junho de 1910.

Em 1918 o SPI foi separado da Localização de Trabalhadores Nacionais pelo Decreto-Lei nº. 3.454, de 6 de janeiro de 1918, mas mesmo com a separação a sua função continuou a mesma, integrar os indígenas pacificamente e utilizá-los como mão de obra:

> A política de administração dos índios pela União foi formalizada no Código Civil de 1916 e na lei nº 5.484 de 27 de junho de 1928, que estabeleceram sua relativa incapacidade jurídica e o poder de tutela ao SPI. Estes dispositivos, entretanto, partiam de uma noção genérica de 'Índio'. Não foram formulados critérios objetivos que pudessem dar conta da diversidade de situações vividas pelos povos indígenas no Brasil. Além disso, a atuação tutelar do SPI foi permeada pelas mesmas contradições presentes na fundação do SPILTN. Por um lado, visava proteger as terras e as culturas indígenas; por outro, a transferência territorial dos nativos para liberar áreas destinadas à colonização e a imposição de alterações em seus modos de vida. Esta situação foi chamada pelo antropólogo João Pacheco de Oliveira de "paradoxo da tutela" (ISA, 2017).

Conforme o projeto de regulamentação do SPI (1934), ele seria formado por uma diretoria subdividida em inspetorias com sedes nos estados e postos indígenas nas terras de fronteiras, sertões e núcleos militares. Às inspetorias cabia propor a criação e a preservação dos postos e núcleos militares, manter as enfermidades sob controle, guardar a integridade das terras demarcadas, a ordem nos postos e aldeias conforme as normas estipuladas pelo SPI, corresponder-se com a Diretoria, elaborar estatística das tribos que habitavam os postos e as suas jurisdições, ordem cumprida por meio de boletins, inventários e outros. Exemplifica-se abaixo, no boletim transcrito[15], como era feita a comunicação entre o Posto e Sede:

> **<u>Boletim de Atividades do mês de Fevereiro</u>**.
> **I- Administração.**[16]
> Boletim recebidos 1 Expedidos 1
> Oficios = 5 = 7
> **II- População Indígenas.**
> Estacionado em 38 , entre adultos e menores.
> **III- Estado Sanitário.**
> Ótimo, não houve caso de doença a registrar, foram destribuidos 3 Dz. do vidros do Oleo de Figado de Bacalhau a todos os índios. **Foram igualmente distribuídos até brindes aos índios que foram para a colheita de Ipecacuanha.**

Nesse documento está registrado, no excerto: "foram igualmente distribuídos até brindes aos índios que foram para a colheita de Ipecacuanha" a existência de trabalho indígena no Posto Ricardo Franco e os "brindes" parece ser o incentivo para fazer do indígena o trabalhador nacional.

> **IV- Industria.**

[15] O original que estará anexo no final do trabalho para constatação.
[16] (Grifo nosso) Para destacar os títulos e os fragmentos textuais evidenciados na discussão.

> Foram tiradas 4.430 achas de lenha. Os vales derrespondentes as vendeu aos Serviços de Navegação do Guaporé, Acham-se em meu poder para serem recebidos e depositados e depositados no Banco do Brasil, conforme manda o Regulamento, seu importo é de cr.$716,40.
>
> **V- Varios Serviços.**
>
> Fora aberto 2 caminhos na matta, na extensão de 6 e 5 F. lo respetivamente, com 2 metros de largura. O maior que começa no Posto será alargado para o transito do carro de boi, afim de ser extraido a lenha para o consumo e venda. Em sua continuação seguirá a estrada de penetração, para os controlar os de Serra dos Parecis, que o 9 I. R. pretende abrir. Foi feito uma exploração nas mattas do Posto, a procura de produtos; Fora uma quantidade incontável de madeira de lei, só uma pequena quantidade de Ipê e de Seringueira para duas estradas foram constatadas. Foi construída uma cerca de arame farpado a cinco fios na extensão de 1000 metros de três fios de 100 metros. Para outra cer- cerca foram tiradas 400 estacas de madeira de lei. (MF 042_00022.tif, 1947, planilha 8, 1978).

Não obstante aos montantes arrecadados pelos Postos Indígenas advindos das vendas dos produtos extraídos da natureza, a situação financeira desses Postos era sempre a quem das necessidades da população que lá residiam.

> **VI- Ocorrencias.**
>
> No dia 6 do corrente mez. tendo o índio Julio Reis que habita as terras da reserva , mais que tem se mostrado "refreterio" a manter relação com o mesmo, ido ao barracão do snr. Melquíades Santos na foz do Rio Ceuterio, afim de vender produtos , produzidos por si, e em troca trazer mercadorias , ao regressar em sua canoa, no logar denominado Luzitania , foi alcançado pelo motor Olinda propriedade do snr. Massud de tal , de nacionalidade síria , ao qual fez sinal de lanterna afim de conseguir reboque , que este não o atendeu, que em virtude do bensoeiro deixado pelo motor , sua canoa naufragou , tendo como consequencia perdido toda a mercadoria e que desapareceu o menor civilizado de nome Angelino Penha , seu afilhado que viajava em sua companhia. Tendo comunicado o fato ao snr. Delegado de Policia de Guajará Mirim , esse me fez ciente do fato em questão , remetendo-me sua carta e em seu oficio dizia , não poder tomar providencia. Eu entrei em entendimento com o snr. Massud , tendo este se prontificado a pagar ao índio o prejuiso sofrido. De fato dei conhecimento em oficio ao Snr. Chefe da 9ª I, R. Espero a fatura a fim de ser feito a cobrança e pago o índio Julio , que espero agora, torne-se um amigo do posto.
>
> Alcêdo Sobral Marrocos
>
> Aux. Sertão – Encarregado do Posto. (MF 042_00022-23.tif, 1947, planilha 8, 1978).

Com base nos excertos seguintes pode-se inferir quão valiosa eram as vidas dos povos indígenas no Posto Ricardo Franco, quiçá no Brasil dos anos de 1947 ou mesmo atualmente: "[...] tendo o índio Julio Reis que habita as terras da reserva [...] ido ao barracão do snr. Melquíades Santos na foz do Rio Cautario, afim de vender produtos, produzidos por si, e em troca trazer mercadorias, ao regressar em sua canoa, no logar denominado Luzitania, foi alcançado pelo motor Olinda propriedade do snr. Massud de tal, de nacionalidade síria, ao qual fez sinal de lanterna afim de conseguir reboque, que este não o atendeu, que em virtude do bensoeiro deixado pelo motor, sua canoa naufragou, tendo como consequencia perdido toda a mercadoria e que desapareceu o menor civilizado de nome Angelino Penha, seu afilhado que viajava em sua companhia."

Tal fato, no contexto vivido pelos indígenas no então Território do Guaporé, remete-se a indagações que no texto e no contexto, nas linhas e entrelinhas estão explicitas e implícitas nas ações e na inércia do referido delegado que se quer teve a decência de averiguar o acontecido como descrito a seguir: “Tendo comunicado o fato ao snr. Delegado de Policia de Guajará Mirim , esse me fez ciente do fato em questão , remetendo-me sua carta e em seu oficio dizia , não poder tomar providencia. Eu entrei em entendimento com o snr. Massud , tendo este se prontificado a pagar ao índio o prejuiso sofrido. De fato dei conhecimento em oficio ao Snr. Chefe da 9ª I, R. Espero a fatura a fim de ser feito a cobrança e pago o índio Julio , que espero agora, torne-se um amigo do posto.” Na ação do Sr. Massud e na inércia do chefe da I. R. e do encarregado que focaram o olhar e as ações para o prejuízo material para dissimular o crime doloso cometido pela pessoa que conduziu o barco a motor que causou a morte por afogamento, do menino Angelino Penha.

Nas primeiras décadas de sua fundação, a legislação oficial que regulava a atração dos povos autóctones era sucinta, o que foi mudado a partir de 1936 com as normas disciplinares difundidas pelos Boletins internos do SPI, sobre a atração e pacificação. Nessa época, o número de inspetores para todas as Inspetorias do Brasil foi diminuído para treze (13) e com a fusão de algumas Inspetorias esse número baixou para dez (10), e as atribuições e deveres desses trabalhadores passaram a ser regulados por instruções do Ministro da Agricultura. (FREIRE, 2011, p. 169-176).

A Lei n. 5.484 de 27 de junho de 1928, proibia a expedição armada contra os índios e definia que os governos estaduais e federal contribuíssem para a pacificação e proteção indígena e o Decreto n. 736 de 6 de abril de 1936 da época em que o SPI era subordinado ao Ministério da Guerra define que essas proteção, pacificação e intervenção teriam que ser feitas por “meios brandos” e que nas guerras travadas entre os próprios indígenas, deveriam ser protegidos pelos Postos, nas terras habitadas por eles (FREIRE, 2011, p. 169-176).

As circunstâncias de instabilidades devido às corrupções no SPI, ao longo do tempo, se tornaram tão graves que levou o Ministro do Interior, Albuquerque Lima, a instituir uma comissão de inquérito em 1967 (portaria 239/67), que teve como chefe o Procurador Jader de Figueiredo Correia, resultando na demissão de 33 funcionários e suspensão de 17.

Os resultados dessas investigações desencadearam a instauração de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) pela Câmara dos Deputados, destinada a averiguar as condições que se encontravam as tribos de índios do Brasil. (FREIRE, 2011, p. 169-176).

Em 1938, no governo Vargas, foi criado o Departamento Administrativo do Serviço

Público (DASP) para organizar e corrigir a ineficiência do serviço público federal que mudou o processo de seleção de pessoal. A partir de então, o ingresso no setor público passou a ser por mérito, diferenciando-se do instituído em 1936, que o funcionário público era o aprovado em concurso e o pessoal extranumerário, selecionado por prova de habilitação.

Com o retorno do SPI em 1939 para o Ministério da Agricultura e a promulgação o Decreto-Lei n. 2.583 de 14 de setembro de 1940, que aumentou a verba da Instituição, possibilitou um concurso que teve como base o conhecimento de obras, processos de assistência indígena, regulamentos, formas de trabalho sertanejo que fosse de interesse dos índios. Neste concurso passou em primeiro lugar José Maria da Gama Malcher para a Inspetoria do Maranhão. (FREIRE, 2011, p. 169-176).

No novo Regimento do SPI aprovado pelo Decreto n. 10.652 de 16 de setembro de 1942, que instituía que a responsabilidade de fixação do índio “selvagem”, “hostis ou arredios” na cultura da terra, caberia às Inspetorias Regionais cumprirem este Regimento.

Para esse intento o contingente do SPI foi expandido pelo Decreto n. 15.151 de 27 de março de 1944 que criou: “oitenta e seis (86) funções de agentes de índios, quatro (4) de inspetor, doze (12) de inspetor auxiliar e treze (13) de inspetor especializado” Vasconcelos, 1942 (apud FREIRE 2011, p. 256).

Dentre os inspetores que estiveram à frente do trabalho de atração e pacificação dos índios, o sertanista Francisco Meirelles (pai de Apoena Meirelles), identificado pela imprensa como sertanista, foi um dos que mais se destacou, devido ao fato de ter conseguido atrair um grupo Xavante no rio das Mortes. Esse fato, rendeu a Meirelles bastante visibilidade, tornando-o reconhecido pela imprensa como sertanista.

Outros que também foram agraciados com esse título como profissão foram os irmãos Villas Bôas, da Expedição Roncador-Xingu (ERX) e da Fundação Brasil Central (FBC), que de trabalhadores braçais passaram a chefiar expedições contatando indígenas. Em uma entrevista fornecida ao Museu da Imagem e do Som, no Rio de Janeiro, por Cláudio e Orlando Vilas Bôas, a carreira de sertanista no serviço público teria sido criada por políticos comovidos pelo trabalho deles. “Os Deputados da década de 1942 teriam elaborado um projeto transformado em lei”, mas só em 1967, quando o SPI foi extinto, a carreira de sertanista será criada na Fundação Nacional do Índio (FUNAI), reunindo os servidores de vários segmentos administrativos que efetuava a atração e pacificação de povos indígenas. (FREIRE, 2011, p. 255-257).

Em 1952 foi promulgada a Lei 1.626 que estendia aos servidores dos Postos Indígenas de atração e pacificação as vantagens de contagem do tempo de serviço em dobro para promoção, aposentadoria ou reforma prescrita pelo Decreto-Lei n. 5.801 de 1943 que considerava de interesse Militar a Expedição Roncador-Xingu (FREIRE, 2011, p. 257).

Em 1950 foram criadas pelo SPI, dezoito (18) turmas de pacificação de índios "hostis," e esse trabalho de pacificação e atração era feito pelos auxiliares de sertão que tinham uma remuneração baixíssima em relação aos demais servidores dos Postos Indígenas. Esses servidores em sua maioria eram deixados à sua própria sorte sem formação ou qualificação para lidar com as peculiaridades que a incumbência exigia.

Tanto a Expedição Roncador-Xingu, quanto a Fundação Brasil Central foram criadas em regime de direito privado, mas a FBC tornou-se instituição pública em 1963, por meio de lei do Congresso Nacional, que extinguiu os cargos tornando-os públicos da administração direta e de classe estatutária. Quando foi criado o Ministério do Interior, em 1966, foi feita a fusão da FBC à SUDECO. (FREIRE, 2011, p. 169-176).

O "fim" do SPI só aconteceu quando a indiferença dispensada aos PIs. tornou-se insustentável:

> O SPI enfrentou durante toda a sua existência problemas de carência de recursos e dificuldades de qualificação de seu pessoal. A atuação do órgão acabou por gerar resultados opostos a sua proposta. Eram frequentes as denúncias de casos de fome, doenças, assassinatos e escravização. No início da década de 1960, sob a acusação de genocídio, corrupção e ineficiência o SPI foi investigado por uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI). O processo levou à demissão ou suspensão de mais de cem funcionários de todos os escalões. Em 1967, durante o regime militar, o SPI e o CNI foram extintos e substituídos pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI).

Até o ano de 1967, quando o Serviço de Proteção aos Índios foi substituído pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI), ele atuou de diversas maneiras e formatos. Conforme Carneiro da Cunha (1992), na época de sua criação, os povos indígenas passavam por momentos difíceis, devido as "invasões" que em nome da expansão do interior chegavam fazendo violentas guerras contra os nativos. Essa hostilidade era encorajada pelo então diretor do Museu Paulista, Von Ihering, que defendia a morte dos indígenas que não se curvassem ao "avanço da civilização."

Ao que parece e aparece nas inúmeras mídias noticiosas, jornais, revistas, redes sociais, sobre questões indígenas como a morosidade nas demarcação e homologação de terras indígenas, invasões e exploração dos bens naturais dessas terras por madeireiros, crimes contra

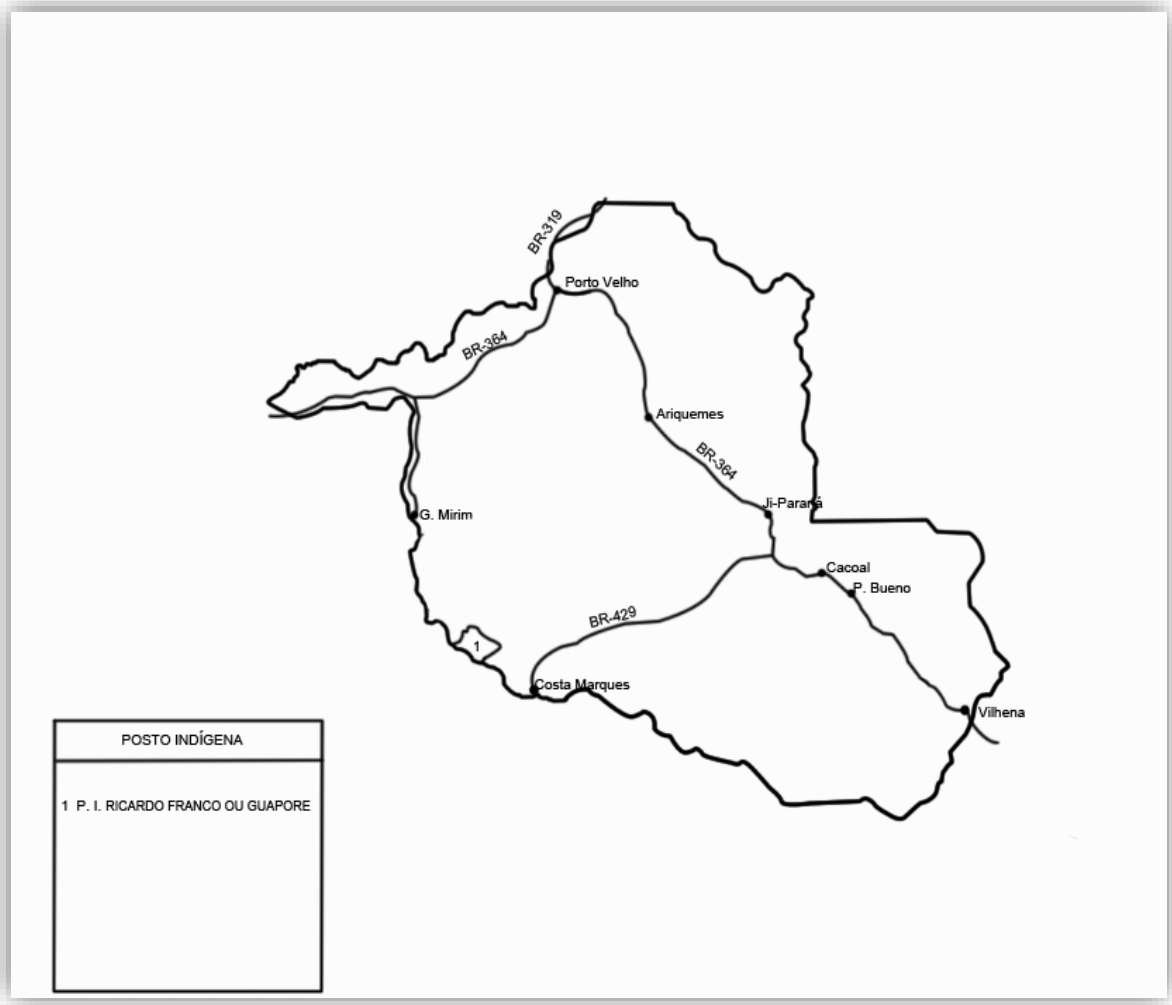
a vida de lideranças indígenas, problemas de atenção à saúde e outros.

Diante de todos esses fatos, deduz-se que a FUANAI, não tem em sua conduta ações diferentes das do SPI, levando-se à conclusão de que o projeto de “proteção” antigo, apesar da nova roupagem, perpetua o descaso, omissão e leniência frente aos problemas enfrentados pelos Povos Indígenas no Brasil.

1.5 A 9ª Inspetoria Regional de Guajará-Mirim: Posto Indígena Ricardo Franco

A 9ª Inspetoria Regional (9ª I. R- Posto Ricardo Franco) de Guajará-Mirim foi criada pelo Decreto 17 684 de 26 de janeiro de 1945 e construída no mesmo ano, na jurisdição do Território do Guaporé, que foi instaurado em 1943, tornando-se Território Federal de Rondônia em 1954. A construção da 9ª I. R. se deu devido ao desmembramento da I. R. 1, que era responsável pelo estado do Amazonas e Território do Acre, que atualmente compreende os estados do Acre, Amazonas, Rondônia e Roraima e a I. R. 6, região central e norte do Mato Grosso, que corresponde ao estado de Mato Grosso e Rondônia (CUNHA, 2016). A seguir mapa de localização da 9ª I. R. – Posto Indígena Ricardo Franco:

Mapa 1 – Localização P. I. Ricardo Franco- Guajará-Mirim



Fonte: Adaptado de MELO, Tatiana E. M. P. et al. Distribuição espacial e temporal da tuberculose em indígenas e não indígenas de Rondônia, Amazônia Ocidental, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública,** v. 28, n. 2, Rio de Janeiro: Feb, 2012.

Nesses registros do SPI, veiculam os acontecimentos diários da vida no Posto Indígena de Atração Ricardo Franco, desvelando-se o projeto de inserção dos povos indígenas, a qualquer custo à sociedade nacional e o pouco caso com a saúde indígena por parte de seus dirigentes. O trabalho indígena e/ou sua exploração entre essas décadas é institucional e legitimada pelo Estado em termos legais.

E como meios de concretização desse propósito, utilizou-se mecanismos educacionais de acordo com os regimentos e regulamentos produzidos conforme ideais evolucionistas de desenvolvimento humano, ideologias etnocêntricas, teorias raciais como a monogenia, a poligenia, a frenologia, antropometria e pensamentos positivistas, evolucionistas, darwinistas até então desconhecidos no Brasil, para controlar, conduzir e disciplinar os indígenas transformando-os em “cidadãos,” conforme prescrevia o projeto:

> Duas grandes vertentes aglutinavam os diferentes autores que na época enfrentaram o desafio de pensar a origem do homem. De um lado, a visão monogenista, dominante até meados do século XIX, [...] que, conformes às escrituras bíblicas, acreditavam que a humanidade era uma. [...] A partir de meados do século XIX a hipóteses poligenista transformava-se em uma alternativa plausível, em vista da crescente sofisticação das ciências biológicas e sobretudo diante da contestação ao dogma monogenista da Igreja. (SCHWARCZ, 1993, p. 64).

Os Postos de Atração funcionavam da seguinte maneira: os auxiliares de sertão trabalhavam atraindo os indígenas com brindes, que iam desde vestuários a terçados, panelas e outros. Logo que conseguiam o contato o passo seguinte era "pacificá-los e integrá-los" à cultura nacional, finalidade perseguida pelo primeiro presidente do SPILTN, o Coronel Cândido Mariano da Silva Rondon, que contribuiu na maneira de pensar e direcionar suas políticas e tinha como bordão "morrer se preciso for, matar nunca."

Rondon havia aprendido a lidar com os povos indígenas Bororo quando à frente do trabalho de instalação das Linhas Telegráficas de Mato Grosso (Rio das Garças) no período de 1890 a 1898.

Condição adquirida devido à sua atuação na comissão que teve o seu nome, Comissão Rondon, criada pelo Presidente Affonso Penna (1906-1909), com o objetivo de alongar as linhas telegráficas de Cuiabá a Porto Velho, o que completaria a ligação telegráfica do Rio de Janeiro com os estados do Amazonas e do Acre, adquiridas pelo Brasil devido ao Tratado de Petrópolis (1903), onde estava sendo construída a Ferrovia Madeira-Mamoré.

> Quem vive ao longo da Linha Rondon facilmente se julgaria na Lua. Imagine-se um território do tamanho da França, três quartos inexplorados; percorrido somente por pequenos bandos de indígenas nômades que estão entre os mais primitivos que se possam encontrar no mundo; e atravessado de ponta a ponta por uma linha telegráfica. (LEVY-STRAUSS, 1996, p. 256).

A estratégia era manter a presença do governo central no Acre e no Amazonas, além do incentivo advindo pelo crescente interesse monetário pela extração da borracha do recém incorporado Território do Acre e a construção da Ferrovia Madeira-Mamoré que justificava esse alongamento das linhas telegráficas.

Sem falar na questão das fronteiras, que na memória dos governantes do País, desde a Guerra do Paraguai, quando as tropas de Solano Lopes entraram com facilidade pela isolada Província do Mato Grosso, somado ao fato de a notícia da queda da monarquia e da Proclamação da República ter chegado aos residentes em Cuiabá só em dezembro, reforçaram a urgência em construir um meio de comunicação que permitisse a volta ao mundo em apenas nove minutos, o telégrafo elétrico que foi construído em 1952, ligava a Quinta da Boa Vista ao Quartel General do Exército no Campo de Santana.

Após o sucesso da conclusão dos 117 Km de linha telegráfica que ligava Cuiabá a Cáceres, tornando possível a presença do Estado brasileiro nas fronteiras do Paraguai e Bolívia, a indicação de Cândido Mariano para comandar a Comissão Rondon, subordinada ao Ministério da Guerra e ao da Indústria, que construiria a linha de Mato Grosso ao Amazonas, não poderia ser diferente.

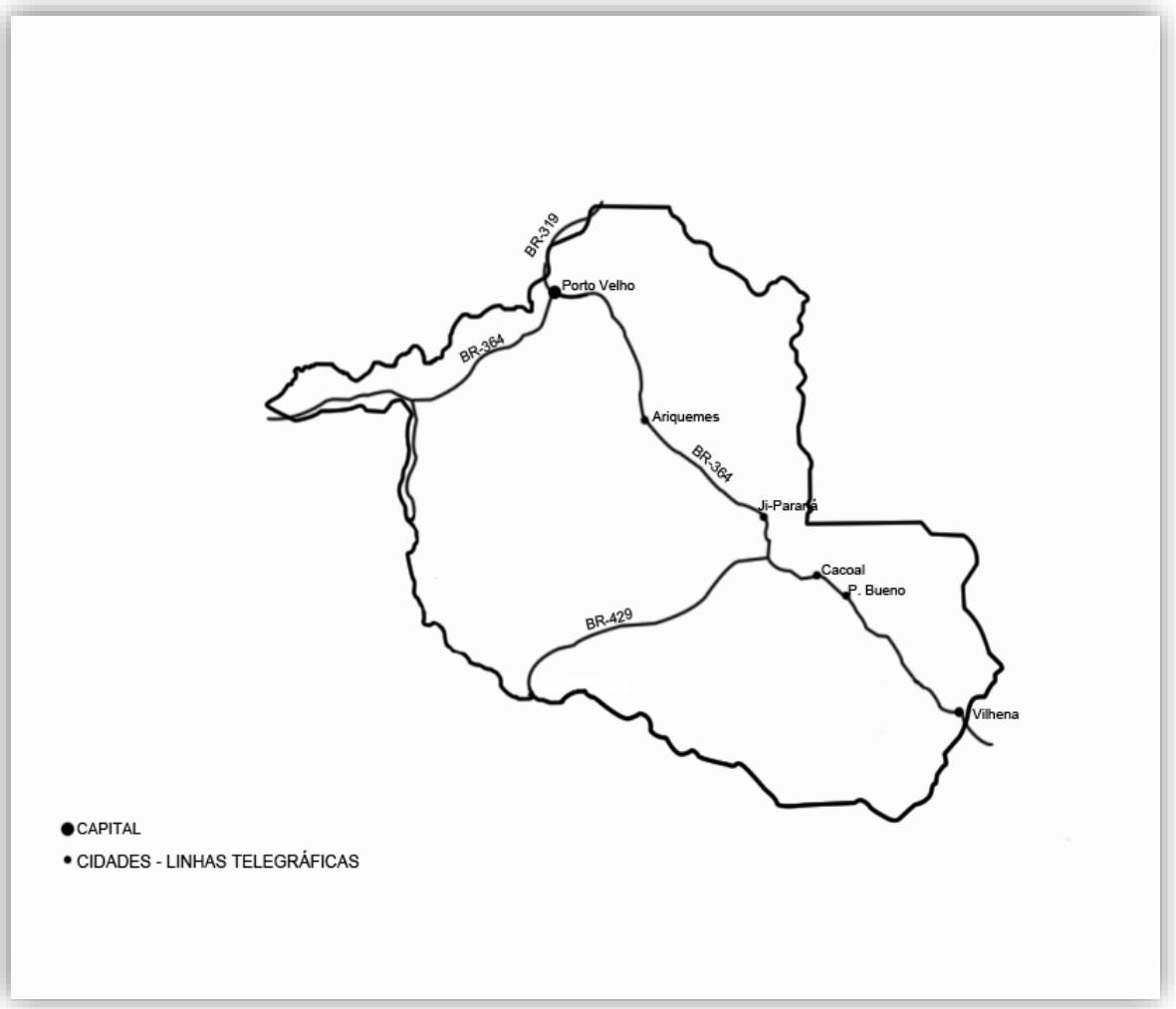
O nome da comissão foi uma homenagem a Rondon que vinha trabalhando em linhas telegráficas há bastante tempo e à construção dessa linha aliavam-se outras funções militares e civis, como o conhecimento do território com objetivos militares e econômicos.

> Ao enveredar para outras atividades como: a exploração territorial, o levantamento geográfico, geológico, econômico e militar, além do apaziguamento e incorporação de tribos indígenas, trabalhos que se mostraram tão, ou mais, relevantes que a expansão da linha do telégrafo, as obras acabaram cumprindo um papel relevante na integração dos territórios do noroeste. Não só efetivamente, através das obras realizadas, que incluíram a abertura de estradas e de núcleos de povoação, mas também no imaginário das populações. Neste sentido, pode-se afirmar que a "Comissão Rondon", ao realizar um verdadeiro inventário dos locais percorridos durante a construção da linha e das populações encontradas, divulgando seus trabalhos e estes conhecimentos para o restante do país, através de conferências e publicações, contribuiu para que os habitantes do litoral, que compunham a maior parte da população brasileira, pudessem reconhecer a região como parte da Nação. (DOMINGUES, 2010, p. 18).

Além de todo o trabalho com as linhas telegráficas, Rondon e sua comissão mapearam terras e rios, até então desconhecidos, abriram estradas, fizeram pontes, estudos da região visando a sua defesa no caso de uma invasão, estudo das áreas navegáveis, marcações de coordenadas geográficas, estudo de solos para certificar a viabilidade de implantação de lavouras ou indústrias pastoris.

Ao longo das linhas telegráficas na BR 364, hoje, existem as cidades de Ariquemes, Ji-Paraná, Cacoal, Pimenta Bueno e Vilhena, localizadas no mapa abaixo:

Mapa 2 – Localização das Cidades



Fonte: Adaptado de MELO, Tatiana E. M. P. et al. Distribuição espacial e temporal da tuberculose em indígenas e não indígenas de Rondônia, Amazônia Ocidental, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública,** v. 28, n. 2, Rio de Janeiro: Feb, 2012.

Os esforços para a incorporação, na comunidade "civilizada", dos povos indígenas encontrados no caminho percorrido na construção das linhas, culminaram na criação do SPILTN, ação proposta por Rondon e reforçada pela repercussão mundial da denúncia, em 1908, no XVI Congresso Americanista, em Viena, de que o Brasil estava massacrando os índios brasileiros, serviu de argumento na estratégia do Governo Federal que sob o pretexto de "proteger," por meio da tutela, as populações indígenas, pôde justificar a exploração do trabalho indígena:

> [...] essa denúncia levou o governo federal a buscar uma ação de proteção leiga e privativa do Estado às populações indígenas. Por outro lado, a atuação do positivista, então coronel Cândido Mariano da Silva Rondon à frente da Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas do Matogrosso ao Amazonas (1907-1915), onde teve contato pacífico com vários povos indígenas, o levou a formulação de propostas para que o governo federal assumisse as tarefas de evitar o extermínio dos povos indígenas e instituir uma ação de assistência e proteção a essa população. (ABREU (Org.), 2015, p. 1).

De acordo com Domingues (2010, p. 16), cientistas e intelectuais brasileiros da época, defendiam a extinção dos povos indígenas, inclusive o diretor do Museu Paulista, Herman Von Ihering, que propôs o extermínio desses povos, em 1907 em um artigo da revista do Museu.

A partir da implantação do SPILTN, Cândido Mariano Rondon deu continuidade ao seu trabalho de pacificador, agora reconhecido e legitimado pela sua função de chefe, não só da Comissão Rondon, mas também do novo serviço de "pacificação," "civilização" e inclusão de indígenas à comunidade nacional, projeto já delineado antes mesmo, do Diretório dos Índios, em meados do século XVIII.

Vale ressaltar que, mesmo que as linhas telegráficas tenham se tornado obsoletas após a inauguração, em 1915, devido ao avanço tecnológico, a radiotelegrafia, as linhas foram as responsáveis pela presença do Estado no noroeste do Brasil.

> É certo que logo após sua inauguração, em 1915, a linha telegráfica não funcionava, ou funcionava mal. Além disso, a evolução tecnológica, representada pelo desenvolvimento da radiotelegrafia, havia tornado obsoleta a linha telegráfica, de modo que o objetivo original, que era de estendê-la até Manaus, foi abandonado. [...] além disso, também se buscava informações de cunho científico, geográfico e econômico, que possibilitassem a abertura de novas áreas de ocupação e exploração, bem como a ampliação da presença do Poder Central na região. Assim sendo, se entendermos como atribuições de uma "Frente Pioneira": penetrar, explorar e ocupar uma determinada região, naturalmente pode-se enquadrar a Comissão das Linhas Telegráficas Estratégicas do Mato Grosso ao Amazonas dentro desta categoria. (DOMINGUES, 2010, p. 22).

Foi na construção dessas linhas telegráficas que o Marechal Rondon pôde adquirir os conhecimentos extras, não só sobre os indígenas, como sobre colonos e distribuição de terras para o povoamento da região: "O chefe da comissão também poderia entender-se diretamente com o presidente da província sobre o estabelecimento de colonos, cabendo à comissão a demarcação e a medição dos lotes, também de acordo com as orientações do presidente da província." (Domingues, 2010, p. 5).

Esse aprendizado lhe rendeu honras militares e civis, inclusive duas indicações ao Prêmio Nobel da Paz em 1957 e inscrições em letras de ouro da Soc. Geográfica.

O alemão Curt Nimuendajú, os irmãos Villas-Boas contribuíram com os estudos das populações ameríndias por meio de documentos produzidos nas muitas expedições realizadas nas muitas regiões do Brasil.

Os irmãos Villas-Boas que entre as décadas de 1940 e 1960 ficaram à frente da pacificação dos Xavante de Mato Grosso, criação e gestão do Parque Indígena do Xingu em 1961, demarcado em 1978 e hoje ameaçado por cidades, pastagens e plantação de soja.

Com a criação do Conselho Nacional de Proteção aos Índios (CNPI) pelo Decreto nº. 1.794, de 22 de novembro de 1939, a política indigenista brasileira passou a ser formulada por antropólogos como Darcy Ribeiro, Heloísa Alberto Torres, Roberto Cardoso de Oliveira e outros que começaram a questionar as práticas sertanistas até então utilizadas pelo SPI.

A falta de recurso era constante e as condições de trabalho lastimáveis. A atuação do órgão na Amazônia demonstrava a volubilidade dos serviços públicos federais providos de fins humanitários e assistencialistas, mas com sérias dificuldades financeiras e de poder, alternando-se entre um e outro, conforme a conjuntura política.

Essa situação na 9ª I. R. é reiterada na carta transcrita abaixo, em que um auxiliar de sertão envia para o Diretor da 9ª I. R. em Porto Velho:

> Posto I. Ricardo Franco 8 de janeiro de 1946. (Com carimbo do Ministério da Agricultura)
> Sr. Diretor da 9ª I. R.
> Porto Velho, Tga.
> Aproveitando a oportunidade do cunhado de Mannusakis, **faço-lhe esta para que fique inteirado da nossa cituação, neste posto, estamos verdadeiramente desprovidos de tudo, acho que hé, desnecessário minha ida a Porto Velho ou G-Mirim uma vez que essa chefia esta a par das faltas deste posto**, nada temos a não ser café, os pregos que pedi com urgência ate esta data não me chegaram, não sei o que se passa por ahí, tenho os serviços parados por não ter pregos isto hé os de casas porem de resos, desmoitamentos, capinação, tiragem de madeira, palha para cobertura de casas, vem se processando normalmente, já se faz centir algo de progresso com pocos dias de administração minha neste posto, e faço um apelo ao espirito de patriotismo de meu ilustre chefe, para que não me deiche no esquecimento e como sua vinda a este posto é de vital necessidade, só assim poderá acreditar no meu izentivo no desenvolvimento hora enprehendido. (MF 042, Fotograma 00015.tif, 1946, planilha 8, 1978, grifos nosso).

Nota-se que ao Posto era legado total descaso no que diz respeito ao cumprimento da função do SPI para a manutenção dos serviços necessários à sobrevivência das pessoas aldeadas ali.

> Estou com a caza que sera para a sede da escola, administração, muzeu, etc. já bem adiantado, por estes dias darei início a tiragem de madeira para a casa de enfermaria, e clube dos Indios, como sera aberto uma venida com mais de 200 metros iniciado otras construções em torno dela, já comuniquei aos nossos laboriosos amigos deste posto que iríamos tirar postes para ter luz e radio assim que **estão todos dispostos a trabalhar até mesmo a noite par obtermos isto que se diz ser vida de um lugar florecente e incrível, diser-se que nesta data não tenho a registrar um só caso de doença, isto me anima bastante, estamos com as roupas sujas, porem e sem podermos aquecer nossos estômagos com o precioso líquido café,** porem milho e feijão verde temos com abundância, como o rio vem nús dando bastante peixe. (MF 042, Fotograma 00015.tif, 1946, planilha 8, 1978, grifos nosso).

No fragmento em destaque, da carta transcrita acima, revela-se as condições vividas pelos índios e funcionários do local que além do trabalho exaustivo e possivelmente sem remuneração para os indígenas, não tinham sabão para lavar as roupas e nem café para “aquecer

o estômago” como relata o encarregado do posto, as condições eram precárias.

O fato de os indígenas não estarem acometidos de doenças é um alívio para o auxiliar, pois em uma casa que falta sabão, o que poderia acontecer se necessitasse de remédios? Conclui-se que, se houvesse doentes no Posto naquele momento, não seriam medicamento e consequentemente, morreriam.

> Verduras já temos que vem dando bem para o consumo e até para presentiar aos transeuntes como propaganda da nova administração. Os Indios me acompanham na venida rondon depois de 5 horas como crianças ingênuas a perguntar-me Papaô qual o serviço de amanhã?, ao ouvirem minhas determinações ouve-se um despertar de vivas ao posto, ao chefe do posto e ao Sr. Chefé da 9ª I. R. O Índio Leandro que hé um veterano deste posto e músico das festas domingueiras, diz nos seus cânticos teremos um posto melhor que o de Moré, ajudemos o nosso chefe.
> Assim o Sr. Chefé **voltó a reinar a ordem harmoniosa e o amor ao trabalho neste posto, tenho tomado todas as providências no vestuário dos índios e índias, a Auxiliar de Encino não dando conta das costuras para atender-se a presente nudez,** mandei fazer calças no Moré Posto Boliviano, que já deve ter algumas prontas, não temos linha nem botões, tudo isto lamento porem a de melhorar esta situação**,** nas mercadorias que onde digo, a de vir a este Posto mande uma caixa de gasolina que a que trou-se já se acabou. Firmo-me. Com um abrazo, de auxiliar Amigo.
> (MF 042, Fotograma 00015.tif, 1946, planilha 8, 1978, grifos nosso).

Observa-se pela escrita, que o auxiliar é uma pessoa de pouca formação intelectual, o que comprova a ausência de funcionários capacitados para exercerem tal função.

No excerto: “faço-lhe esta para que fique inteirado da nossa cituação, neste posto, estamos verdadeiramente desprovidos de tudo, acho que hé, desnecessário minha ida a Porto Velho ou G-Mirim uma vez que essa chefia esta a par das faltas deste posto.” Evidencia-se aqui, a falta de orçamento destinado à manutenção do projeto e é interessante ressaltar que os valores monetários oscilavam conforme a conjuntura política e o órgão ao qual o SPI estivesse vinculado.

Conforme o enunciado da carta, pode-se constatar também, que a mentalidade desenvolvimentista da época e principalmente do mentor da “pacificação” como proteção fraternal e da tutela indígena, Cândido Mariano da Silva Rondon, é evidenciado no fragmento: “[...] voltó a reinar a ordem harmoniosa e o amor ao trabalho neste posto [...], os Indios me acompanham na venida rondon depois de 5 horas como crianças ingênuas a perguntar-me Papaô qual o serviço de amanhã?, ao ouvirem minhas determinações ouve-se um despertar de vivas ao posto, ao chefe do posto e ao Sr. Chefé da 9ª I. R. O Índio Leandro que hé um veterano deste posto e músico das festas domingueiras, diz nos seus cânticos teremos um posto melhor que o de Moré, ajudemos o nosso chefe.”

A nudez incomodava tanto os responsáveis pelos postos que eles deixavam de trabalhar

nas funções para as quais foram designados, para exercerem outra função, no caso da auxiliar de ensino, assumiu a função de costureira, devido ao incômodo que lhe causava o estado natural dos indígenas. Imagina-se que para os povos indígenas, essa convenção de cobrir o corpo com tecidos não fazia o menor sentido, pois na cultura e costumes deles, se cobre o corpo com tintas e plumas.

O choque cultural entre indígenas e não indígenas evidencia-se nas diferenças culturais, como exemplo, a nudez dos povos indígenas, causadora de tanto assombro aos não índios como verifica-se no ofício nº 1 abaixo:

> MINISTÉRIO DA AGRICULTURA
> Serviço de Proteção dos Indios
> 9ª Inspetoria Regional.
> Porto Velho, Território Federal do Guaporé.
> Posto Indígena de Atração Ricardo Franco 31 de Dezembro de 1947.
>
> Of, Nº 1
>
> Da Auxiliar de Encino
> Ao Exmo. Snr. Chefé da 9ª. I. R.
> Porto Velho, Território Federal do Guaporé.
>
> Assunto. Comunicação.
>
> 1- Tenho a honra de comunicar a Vcencia que deixei de lecionar durante este trimestre dado o estado de nudez que os Indios se encontravam neste posto, dedicando minhas atividades de trabalho em costura, tratamento de saúde das Indias, que infelizmente quase todas se enfermaram, si assim procedi foi por determinação do Sr. Encarregado do Posto que não foi poco suas tarefas no combate da epiderme, porem com raresa foram salvos todos os doentes que hoje já estão trabalhando.
>
> 11- O numero de costuras fiz entrega ao chefe do Posto para serem lançado em diário de trabalho.
>
> 111- Aproveito o ensejo para deseja-lo um feliz Ano Novo junto a vossa digníssima Esposa, e Bebe.
> Respeitosas saudações
> LuizaSena de Medeiros
> Luiza Sena de Medeiros
> Auxiliar de Encino da
> Esc. Cel. Rondon.
> (MF 042, Fotograma 00082.tif, 1946, planilha 8, 1978).

É nítido o fato de como uma ideologia pode se tornar fluida e reproduzida com precisão nas mentalidades de uma época. Como a exploração do trabalho indígena era tido como natural pelos chefes de postos e seus superiores, que tinham a função de "zelar pela integridade dos povos indígenas" e, no entanto, a auxiliar de ensino relata o fato como que a esperar por um troféu, afinal a exploração está dando frutos.

A morte também se naturalizou, como está claro no excerto: "porem com **raresa foram salvos todos os doentes** que hoje já estão trabalhando. "

A ideologia intrínseca no projeto “tutelar de inserção” do SPI era assimilada pelos funcionários do órgão que não mediam os “sacrifícios” para executar generosamente as tarefas que transformariam a conduta “degradante” do indígena em “valores corretos de conduta”, para a sua “salvação”, ou seja, para a sua exploração legalizada e justificada:

> Nas instruções estão presentes os diversos elementos que compunham o perfil do funcionário “ideal” do SPI, feito pela direção do órgão. Ele deveria cuidar bem do posto e de seus ocupantes, como bom administrador de um empreendimento econômico; garantir o aprendizado, como bom professor; assegurar a posse da terra e a aquisição dos valores corretos de conduta, como bom “pai” e vigilante (tutor) dos índios; convencer, cooptar e criar lideranças na comunidade para a execução de tarefas e projetos, como bom conquistador e governante; por fim, proteger e julgar (perdoando sua degradação), como representante e juiz de uma civilização superior que generosamente está encarregada de seu engrandecimento ou “salvação”. (CORRÊA, 2002, p. 130).

Na passagem “[...] tenho tomado todas as providências no vestuário dos índios e índias, a Auxiliar de Encino não dando conta das costuras para atender-se a presente nudez [...],” reflete-se as ideologias das concepções morais religiosas disseminadas pela religião, que através dos capuchinhos, jesuítas e franciscanos, auxiliares da colonização do Brasil, catequizaram indígenas e não indígenas, moldando o pensamento coletivo, conforme estabelece a cultura dominante, sob a ótica de que a cultura do outro é inferior e por isso desprezível.

É alentador constatar quão divergentes podem ser os olhares a respeito da nudez indígena, mesmo não sendo de um membro do SPI. Em descrição feita por Lévis-Strauss, a respeito de uma aldeia Kuki da fronteira birmanesa, diz o seguinte:

> A nudez dos habitantes parece protegida pelo veludo herbáceo das paredes e pela franja das folhas de palmeiras: eles se esgueiram para fora de suas casas como quem se despisse de gigantescos roupões de avestruz. Os corpos, jóias desses estojos de plumas, possuem formas depuradas e tonalidades realçadas pelo brilho das pinturas e das tintas, suportes – dir-se-ia – destinados a valorizar ornamentos mais esplêndidos: as pinceladas grandes e brilhantes dos dentes e presas de animais selvagens, associados às penas e às flores. Como se uma civilização inteira conspirasse numa idêntica ternura apaixonada pelas formas, as substâncias e as cores da vida; e que, a fim de reter em volta do corpo humano sua essência mais rica, apelasse – entre todas as suas produções – para as que são duráveis ou fugazes em extremo mas que, por um curioso encontro, são seus depositários privilegiados. (LÉVI-STRAUSS, 1996, p. 202-203).

As práticas executadas pelos servidores nem sempre condiziam com as necessidades dos povos indígenas, pois o que contava era o interesse político e econômico nas “terras não habitadas”:

> Tais definições têm como esteio práticas anteriores à criação e regulamentação do SPI. Além disso, essas normas eram executadas junto com outras práticas não definidas legalmente, mas de conhecimento dos funcionários. Paralelo ás tentativas de aplicação de códigos, leis, padrões de atuação – e dialogando com esse conhecimento “legal” – existiam não só as práticas calcadas na força da autoridade

> pessoal de certos funcionários, mas também um saber sobre "como tratar os índios" dentro do órgão tutelar. [...] e estender o controle sobre áreas e populações que estavam fora dos circuitos mais extensos da política e da economia nacionais; liberar terras para a colonização, ocupação e fixação ordeira de colonos ou mesmo de antigos "habitantes" dessas áreas; reeducar os grupos ali antes instalados para uma maneira mais adequada de se viver, propiciando sua elevação moral e tecnológica (civilização e progresso) e combatendo as práticas consideradas primitivas, atrasadas ou viciadas. (CORRÊA, 2002, p. 130-131).

A política do SPI foi pensada com o propósito de incorporar os indígenas na sociedade nacional, forma de explorar o trabalho deles e convertê-los em trabalhadores rurais, agricultores, ou seja, inseri-los nos moldes de trabalho da população nacional.

> O funcionamento dos postos implicava controle extenso sobre uma determinada área e não só sobre os índios, como já foi enfocado por alguns autores (Lima, 1995; Peres, 1992). A intervenção estatal se delineava sobre esse território, visando não só a apaziguar os conflitos entre os grupos que ali viviam, mas a possibilitar a sua inclusão como produtores e cidadãos brasileiros, através de uma atuação pedagógica. Para a realização dessa "missão", havia a necessidade de que se guiassem os passos de tais indivíduos e se vigiassem suas atitudes, além de se coibirem aquelas práticas tomadas como prejudiciais à sua transformação. (CORRÊA, 2002, p. 130-131).

Desde a colônia as políticas indigenistas são pautadas em transformar o índio em não índio forçando a sua integração à cultura "civilizada" sem considerar as peculiaridades culturais. O próprio Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), se encarregou de produzir e disseminar uma concepção "indianista" na abordagem de um programa identitário para o Brasil de caráter progressista que contribuiu para a construção de mitos e heróis nacionais livres da presença europeia, para que a partir deles uma nação de identidade "civilizada" pudesse emergir evolutivamente. (MATTOS, 2011).

Essa posição do IHGB, contrariava a então tendência iluminista de exaltação do "bom selvagem" na formação do âmago da identidade nacional. Os missionários capuchinhos italianos contratados oficialmente, para dirigir os aldeamentos na época imperial, deixaram de herança para a posteridade, as ideias monarquistas e reacionárias que moviam as suas ações de espancamentos e castigos, para a "correção" da "má índole" dos indígenas "embrutecidos no mato," mentalidade semeada às margens, direita e esquerda do Amazonas no final do século XVII, pelas ordens religiosas que passaram por lá.

A questão da invasão de Terras Indígenas, parece ter surgido desde a colonização do Brasil, no SPI, como pode ser constatado em um ofício transcrito a seguir, enviado ao então Governador do Território Federal do Guaporé, pelo Sr. Francisco Meireles, chefe da 9ª. Inspetoria Regional em Guajará-Mirim, no ano de 1952:

> Excelentíssimo Senhor Governador do Território Federal do Guaporé.
> FRANCISCO MEIRELES, Chefe da 9ª I. R., do Serviço de Proteção aos Índios, neste Território, vem perante Vossa Excelência, respeitosamente, protestar contra os requerimentos feitos por JÚLIA FÁRES BADRA e SALOMÃO JORGE BADRA e JORGE BADRA NICOLAU, situados no Igarapé Manoel Corrêa, afluente do rio Miguel, no município de Guajará-Mirim, visto as terras constantes desses requerimentos acharem-se dentro do lote de terras demarcados pela General Cândido Rondon, para um posto indígena que ficou a cargo de José Félix Alves do Nascimento.
> Nestes termos, P. E. Deferimento.
> Porto Velho (MF 042_00320.tiff, 1952, planilha 458, 1978,).

A partir do exposto na transcrição acima, a legislação existente para resguardar os direitos indígenas, não era respeitada, mas os chefes de Inspetorias Regionais se colocavam contrários à distribuição das terras indígenas, mas não foi encontrada, nas 2.605 microformas de documentos da 9ª I. R. analisadas, nenhuma resposta do governador para Francisco Meireles. Mas Meireles, cumpriu o que está no Decreto nº. 8.072 de 20 de junho de 1910:

> Art. 3º e 12, pôr em pratica os meios mais efficazes para evitar que os civilizados invadam terras dos indios e reciprocamente; 12, promover, sempre que for possivel, e pelos meios permittidos em direito, a restituição dos terrenos, que lhes tenham sido usurpados; (BRASIL, 1910).

A discrepância nas ações do SPI, em relação à questão indígena, deixa claro a manipulação e os arranjos no âmbito estatal quando da elaboração da extensa legislação que precede O Diretório dos Índios, lá pelos meados do século XVIII, quando foi esboçado e descrito a conceitualização do índio e como fariam para integrá-lo ou não ao mundo "civilizado." "Será preciso fazer um sobrevôo nesta legislação, identificando os pontos em torno dos quais foi delineado um plano de civilização no Diretório [...]" (ALMEIDA, 1997, p. 28).

A análise das ideias positivistas e ações implementadas pelo Serviço a partir de um paradigma que ressalta a sua dimensão de aparelho estatal e matriz militar, leva a uma revisão do que foi elaborado em termos de "indigenismo" e "política indigenista:

> Trata-se de um poder estatizado, exercido sobre populações e territórios, que busca assegurar o monopólio dos procedimentos de definição e controle sobre as populações indígenas. Para tanto, são meios importantes e ao mesmo tempo seus produtos, a formulação de um código jurídico acerca das populações indígenas e a implantação de uma malha administrativa instituidora de um governo dos índios. O exercício do "poder tutelar" sobre os índios possui características específicas que não devem ser confundidas com outras formas de poder dirigidas a essas populações. O "poder tutelar" é concebido como uma forma reelaborada – com continuidades lógicas e históricas – da "guerra de conquista". Enquanto modelo analítico, define o autor, a "conquista" é um empreendimento com distintas dimensões: fixação dos conquistadores nas terras conquistadas, redefinição das unidades sociais conquistadas, promoção de fissões e alianças no âmbito das populações conquistadas, objetivos econômicos e empresa cognitiva. (BEZERRA, 2007, p. 195).

O SPI, ao longo de sua existência, teve no seu comando pessoas que parecia

verdadeiramente comprometidas com a causa indígena, mas esse “compromisso,” por motivos escusos e alheios aos interesses indígenas, nem sempre era levado a cabo. Houve épocas em que os seus dirigentes, de militares a trabalhadores rurais, não possuíam competências técnicas nem administrativas ou um mínimo de interesse em proteger os indígenas.

Os recursos eram escassos e na maioria das vezes ínfimos, e não sanavam as necessidades básicas dos povos residentes nos Postos Indígenas:

> Suas atuações à frente dos Postos Indígenas de todo o país acabaram por gerar resultados diametralmente opostos a esta proposta. Casos de fome, doenças, depopulação e escravização eram permanentemente denunciados. No início da década de 1960, sob acusações de genocídio, corrupção e ineficiência o SPI foi investigado por uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI). O processo levou à demissão ou suspensão de mais de cem funcionários de todos os escalões (Oliveira e Freire, 2006: 131). Em 1967, em meio à crise institucional e ao início da ditadura, o SPI e o CNPI foram extintos e substituídos pela Fundação Nacional do Índio (Funai). (ISA, 2017).

Os orçamentos dessas instituições públicas nunca são compatíveis ou suficientes para sanar as demandas que elas possuem, o que facilita a corrupção, a ingerência e ineficiência de seus gestores.

2 LOCALIZAÇÃO ATUAL DO POVO INDÍGENA WARI'

Os índios Wari', hoje, habitam uma vasta área do município de Guajará-Mirim, distribuídos em 16 aldeamentos em áreas localizadas a pequenas distâncias dos projetos de colonização e às margens dos afluentes e tributários do rio Mamoré, nas seguintes localizações:

a) Posto Indígena Ribeirão (Terra Indígena)[17]:

- na margem esquerda do Igarapé Ribeirão com 48.000 há, e ocupa 4,77% do município de Nova Mamoré, fronteira com a Bolívia, e possui uma população de 289 pessoas wari' (de acordo com a FUNAI de Guajará-Mirim, 2010), falantes da língua Wari' (Pacaá-Nova), família linguística Txapakura, Unidade Federativa de Rondônia, jurisdição legal: Amazônia Legal, homologada pelo Decreto 86.347 de 10 setembro de 1981.

Segundo Catheu (2017), essa Terra Indígena Ribeirão é o antigo Posto Indígena Major Amarante:

> O mais antigo (início da década de 50) o Posto Indígena de Atração Major Amarante às proximidades da ponte de Ribeirão, onde os Oro Mon e Oro Waram Xijein serão conduzidos em 1961 e depois de alguns anos, eles serão transferidos para a cachoeira de Ribeirão, hoje aldeia Ribeirão, principal aldeia da T I. Ribeirão. (informação verbal).[18]

b) Posto Indígena Lage (Terra Indígena):

- na margem esquerda do Igarapé Lage com uma área de 107.000 há, e ocupa 2,07% do município de Guajará-Mirim e 5,43% do município de Nova Mamoré e possui uma população de 783 pessoas wari' (de acordo com a FUNAI de Guajará-Mirim, 2010), falantes da língua Wari' (Pacaá-Nova), família linguística Txapakura, Unidade Federativa de Rondônia, fronteira com a Bolívia, jurisdição legal: Amazônia Legal, homologada pelo Decreto 86.347 de 10 setembro de 1981.

c) Posto Indígena Pakaas Novos (Terra Indígena):

- na margem esquerda do rio Pakaas Novos que compreende duas aldeias: Tanajura e Santo André com uma distância de aproximadamente 35 k uma da outra, 280.000 há e ocupa 11,38% do município de Guajará-Mirim e possui uma população de 1.312 pessoas wari'

---

[17] Os então Postos indígenas da época, são hoje, em sua maioria, Terras Indígenas (TI) legalizadas ou em vias de legalização.

[18] Informação oportunizada por Dr. Gilles de Catheu em entrevista feita nos dias 09/03, 10/03 e 11/03 de 2017, em Guajará-Mirim-RO.

(de acordo com o IBGE, 2010), falantes da língua Wari' (Pacaá-Nova), família linguística Txapakura, Unidade Federativa de Rondônia, no município de Nova Mamoré, fronteira com a Bolívia, jurisdição legal: Amazônia Legal, homologada pelo Decreto 86.347 de 10 setembro de 1981.

d) Posto Indígena rio Negro-Ocaia (Terra Indígena):

- na margem esquerda do rio Negro-Ocaia afluente do Pacaás Novos com uma área de 104.000 há e ocupa 4,26% do município de Guajará-Mirim e possui uma população de 764 pessoas wari' (de acordo com o SIASI/SESAI, 2014), falantes da língua Wari' (Pacaá-Nova), família linguística Txapakura, Unidade Federativa de Rondônia, fronteira com a Bolívia, jurisdição legal: Amazônia Legal, homologada pelo Decreto 86.347 de 10 setembro de 1981.

e) Posto Indígena Guaporé (Terra Indígena) (antigo Ricardo Franco):

- na margem direita do rio Guaporé com uma área de 116.000 há próximo à Área Indígena Sagarana e possui uma população de 911 pessoas de povos diferentes: Arikapú, Aruá, Djeoromitxí, Kanoê, Kujubim, Makurap, Tupari, Wajuru que são falantes das línguas Tupari, Jabuti, Mondé, Aikaná, Arikapú, Kujubin, Makurap Kanoe e Tx e nessa os Wari' (de acordo com o IBGE, 2010), falantes da língua Wari' (Pacaá-Nova), família linguística Txapakura, Unidade Federativa de Rondônia, fronteira com a Bolívia, jurisdição legal: Amazônia Legal, homologada pelo Decreto s/n de 24 maio de 1996.

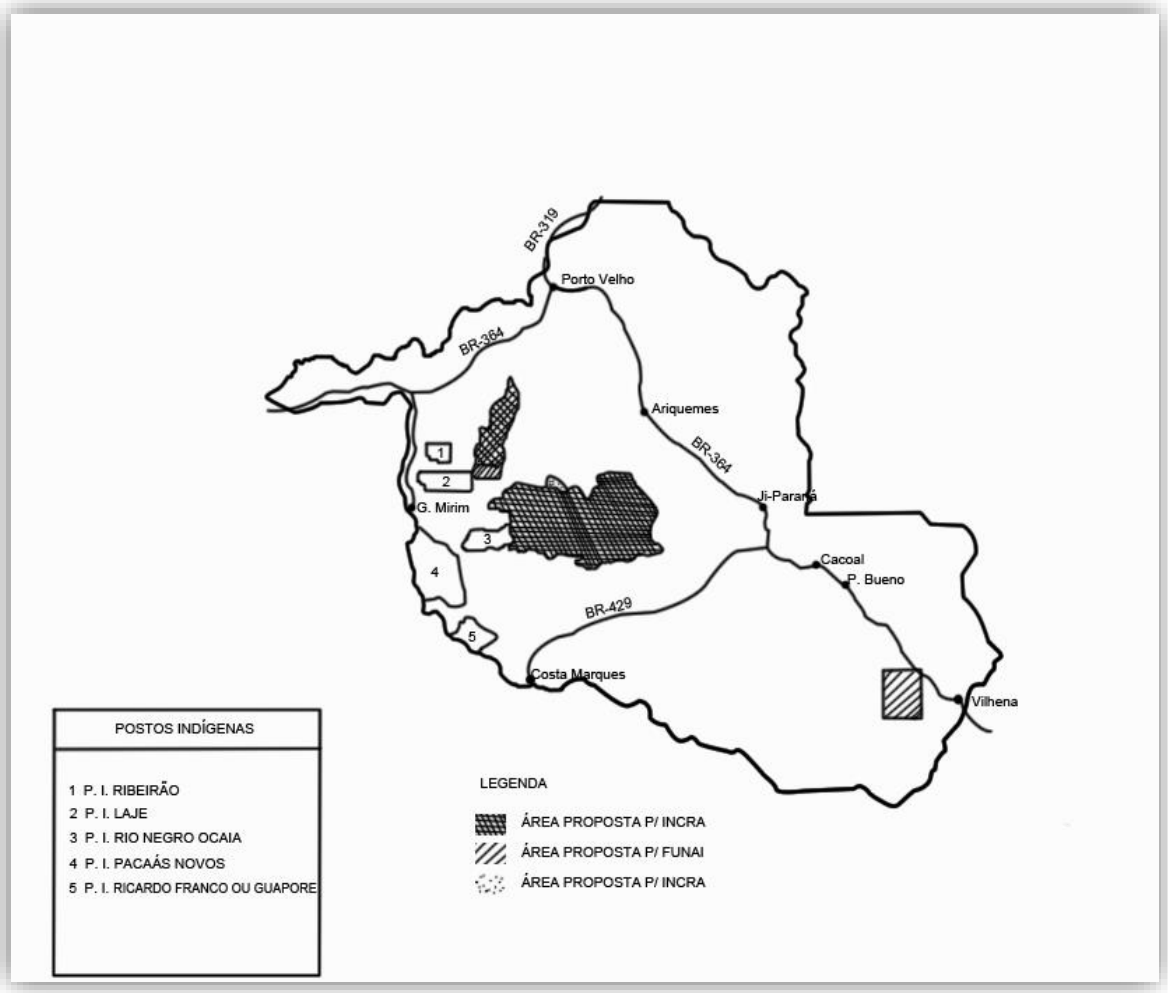
f) Posto Indígena Sagarana (Terra Indígena):

- na margem direita do rio Mamoré a partir da confluência do Guaporé e Pacaás Novos, Ouro Preto, Lage e Novo, com uma área de 18.000 há e ocupa 0,76% do município de Guajará-Mirim e possui uma população de 342 pessoas wari' (de acordo com o SIASI/SESAI, 2014), falantes da língua Wari' (Pacaá-Nova), família linguística Txapakura, Unidade Federativa de Rondônia, fronteira com a Bolívia, jurisdição legal: Amazônia Legal, homologada pelo Decreto s/n de 24 de maio de 1996.

Essa é Terra Indígena que segundo Lewlands (1986, p. 13), foi o motivo de disputa religiosa travada entre missionários protestantes fundamentalistas da New Tribes e católicos ligados a ordem dos Franciscanos.

No mapa a seguir estão identificas as Terras Indígenas habitadas pelos Wari', nos anos de 1956, exceto Sagarana que só foi criada em 17 de novembro de 1965 pelo Padre Luiz Roberto Gomes de Arruda da Diocese de Guajará-Mirim.

Mapa 3 – Localização das Terras Indígenas do Povo Wari' no estado de Rondônia



Fonte: Adaptado de MELO, Tatiana E. M. P. et al. Distribuição espacial e temporal da tuberculose em indígenas e não indígenas de Rondônia, Amazônia Ocidental, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública,** v. 28, n. 2, Rio de Janeiro: Feb, 2012.

No mapa acima estão relacionados os Postos Indígenas que receberam os Wari' nos anos de 1956 e 1961, que são hoje, Terras Indígenas demarcadas e homologadas.

2.1 Povos Indígenas Residentes no Posto de Atração Ricardo Franco

O P. I. Ricardo Franco, assistia, conforme documentação oficial, nos primeiros anos de sua implantação, 1945, a um total de 120 pessoas indígenas de várias etnias.

Nesses documentos são encontradas várias denominações e grafias para uma mesma etnia, como exemplo: Canoé (Kanoê), Macurape (Macurap), Caapixanã (Wapichana), Tupary (Tupari), Cassupá, Tacanã, Paacas Novas, Pacas Nova (Wari'), Massaca, Monde (Aikanã), Canôe, Kapixaná, Kapixanã, Capixanan (Kanoê), outras, conforme relação

descritos em documentos administrativos. Abaixo trancreve-se um documento de 1947 em que Clodoaldo de Medeiros Penha, um auxliar de sertão, faz por ordem da chefia, como pode ser constatado abaixo, na transcrição[19] das microformas 00053, 00054 e 00055 do Microfilme 042:

> Ministério da Agricultura
> Serviço de Proteção aos Índios.
> Relação dos Indios trasidos do Posto A. Ministro Pedro de Toledo, conforme ordem desta Chefia.
> **Tribo dos Mondes**.
> Telemencú Baquete Idade aprocimada 35 anos.
> Aruy Baquete " 31 "
> Mondé Baquete " 37 "
> Munun Baquete " 20 "
> Baita Baquete " 21 "
> Hipe Baquete " 5 "
> Pape Baquete " 3 Meses
> Tanapé Baquete " 14 Anos
> Maria Baquete " 25 "
> Maria Baquete Filha " 13 "
> Uruá Baquete . " 23 "
> Sabay Baquete Idade aprocimada 23 anos.
>
> (MF 042, Microforma 00053, 00054 e 00055 tif, 1947, planilha 8, 1978).

De acordo com Meireles (1983, p. 110), “essa etnia Mondé foi concebida como extinta por vários autores.” Acredita-se que esse fato possa ter ocorrido devido a confusão gerada pela sua descendência, pois conforme Silva (2016, p. 20) “Cassupá e a sua autodenominação Massaká da etnia Salamãi e Aikanã e por outras que também se incorporam ao coletivo Cassupá/Salamãi:

> As famílias que residem no território urbano Cassupá/Salamãi são descendentes das etnias Cassupá e se autodenominam Massaká, da etnia Salamãi e Aikanã, além de indivíduos de outras etnias que também compõem o coletivo Cassupá/Salamãi. O grupo Massaká e Tubarão (Tuparane) são parte da autodenominação étnica Aikanã. A etnia Salamãi, da família linguística Mondé, habitava próximo aos Aikanã, sendo que, no processo de integração à sociedade envolvente, os grupos foram fundidos ao Cassupá, que é do grupo originário dos Massaká, que herdou o nome de um cacique deste grupo. Cassupá, Massaká, Tubarão e Baquete são nomes próprios de caciques ou capitães que foram relacionados aos grupos. (MF 042, Microforma 00053, 00054 e 00055 tif, 1947, planilha 8, 1978).

Essa declaração de Silva explica a distinção, feita pelo auxiliar de sertão, nessa listagem enviada para a chefia em Porto Velho, em que ele separou os Mondé dos Massaká que são, na realidade um único povo, Aikanã que segundo Meireles (1983, p. 110) são falantes da língua da fmília Tupi-Mondé.

Tribo dos Massacas.

[19] Original no anexo E, p. 107.

Santiago Casupa Idade aprocimada 10 anos.
Alonsso Casupa " 23 "
Manoelito Casupa " 18 "
Manoel Casupa " 19 "
Oogé Casupa " 34 "
José Casupa ;; 23 "
Pixuy Casupa ;; 41 "
Bazilio Casupa ;; 14 "
Cuyu Casupa ;; 13 "
Eloisa Casupa ;; 40 "
Loza Casupa ;; 21 "
Laura Casupa ;; 12 "
Meceira Casupa ;; 41 "
Maria Casupa ;; 13 "
Maria Aruy ;; 17 "
Ururú Casupa ;; 16 "
(MF 042, Microforma 00053, 00054 e 00055 tif, 1947, planilha 8, 1978).

Continuação
2ª
Turina Casupa Idade aprocimada 2 anos.
Izabel Casupa " 5 "
Monda Casupa " 10 "

A seguir estão classificados os Canoê que de acordo com ISA (2017), no Quadro Geral dos Povos, são Canoe, Capixaná, Capixanã falantes da língua da família Canoe.

Tribo dos Cano^es

Bahia Canoe ;; 82 ;;
Pirajara Caoê ;; 10 ;;
Aqui?? Canôe ;; 13 ;;
Anayá? Canôe ;; 10 ;;
Tainan ? ;; 11 ;;
Ururema Canôe ;; 29 ;;
Arcuenun Canôe ;; 4 ;;
Pirague Canôe ;; 21 ;;
Maimasarú Canôe ;; 25 ;;
Caisoé Canôe ;; 7 ;;
Vinícia Canôe ;; 3 ;;
Aximinaqué Canôe ;; 30 ;;
Tapirú Canôe ;; 3 ;;
Aquile Canôe ;; 9 ;;
Anaua Canôe ;; 27 ;;
Uanancú Canôe ;; 43 ;;
Yuque Canôe ;; 20 ;;
Opera Canôe ;; 2 ;;
Cuiry Canôe ;; 15 ;
Tiare Canôe Filho ;; 8 ;;
(MF 042, Microforma 00053, 00054 e 00055 tif, 1947, planilha 8, 1978).

São a mesma etnia Canoe, conhecidos como Capixaná, Capixanã falantes da língua da família Canoe, listados separados devido ao equívoco já comentado previamente.

Tribo dos Capichanan

Manoel Sarule ;; 26 ;;

José Aciry ;; 21 ;;
Hotaviano Mequens ;; 27 ;;
José Alimicuim ;; 24 ;;
Tucariu Mequens ;; 29 ;;
Carirú Mequens ;; 14 ;;
João Tucariu ;; 5 ;;
Aribe Tucariu ;; 33 ;;

Continuação

3ª

Mercedes Tucariu Idade aproximada 14 anos.
Aurora Tucariu ;; 13 ;;
Iracema Mequenes ;; 24 ;;
Puten Aranha ;; 15 ;;
Nayr Mequens ;; 27 ;;
Munun Mequens ;; 28 ;;
Emilio Mequens ;; 5 ;;
(MF 042, Microforma 00053, 00054 e 00055 tif, 1947, planilha 8, 1978).

E finalmente os Wari', conhecidos como Pakaas Nova, Uari, falantes da língua de família Txakapura, como já informado na primeira parte desse trabalho.

Índia dos Pacas Nova

Domitila Silva
Alfredo Silva

Indio refugiado pertencente ao Posto Ricardo Francone daa tribo Macurapes.

Toré Moré con 26 anos.

Posto Indigena A. E Fronteira Ricardo Frnco 15 de Setembro 1947.

Clodoaldo de Medeiros penha
Clodoaldo de Medeiros penha.
Auxiliar de Certão
João José de Santa- Ana
João de Santa- Ana
Auxiliar de certão

Em tempo.

Aruy Tenente con 26 anos
Munun Tenente ;; 10 anos

Pertence estes índios a tribo do Massacas.
(MF 042, Microforma 00053, 00054 e 00055 tif, 1947, planilha 8, 1978).

Pode-se constatar pelo documento descrito acima, que no P. I. Ricardo Franco já existiam alguns Wari' desde 1947, segundo o Clodoaldo servidor do SPI.

2.2 Os Oro Wari' no Posto de Atração Ricardo Franco

O Posto de Atração Ricardo Franco localizava-se à margem direita do rio Guaporé,

próximo à junção desse com o rio Mamoré e ocupava uma área de 61.800 ha, ao sul de uma vasta região que atendia aos Índios Pakaas-Novos (Wari')[20] e a alguns quilômetros da área indígena Sagarana, na época administrada pela Igreja Católica, que prestava assistências à índios Wari' (MEIRELES, 1989, p. 4).

O Posto Indígena Ricardo Franco, assistia, conforme inventários, cartas, ofícios, telegramas microfilmados, nos primeiros anos de sua implantação, 1945, a um total de 120 pessoas indígenas de várias etnias. Nesses documentos são encontradas várias denominações e grafias para uma mesma etnia, como exemplo: Canoé (Kanoê), Macurape (Macurap), Caapixanã (Wapichana), Tupary (Tupari), Cassupá, Tacanã, Paacas Novas, Pacas Nova (Wari'), Massaca, Monde (Aikanã), Canôe, Kapixaná, Kapixanã, Capixanan (Kanoê), outras, conforme relação descritos em documentos administrativos. Abaixo trancreve-se o resumo de um documento de 1947 em que Clodoaldo de Medeiros Penha, um auxliar de sertão, faz por ordem da chefia, como pode ser constatado no Apênce D, p. 60, na transcrição das microformas 00053, 00054 e 00055 do Microfilme 042.

Nessa relação feita por Clodoaldo, consta que foi trazidos do Posto de Atração Pedro de Toledo, 70 indígenas adultos e crianças, com idades de 3 meses a 47 e um senhor de 82 anos. O Índio de 82 anos chamava-se Bahia Canoe, e é o que morre em 1962 de velhice, segundo o encarregado do posto da época.

O documento é enviado para a Administração em Porto Velho informando a quantidade de pessoas indígenas de cinco etnias diferentes trazidas do Posto A. Ministro Pedro de Toledo, para o Posto Ricardo Franco, conforme ordem da Chefia em 15 de novembro de 1947. As cinco etnias vindas somam um total de 71 pessoas, crianças, adolescentes, jovens, adultos e velhos com idades entre 3 e 82 anos, a saber: 12 Mondé, 32 Massacá, 20 Kanoê, 15 Kapixanã, que de acordo com o ISA, (2017) é o mesmo Canoê e 2 pessoas Paca Nova (Wari'), uma mulher e homem.

Os indígenas denominados Mondes no documento citado acima, conforme Denise Maldi Meirelles (1983, p. 110), são Mondé, provenientes das margens dos afluentes do rio Pimenta Bueno que nos anos 50 foram para as margens dos rios Cascatas e Tanaru afluentes do Pimenta Bueno. Ainda de acordo com a pesquisadora, vários autores consideraram que os Mondé foram extintos, na realidade parece haver muita confusão em relação a essa etnia.

[20] Etnônimo indígena atual do Povo Pakaas-Novas, que neste trabalho, optou-se por utilizar. Conforme Vilaça (2006), Wari' tem sua origem na palavra *wari'*, 'nós', pronome da primeira pessoa do plural inclusivo, que significa também 'ser humano', 'gente'.

Como exemplo dessa confusão cita-se um grupo Mondé que se mantinham mais isolados e foram confundidos com os Massaká, porque eram chefiados por um índio Massaká, daí a extensão do nome para todo o grupo Mondé, mas esse grupo também acabou se engajando no trabalho dos seringais tempos depois.

Conforme Meireles (1983, p. 111), o linguista Aryon Dall'Igna Rodrigues concluiu que a língua falada pelos Mondé é Tupi-Mondé e que o Mondé, o Digut e o Cinta-Larga também são e que o linguista Cestmir Loukotka acrescenta que falam línguas Tupi-Mondé, os Mondé, os Sanamaiká, os Digut, os Aruá e os Aruási. Meirelles (1986, p. 111), relata em sua pesquisa que segundo o depoimento do índio Manoelito Kassupá a sua antiga aldeia localizava-se nas margens do rio Tanaru, e o seu chefe era, de fato, conhecido pelo nome de Tubarão e por isso os Mondé ficaram conhecidos em Rondônia pelo nome de "Tubarões" e que a região de Pimenta Bueno era habitat de outros grupos como Kanoê, Sanamaiká ou Salamãi e os Kassupá, que em 1940 foram forçados a deixarem as suas aldeias e foram levados para o Guaporé, especificamente para o Posto Ricardo Franco, sob a orientação do SPI e Aloizio Pinheiro Franco, primeiro governador do Território do Guaporé.

Mais uma vez o SPI, servia ao apelo desenvolvimentista do capital e graças à essa mudança, houve um grande genocídio:

> A intenção era esvaziar a área indígena ao mesmo tempo em que, transferidos os grupos para o Guaporé, os seringais passariam a ter uma nova massa de trabalhadores. O deslocamento dos grupos foi feito através de canoas. Na trajetória da foz do Corumbiara até o Guaporé, muitos índios fugiram. Na fuga, alcançaram o seringal Barranco Alto, situado nas margens do Corumbiara. Dali foram novamente enviados para o Ricardo Franco. O Posto, segundo consta, havia sido criado para abranger esses índios que deveriam ser imediatamente colocados a serviço dos seringais. Entretanto, ocorreu um grande genocídio: não havia roças, os índios eram obrigados a empregar todo o se tempo na coleta de borracha (alimentavam-se de gêneros fornecidos pelos seringalistas: charques, feijão, farinha, etc., vindos do Barranco Alto) e pouco depois contraíram sarampo. A mortandade foi tamanha que os Kanoê foram praticamente exterminados. Os que conseguiram sobreviver acabaram se espalhando pelos seringais. (MEIRELLES, 1983, p. 111).

Nos documentos microfilmados utilizados para o estudo, aqui proposto, que são microformas de documentos administrativos do Posto Ricardo Franco a partir de 1947, não forneceram a constatação exposta acima por Meireles (1986), por meio desses documentos. O que existe sobre a criação do P. I. é o Decreto nº 17.684, de 26 de janeiro de 1945.

Mesmo com todas as mortes, inclusive dos Mondé que foram para o Posto Ricardo Franco e que não sobreviveram ao surto de sarampo, os que foram para as margens do Chupinguaia sobreviveram e estão hoje, no Posto Indígena Tubarão, no município de Chupinguaia.

Já segundo o ISA (2014), os Mondé são na verdade Aikaná que tem várias denominações como Massacá, Tubarão, Columbiara, Mondé, Huari, e a polução Mondé são de 350 pessoas, são dados aproximados devido à dificuldade para uma apuração exata, pois são várias as terras habitadas pelas etnias e essa fragmentação territorial inviabiliza um censo sem margem de erro.

> O Brasil tem uma extensão territorial de 851.196.500 hectares, ou seja, 8.511.965 km2. As terras indígenas (TIs) somam 704 áreas, ocupando uma extensão total de 117.380.673 hectares (1.173.807 km2). Assim, 13.8% das terras do país são reservados aos povos indígenas. A maior parte das TIs concentra-se na Amazônia Legal: são 419 áreas, 115.342.101 hectares, representando 23% do território amazônico e 98.33% da extensão de todas as TIs do país. O restante, 1.67%, espalha-se pelas regiões Nordeste, Sudeste, Sul e estados de Mato Grosso do Sul e Goiás. (ISA, 2017).

O povo Wari', hoje, habitam uma vasta área do município de Guajará-Mirim. São áreas localizadas a pequenas distâncias dos projetos de colonização e às margens dos afluentes e tributários do rio Mamoré, nas seguintes localizações como descrito anteriormente. De acordo com Vilaça (1992, p. 17), "a Terra Indígena (TI) Pacaas Novos antes da homologação era os antigos Postos Indígenas (PI) Tanajura, Santo André, Deolinda e Sotério," atualmente as Terras Indígenas dos Wari' são seis:

a) Posto Indígena Ribeirão (TI)[21], na margem esquerda do Igarapé Lage, Terra Indígena Ribeirão é o antigo Posto Indígena Major Amarante, com uma área de 48.000 há;

b) Posto Indígena Lage (TI), na margem esquerda do Igarapé Lage com uma área de 107.000 há;

c) Posto Indígena Pakaas Novos (TI), na margem esquerda do rio Pakaas Novos que compreende duas aldeias: Tanajura e Santo André com uma distância de aproximadamente 35 k uma da outra, 280.000 há;

d) Posto Indígena Rio Negro-Ocaia (TI), na margem esquerda do rio Negro-Ocaia afluente do Pacaás Novos com uma área de 104.000 há;

e) Posto Indígena Guaporé (TI), na margem direita do rio Guaporé com uma área de 116.000 há;

f) Posto Indígena Sagarana (TI), na margem direita do rio Mamoré afluente do Guaporé e Pacaás Novos, Ouro Preto, Lage e Novo, com uma área de 18.000 há.

[21] Os então Postos indígenas da época, são hoje, em sua maioria, Terras Indígenas (TI) legalizadas ou em vias de legalização.

Segundo Vilaça (1992, p. 20), quando estava fazendo a pesquisa para o seu livro "Comendo como gente: formas de canibalismo wari' (Pakaa Nova), conheceu o informante Gilles de Catheu que nesse tempo era o administrador de Sagarana: "Tive oportunidade, entretanto, de conhecer o administrador de Sagarana, um jovem médico francês, Gilles de Catheu, interessado na cultura wari' e que parece manter com os índios ótimas relações."

Como já dito anteriormente, os Wari' dividia-se em oito subgrupos que viviam em territórios que continham um número de áreas nominadas nas quais residiam grandes famílias patrilocais. Esses subgrupos de famílias podiam dividir-se e juntarem-se a outros ou outros juntarem-se a eles e mudavam-se frequentemente dentro dos limites do território desses subgrupos. (VILAÇA, 1992, p. 20).

Cada área nominada possuía, tradicionalmente, de cinco a oito casas e no presente de duas a oito, sendo cada uma ocupada por uma família conjugal, uma casa dos homens solteiros com o nome de kaxa' que abrigava de vinte a trinta pessoas (VILAÇA, 1992, p. 20).

Conforme Guilles de Catheu a "kaxa" é a casa dos solteiros, rapazes a partir de 11 a 12 anos de idade e os homens solteiros. (informação verbal)[22]

2.3 Antes do Contato

Conhecidos pelos viajantes que navegaram o rio Mamoré no século XIX como Pakaa-Nova[23], nome originado provavelmente devido ao local que habitavam, no rio Pacaás Novos, os Wari', forma lexical que será utilizada nesse estudo, são etnicamente compostos por vários subgrupos ou unidades distintas com as quais se apresentaram aos não índios quando do processo de colonização.

Encontram-se, em várias obras bibliográficas, que o contato do indígena com o não indígena, no processo de colonização de Rondônia e outras áreas da Amazônia, teria o seu início nos anos 40. Contatos existiram desde o período colonial, com o extrativismo das especiarias, conhecidas como as "drogas do sertão", mas o contato efetivo com boa parte dos subgrupos, começou a acontecer a partir do primeiro Ciclo da Borracha na Amazônia, que teve início na

[22] Informação fornecida por Dr. Gilles de Catheu em entrevista feita nos dias 09/03, 10/03 e 11/03 de 2017, em Guajará-Mirim-RO.

[23] Optou-se por essa grafia porque além de ser uma das grafias veiculadas na literatura é a utilizada nos documentos analisados.

segunda metade do século XIX, ou seja, acredita-se que em 1879:

> Até o fim do período colonial, a economia da Amazônia teve uma importância muito reduzida na balança comercial do país. Grande alteração se observou na terceira fase – a da borracha – que se iniciou na segunda metade do século XIX, assumiu importância considerável a partir de 1880 a 1890, estendendo-se até o início do século XX. (FAUSTO, 1977, p. 315).

Ainda de acordo com Fausto (1977, p. 315), "o uso da borracha foi registrado pela primeira vez entre os índios do Haiti e do México, que, com o látex extraído das árvores, preparavam bolas para jogos, sapatos, capas e couraças. Na Amazônia pelos Cambebas ou Anaguás, habitantes do Solimões-Marañon."

Segundo Gilles de Catheu antes de a sociedade envolvente exigir que o SPI interviesse junto aos indígenas atraindo-os para os Postos em 1961 e, os OroNao' dos brancos, o primeiro grupo contatado em 1956, supõe-se que, já encontravam-se em guerra com os não índios desde a segunda metade do século XIX, no primeiro ciclo da borracha, quando o Governo criou vários programas oficiais para o desenvolvimento da região amazônica, inclusive, A "marcha para o oeste". O projeto, desenvolvido pelo ditador Getúlio Vargas, no Estado Novo, com o objetivo desenvolvimentista populacional e econômico que tinha o propósito de incorporar as regiões Norte e Centro-Oeste às demais regiões do Brasil, pois, segundo Ele, era preciso preencher os "vazios demográficos" com brasileiros pobres.

O Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) não mediu esforços na divulgação do projeto. E para alavancar ainda mais o Projeto, o escritor modernista Cassiano Ricardo, escreveu um livro com o título: "Marcha para o Oeste: a influência da bandeira na formação social e política do Brasil" exaltando a nacionalidade e brasilidade das pessoas do interior do país.

Esse projeto trouxe muitas pessoas de várias regiões do Brasil para as colônias de habitação criadas no Amazonas, Mato Grosso, Goiás, Maranhão e Pará, enfim, regiões abrangidas pelo projeto. No Amazonas, com a crise da borracha e a decadência do mono extrativismo, muitos locais, antes ocupados com o extrativismo transformaram-se em fazendas, sítios e latifúndios com unidades agrícolas, pecuária e extrativistas.

Conforme Meireles (1983, p. 75), em 1915, o rio Cautário tinha em suas margens vários barracões de grande porte e o rio Mamoré em sua margem esquerda já possuía um grande barracão denominado "Rodrigues Alves" da empresa Guaporé Rubber e que empregava mais de 100 homens e que os conflitos entre índios e não índios eram frequentes.

Contudo, nessa época, a atuação de Cândido Mariano da Silva Rondon como

colonizador, já que na criação das linhas telefônicas, em cada estação telegráfica iniciava-se uma cidade, como exemplo Ariquemes, Ji-Paraná, Pimenta Bueno e a sua teoria de pacificação começa a se destacar principalmente pela "sua persistência na atitude pacífica" com os Nambikwára que segundo ele era um grupo de 70.000 pessoas. (MEIRELES, 1986, p. 75).

Esse feito de Rondon ajudou a convencer as autoridades a mobilizarem a sociedade nacional para um movimento de preservação do povo indígena e com isso o primeiro gesto para a criação do Serviço de Proteção aos Índios. (MEIRELES, 1986, 113).

Segundo informações de Gilles de Catheu, no ano de 1950, foi criado pelo SPI, o Posto de Atração Major Amarante e que as famílias indígenas que viviam no P. I. Ricardo Franco foram transferidas para esse posto e enviados para os seringais perigosos no intuito de contatar os Wari':

> No início da década de 40 o SPI criou o Posto de Atração Major Amarante na foz do igarapé Ribeirão no km 294 da Estrada de Ferro Madeira Mamoré. Desde o início da década de 1950, indígenas do Posto Ricardo Franco e suas famílias foram trazidos para esse Posto e enviadas nos seringais perigosos da bacia dos igarapés Ribeirão, Mutum, Jaci-Paraná e Lage com o objetivo de facilitar o contato. Para os Wari, os indígenas de Ricardo Franco não passavam de seringueiros e a estratégia do SPI não contribuiu para a aproximação dos Wari. (informação verbal)[24]

De acordo com Meireles (1983, p. 113), " Os Pakaas-Novos somam, sem dúvida, o grupo indígena mais numeroso de Rondônia" e se dividem nos sete grupos a seguir: os OrôDao (os morcegos), os OrôAt (os ossos), os OrôBone (os fezes), os OrôRâme (os macacos pretos), os OrôRâmepXiein (as outras pessoas), os OrôÊo (os arrotadores), e os OrôJwin (os macacos pregos). Essa classificação feita por Meireles (1983, 113), foi corroborada, salvo algumas diferenças na grafia, na denominação dada por Catheu (2017), na entrevista concedida em Guajará-Mirim, em março de 2017, quando se referiu aos Wari', com os quais convive desde meados do século XX.

Já Vilaça (2006, p. 55), que também estuda os Wari' há várias décadas, anuncia que são nove subgrupos e que é pela designação "Wari' que eles se referem a si mesmos, e a qualquer "índio," nos dias de hoje quando falam com os brancos" [...] e os Wari' se percebem como parte de subgrupos que são denominados por eles como: OroNao que significa "povo dos morcegos"; OroNao' dos brancos, "povo dos morcegos dos brancos;" OroEo "povo do arroto;" OroAt, "povo dos ossos;" OroMon, "povo das fezes;" OroWaram, "povo do macaco-aranha" e OroWaramXijein, "povo do macaco aranha-outro", além de, às vezes se referirem, a mais dois

[24] Informação proferida por Dr. Gilles de Catheu em entrevista feita nos dias 09/03, 10/03 e 11/03 de 2017, em Guajará-Mirim-RO.

subgrupos a saber: OroJowin, “povo do macaco-prego e OroKaoOroWaji, “povo dos comedores de verde.”

De acordo com Vilaça, os Wari’ não tem um nome para designar a sua etnia e a denominação dada por eles como as nove transcritas acima, ela considerou como subgrupos. O nome Wari’, pronome de primeira pessoa do plural inclusivo, "nós", que significa também “nós” e ainda “ser humano”, “gente” e que eles definem as pessoas de outro subgrupo como **tatirim**[25], que na tradução feita por ela significa estrangeiro.

Na descrição dos nomes dos subgrupos, feitos por Vilaça, fica claro que Oro, significa povo, mas na descrição de Meireles (1983), a grafia dos nomes se diferem, mas a tradução é praticamente a mesma, exemplo: Orô Dao ela traduz como **os morcegos** e em Vilaça a grafia é OroNao’ traduzida como **povo dos morcegos**. Infere-se, que esse fato se deve às mudanças próprias de cada língua com o passar dos tempos. Conforme Catheu (2017), na década de 80 existiam 3 grafias: “A respeito da escrita dos Oro Nao', na época que a Denise escreveu (1986, creio), se escrevia Urudao, ou OroDão, ou OroDao'. Mas trata-se do mesmo grupo.” (informação verbal)[26].

A literatura pesquisada e referenciada no presente texto, traz várias formas léxicas de registros dos etnônimos indígenas, mas optou-se por utilizar a forma de escrita sugerida por Catheu, que é como consta nos atuais registros de nascimento dos Wari’, com os quais ele convive: OroNão’, OroEo’, Oro At, OroJowin, OroWaram, OroMon, OroWaramXijein, KaoOroWaje.

2.4 O surgimento ou Criação dos Subgrupos

O surgimento dos subgrupos Wari’ vem de uma história um tanto mítica e antiga. Segundo Vilaça, esses povos habitavam grutas e após saírem delas se espalharam pela terra, cada um ocupando lugares exclusivos. Com o passar do tempo, receberem de seus vizinhos, nomes como povo do arroto, povo dos morcegos, nomes esses, que exaltavam as qualidades negativas do comportamento dos membros das famílias vizinhas e com isso surgem os subgrupos.

---

[25] Grifo nosso para destacar a palavra.

[26] Informação proferida por Dr. Gilles de Catheu em entrevista feita nos dias 09/03, 10/03 e 11/03 de 2017, em Guajará-Mirim-RO.

Os Wari', conforme Vilaça (2006), não têm a filiação como o único critério de pertencimento aos subgrupos ou regulador do casamento, ou determinante de acesso a recursos econômicos, políticos e simbólicos. Eles, como outras etnias da região oeste do Brasil, apresentam indícios de que o local geográfico de nascimento ou moradia é que estabelece o pertencimento a este ou aquele subgrupo. As diferenças entre os grupos são tênues e a identidade étnica não aparece como delimitadora dos mesmos e sim, as diferenças internas, que são mais de cunho relacionais do que propriamente identitárias.

Os subgrupos eram formados por grupos de pessoas geograficamente distribuídos em uma região, cada um em um local, ao qual eles davam o nome de roça[27], construíam aí as suas casas e permaneciam no local, por até cinco anos. (VILAÇA,2006). Essas áreas nominadas, espalhadas por uma região, formavam um subgrupo.

Devido a esse hábito, de se mudarem de tempos em tempos, antes do contato com os não índios, é que os Wari' foram considerados nômades, pois viviam se deslocando pelos vastos territórios brasileiro e boliviano, o que corrobora para as separações apresentadas no mito que pode ser a explicação para o surgimento dos subgrupos.

De acordo com Vilaça (2006, p. 56), os próprios Wari' têm uma variedade de interpretações de Nanananana[28], o mito do dilúvio, que trata da reconstituição da sociedade Wari' que havia sido destruída no dilúvio e que essa versão do mito, gravada em 1993 na língua Wari', é contada por um homem orowaram que viveu por muitos anos com os OroNao', Povo do qual trata-se esse trabalho.

Resumir-se-á aqui, a versão do que pode ser o "mito de origem" dos Subgrupos, narrada na obra Quem somos nós... de Aparecida Vilaça (2006, p. 56).

Choveu muito, por muitos dias seguidos. Então chegou o espírito da chuva, parecida com uma avó, mãe das mulheres. As mulheres acharam que a mãe delas havia chegado, pois era igualzinho à mãe delas. A chuva tinha virado gente. O fogo dos seus irmãos mais velhos apagou, disse a velha que sentou próxima ao fogo e esquentou as mãos. Avelha disse: vou embora levar fogo para os irmãos mais velhos de vocês.

Logo que a velha foi embora a chuva ficou muito forte e a água inundou as casas e todas as pessoas que existiam morreram afogadas, exceto um casal e suas duas filhas mulheres que foram para a casa do milho. Nanananana que era o pai das moças, que resolveu fugir com as

[27] O nome roça, de acordo com Vilaça, na língua wari' é xitot.
[28] Nome dado ao protagonista do mito, em alusão à sua gagueira.

suas filhas para uma casa que ficava no alto, e dessa forma sobreviveram à inundação.

Voltaram no outro dia e das casas só se via o esteio. Sozinhos resolveram buscar gente, ou melhor, maridos para as filhas que ficaram viúvas com a inundação. Encontraram mulheres filhas de outra gente, que tinham irmãos mais velhos que casaram-se com as viúvas. Os pais dos irmãos mais velhos não conseguiram sair da gruta para conhecerem as noras porque eram muito robustos. Os casais tiveram filhos que cresceram e casaram-se e tiveram mais filhos. Após um tempo, eram muitos os descendentes de Nanananana que espalharam-se pelas serras fazendo muitas roças.

Conforme Vilaça (2006, p. 310), essa versão é do subgrupo OroNao' porque quem o narrou viveu muito tempo entre eles. Os OroMon, OroWaramxijein e OroWaram têm versões que divergem significativamente. As explicações para a origem dos subgrupos é de que eles surgiram um após o outro, todos derivados desses casais formados pelas filhas de Nanananana:

> [...] Diferentemente do que se poderia esperar, não se trata de uma origem simultânea, onde cada subgrupo surgiu a partir de um desses casais. A idéia mais frequente é que os subgrupos foram surgindo uns dos outros, gradativamente. [...] O que os Wari' estão interessados em explicar é menos o momento histórico preciso da origem do subgrupo como entidade física (um conjunto de pessoas), mas a sua gênese enquanto unidade social a partir de fora. Em outras palavras, menos importante do que saber de onde surgiram os OroNao, por exemplo, se dos OroEo ou diretamente dos descendentes dos casamentos entre os Wari' e os inimigos, é saber que os OroNao foram reconhecidos como unidade distinta por membros de um grupo que, de certa forma, também passa a existir no momento desse reconhecimento. É quando os grupos passam a ter nomes, que lhes são dados por essas pessoas de fora, a partir de alguma característica comum ao grupo. Assim, os OroNao teriam recebido esse nome - de um outro subgrupo Wari' que não é determinado - porque os homens ficavam acordados à noite como morcegos, agarrados às suas bordunas, para bater em quem viesse fazer sexo com suas mulheres. Os OroAt gostavam de comer osso. Os OroEo arrotavam após cantar e falar. (VILAÇA 2006, p. 310).

2.5 O contato dos OroNao' com os não indígenas

Acredita-se que os grupos que viviam no Igarapé Lage e Ribeirão tiveram seu primeiro contato com os trabalhadores da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré e com os caucheiros e seringueiros daquela região. E os grupos que habitavam às margens do rio Pakaas Novos tiveram seu primeiro contato com os seringueiros e o resultado desse contato foi de muitas mortes e doenças.

A fricção interétnica entre índios e não índios, na colonização dos territórios brasileiros, principalmente no Território do Guaporé, região norte do Brasil, trouxe a guerra entre

indígenas, Caucheiros, seringueiros e seringalistas.

Os OroNão' dos brancos, foi o primeiro grupo a ter contato com os não índios no ano de 1956, conforme disse Catheu (2017):

> Só precisa saber que tem os OroNao' da margem esquerda do rio Pacaas Novos (Terra Indígena Pacaa Nova) que tiveram o contato em 1956 (que os demais grupos Wari chamam OroNao' do branco; é o grupo Wari mais numeroso) [...] Os OroNao' da margem esquerda do rio Pacaas Novos que tiveram o contato em 1961 e que hoje moram na sua maioria na terra indígena Rio Negro Ocaia. (informação verbal).[29]

O posto Major Amarantes foi criado pelo sertanista Francisco Meirelles para facilitar a pacificação dos Wari' e solucionar os ataques dos indígenas contra os não indígenas e vice-versa. E só cumpriu o objetivo de sua criação, em abril de 1956, quando o primeiro contato pacífico com parte do subgrupo OroNao' se deu às margens direta do rio Pakaas Novos. (MEIRELES, 1986, p. 114).

Após esse contato de 1956, os próprios indígenas foram em busca de seus parentes e acabaram por contatar os Wari' de vários subgrupos, como explica o informante Gilles de Catheu:

> O contato com os Oro Mon e Oro WaramXijein foi realizado pelos próprios Wari recém contatados que iam atrás de seus parentes no mato. Quando os Oro Mon e Oro WaramXijein que tinham chegado no Posto de Atração Tenente Lira, no rio Lage, foram transferidos para o Posto de Atração major Amarante, ficaram apenas os OroWaram. (informação verbal).[30]

Esse subgrupo OroNao' que foi contatado primeiro, é que efetuou o contato com os demais subgrupos, ficou conhecido como OroNao' dos brancos, pois foi assim que os outros OroNao' se referiram a eles quando chegaram na a expedição de contato organizada pelo Padre Luiz Roberto de Arruda e Gilberto Gama, servidor do SPI.

Conforme Gilles de Catheu, os ataques, os massacres, invasões eram permanentes e os Wari' revidavam flechando e muitas vezes matando, mas o acontecimento daquele 8 de dezembro foi decisivo para que se tomasse providências em relação a essa questão de conflito entre índios e não índios:

> Em 08 de dezembro de 1960, os Wari´ flecharam um jovem que ia de bicicleta de Guajará-Mirim até a colônia Presidente Dutra (Iata). O corpo foi encontrado sem pernas, sem braços e crivados de flechas. Essa notícia em destaque no *Jornal Imparcial* com a foto da criança revoltou a toda população. Assim, os seringalistas receberam o apoio da maioria dos moradores da cidade para preparar uma expedição

---

[29] Esclarecimento fornecido por Dr. Gilles de Catheu em entrevista feita nos dias 09/03, 10/03 e 11/03 de 2017, em Guajará-Mirim-RO

[30] Informação disponibilizada por Dr. Gilles de Catheu em entrevista feita nos dias 09/03, 10/03 e 11/03 de 2017, em Guajará-Mirim-RO.

> punitiva com o intuito de acabar com todas as aldeias e matar até o último índio. O SPI foi informado desse plano fúnebre e o Inspetor enviou a Guajará-Mirim dois servidores, Fernando Cruz e Gilberto Gama, para acalmar os seringalistas e tentar fazer o contato. (informação verbal)[31]

Após esse episódio toda a cidade de Guajará-Mirim voltou-se contra os indígenas e sob a coordenação de seringalistas, inclusive Manuel Lucindo e Manussakis, que já tinha sob comando, quarenta homens armados na mata para exterminar os índios. A decisão era: "acabar com os últimos índios, não deixar mais ninguém" (VILAÇA, 2006, p. 367).

Diante da eminência dessa expedição punitiva o bispo d. Xavier Rey, interveio, pedindo aos organizadores da expedição que aguardassem até que a prelazia fizesse contato pacífico com os índios que atacavam a região do rio Pacaás Novos. Então o bispo entrou em contato com o governador Alvarenga Mafra que enviou, à revelia do SPI, o sertanista Fernando Cruz, que estava nas proximidades auxiliando missionários da MNTB. Mas antes que eles chegassem, o SPI e os missionários tinham conseguido que os OroNao' da margem esquerda do rio Pacaás Novos e Lage aceitassem o contato amistoso. (VILAÇA, 2006, p. 367).

2.6 Os OroNão' dos Brancos

Remanescentes da família linguística Txapakura como os Torá, os Moré ou Itenes, como os outros subgrupos Wari', falantes da língua Pacaá-Nova, são habitantes da margem esquerda do rio Pacaas Novos que compreende duas aldeias: Tanajura e Santo André.

A distância de uma para a outra é de aproximadamente 35 km e possui uma área de 280.000 há que ocupa 11,38% do município de Guajará-Mirim. Nessa Terra Indígena a população é de 1.312 pessoas Wari' (IBGE, 2010)[32].

Desde a sua criação em 1910 que para levar a cabo a política de tutela e nacionalização dos indígenas criou-se os seguintes Postos de Atração Indígenas: Posto Indígena de Atração Dr. Tanajura, atual Terra Indígena Pacaás-Novas, para onde levaram o primeiro subgrupo contatado, os OroNão' do igarapé Dois Irmãos, em 1956, o Posto Indígena de Atração Tenente Lira, atual Terra Indígena Igarapé Lage, onde ficaram os OroWaram, OroMon e OroWaramXijein, o Posto Indígena de Atração Rio Negro Ocaia, acampamento Dom Rey e depois Barracão, onde ficaram a outra parte OroNao', alguns OroEo e OroAt, o Posto Indígena

[31] Id., 3, março, 2017
[32] Ver referência no final da dissertação.

de Atração Major Amarante, atual Terra Indígena Ribeirão, para onde levaram os OroMon e OroWaramXijein em 1961 e o Posto de atração Ricardo Franco, criado antes, em 1945. Esse subgrupo era considerado pelos não indígenas como índios "bravios," como os demais Wari', porque eles resistiam à possibilidade de serem levados para os Postos de Atração fundados pelo SPI, para serem integrados à sociedade envolvente e flechavam os não índios sempre que tinham oportunidade.

De acordo com Vilaça (2006, p.57), esses Wari' viviam em guerra com os não índios seja porque eles preferiam assim ou porque as circunstâncias impunham.

Talvez, possa inferir-se que, além de uma identidade contrastiva, é também uma questão de alteridade:

> A identidade contrastiva parece se constituir na essência da identidade étnica, i.e., à base da qual esta se define. Implica a afirmação do *nós* diante dos *outros*. Quando uma pessoa ou um grupo se afirmam como tais, o fazem como meio de diferenciação em relação a alguma pessoa ou grupo com que se defrontam. (OLIVEIRA 1976, p. 5, grifo do autor).

Segundo Todorov a relação com o outro não se dá em uma única dimensão e para diferenciar essas dimensões e situar a problemática da alteridade é preciso fazer distinção entre os eixos dos planos axiológico, praxiológico e epistêmico:

> Primeiramente, um julgamento de valor (um plano axiológico): o outro e bom ou mau, gosto dele ou não gosto dele, ou, como se dizia na época, me e igual ou me e inferior (pois, evidentemente, na maior parte do tempo, sou bom e tenho autoestima…). Ha, em segundo lugar, a ação de aproximação ou de distanciamento em relação ao outro (um plano praxiológico): a dos valores do outro, identifico-me a ele; ou então assimilo o outro, impondo-lhe minha própria imagem; entre a submissão ao outro e a submissão do outro há ainda um terceiro termo, que é a neutralidade, ou indiferença. Em terceiro lugar, conheço ou ignoro a identidade do outro (seria o plano epistêmico); aqui não há, evidentemente, nenhum absoluto, mas uma gradação infinita entre os estados de conhecimento inferiores e superiores. (TODOROV, 1996, p. 183).

Constata-se então a problemática que se instala nessa relação. De um lado a intenção do não índio em transformar o índio em um igual e do outro lado, o índio, como anuncia Vilaça (2006, p. 43), "e sua necessidade estrutural da diferença, interessado justamente naquilo que fazia dos conquistadores seres diferentes." O resultado é o que vivencia-se ao longo dessa trajetória de contatos entre índios e não índios, a sujeição e dominação advindas das fricções interétnicas na ação de identificação étnica.

Até o contato com os não índios os Wari' praticavam o canibalismo funerário e de guerra:

> Referências a práticas de canibalismo sempre existiram nas mais diversas épocas e sociedades. Desde a chamada pré-história – como fato comprovado ou através de

> mitos ou relatos – o canibalismo está, ou esteve, presente na Grécia, em Roma, na Alemanha, na África, na França, no Brasil, como regras sociais ou exceções a essas. No entanto, as circunstâncias, motivações, e valores envolvidos permitem traçar uma distinção mesmo quanto à forma como são nomeadas. Quando relacionadas a rituais sociais, coletivos, estas práticas são geralmente denominadas de antropofagia, enquanto que o termo canibalismo é usado mais freqüentemente, com relação ao ato de comer a carne para saciar a fome ou uma vontade, ou associado a um ato arbitrário, uma crueldade. Entre as práticas antropofágicas – ou canibalismo ritual – existem ainda algumas distinções. Se nos atermos às descrições dos rituais ameríndios que tanto impressionaram portugueses, franceses e alemães, entre outros, desde o "descobrimento" da América até os dias de hoje, é possível distinguir pelo menos duas circunstâncias diferentes. Abaixo da linha do equador e mais próximo à costa africana, o canibalismo ritual poderia ser funerário ou relativo à guerra. (CARVALHO, 2008, p. 1).

Mas com a fricção interétnica oriunda do contato essas práticas ficaram no passado da cultura indígena.

3 A IGREJA E OS ORO WARI'

A trajetória do Povo Wari' na Amazônia não pode ser posta à revelia ou dissociada da participação da Igreja, especificamente da Prelazia de Guajará-Mirim criada pelo Papa Pio XII, de acordo com a bula Animarum cura (cura das almas), em 1 de março de 1929. Para a criação da Prelazia foram desmembradas a Diocese de São Luís de Cáceres e a Prelazia de Porto Velho e foi entregue pela Santa Sé à Terceira Ordem Regular (jurisdições eclesiásticas). A Prelazia foi elevada a Diocese em 16 de outubro de 1979 pelo então Papa João Paulo II, através da Constituição Apostólica Guaiaramirensis.

A prelazia de Guajará-Mirim, na pessoa do Frei Roberto Luiz Gomes de Arruda, falecido em 12 de março de 1978, foi bastante presente nas fazes de doenças e epidemias por quais passaram os Wari' naqueles anos. Em 1963 ele não havia se tornado o segundo Bispo de Guajará e participava, juntamente com outros missionários, ativamente de tudo respeitante às populações indígenas da região. Inclusive fez parte da expedição que o governador do Território de Rondônia, na época Major Mafra e o Serviço de Proteção aos Índios realizaram às terras dos Wari' quando foi feito o contato amistoso que acabou com os massacres de índios e brancos (JORNAL DO BRASIL, 1963).

Após a sua ordenação a Bispo ficou conhecido como Dom Rei, pela população envolvente e indígena. O envolvimento de Dom Roberto Luiz Gomes de Arruda com a causa indígena está explicado na parte posterior, que fala sobre as doenças e epidemias não controladas pelo Povo Indígena.

Não se sabe ao certo porque motivos os missionários católicos franciscanos se desentenderam com o SPI e os missionários protestantes da Missão Novas Tribos do Brasil, mas segundo Newlands (1986, p. 13), a Terra Indígena Sagarana foi motivo de disputa religiosa travada entre missionários protestantes fundamentalistas da New Tribes e católicos ligados a ordem dos Franciscanos.

Acredita-se que as questões políticas e ideológicas do SPI e seus governantes causaram as desavenças entre o Órgão e os missionários Franciscanos da Prelazia de Guajará-Mirim, pois as ações e atitudes de seus servidores depunham contra a vida e o respeito à dignidade humana.

Em uma matéria feita por Lilian Newlands, em 1986 e publicada no jornal Porantim sobre um relatório feito por Mauro de Melo Leonel Júnior, antropólogo, descreve o seguinte:

> A partir de 1955, a atração dos Oro-Uari (com os Ororam, Ororamtxien, Oroboni e Macurap formam o grupo conhecido como Pakaa-Novo) pelo extinto Serviço de

> Proteção ao Índio (SPI) passou a ser acompanhada pela seita protestante norte-americana New Tribes (Novas Tribos). A Prelazia católica de Guajará-Mirim, financiada e gerida por franciscanos franceses, considerava-se excluída e mantinha-se crítica à ação conjunta SPI/New Tribes [...] que após os primeiros contatos com os Uari (Pakaas-Novos), em 1955, a New Tribes passou a monopolizar a conversão dos índios, através da presença de seus missionários e "linguista" nos postos Pakaa-Novo, Rio Negro-Ocaia e Lage. Estes índios, cerca de 5 mil, na década de 60 estavam reduzidos a 600, segundo informações de Frei Roberto Luís Gomes de Arruda ao jornal Folha de São Paulo (18/7/1963). (LEONEL JÚNIOR apud NEWLANDS, 1986, p. 13).

Newlands ainda afirma, em sua matéria, que conforme Mauro Leonel o conflito entre as duas vertentes religiosas é antigo:

> O relatório de Mauro Leonel, no entanto, redigido em 1984, traz à tona fatos que remontam - há muitas décadas - Entre eles - segundo a definição do autor - o de que **"Sagarana é fruto de uma guerra extemporânea, travada entre missionários protestantes fundamentalistas da New Tribes e católicos ligados à Ordem dos Franciscanos."** E prossegue relembrando que **"esta querela medieval dá-se em plena década de 60, quando o ecumenismo aproximou as duas obediências religiosas. No caso, estes índios foram e são apenas objeto de uma disputa exterior à sua cultura e seus interesses."** (LEONEL JÚNIOR apud NEWLANDS, 1986, p. 13, grifo do autor).

Na reportagem, Newlands deixa claro que a ação da New Tribes entre os Wari', foi maléfica, pois de 5 mil indígenas do início de 1960, só restavam 600 em 1963 vítimas de massacres por seringalistas e doenças que desconheciam. E que os missionários dessa New Tribes são fundamentalistas, intolerantes com as tradições indígenas e proibiram as festas e a chicha,[33] expulsando os indígenas que discordassem da ordem. Ainda de acordo a jornalista:

> Von Greave que lá viveu durante 8 meses de sua pesquisa, considera Sagarana baseada no racismo. Acusa a Diocese de explorar a presença indígena para obter apoio financeiro europeu. Explica Sagarana como um esforço de recuperação da influência da igreja que perdeu muito de sua expressão no início da colonização na região, em particular entre os índios dominados hoje em grande parte pela **New Tribes.**" E que "curiosa é a posição da Operação Anchieta (OPAN) e do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), sempre alerta a denunciar, e na maioria dos casos com razão, as omissões da FUNAI, e, ao mesmo tempo, intimidados e calados diante da ação de sua mesma Igreja em Sagarana." (LEONEL JÚNIOR apud LEWLANDS, 1986, p. 13, grifo do autor).

No entanto, segundo Dom Roberto, em entrevista, na Rádio Educadora de Guajará-Mirim, disse que as terras de Sagarana foram cedidas à Prelazia pela sociedade São Judas Tadeu que adquiriu essa propriedade com a intensão de criar uma escola, mas como até aquele momento não havia construído cedeu o terreno, mas com a condição de que, após os tratamentos

[33] Bebida tradicional dos Wari' feita do milho que é a principal base alimentar desse povo.

dos indígenas, fosse concretizado o projeto anterior:

> [..] um local, onde a Diocese pudesse encarregar-se desse tratamento desse pessoal, daí, partimos para um acordo com a Sociedade São Judas Tadeu, na época que tinha essa propriedade lá em Surpresa, para uma escola que queriam estabelecer, num... num... Não houve a possibilidade de eu fazer, e então, a Sociedade cons ... concordou em passar a propriedade para a Prelazia, que então, porque com a condição que pudéssemos começar qualquer trabalho pelo tratamento dos índios, primeiro: quando isso passasse, toda essa onda de doenças, então poderíamos pensar em outras iniciativas. Eles concordaram, eu parti logo com um grupo de jovens, lá para Surpresa, [...]. (informação verbal)[34]

O que Newlands informa, segundo o relatório de Mauro Leonel, no fragmento seguinte, contradiz, no que se refere a Diocese, as informações oficiais:

> "Não pretendendo tornar Sagarana terra indígena (...) a Prelazia viu a colônia reduzida, de 30 mil hectares iniciais para 10 mil. Dois terços foram requisitados pelo INCRA em proveito de projetos de colonização. Na verdade, a perda não foi da Prelazia, mas sim das comunidades indígenas que ocupavam essa terra imemorialmente, e dos trazidos pela Prelazia que, através do usucapião tornaram-se ocupantes da área" (LEONEL JÚNIOR apud LEWLANDS, 1986, p. 13, grifo do autor).

A partir da informação acima, infere-se que o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) apropriou-se das terras que os índios ocupavam "imemorialmente" em proveito de outros projetos que não os incluíam. O Diário Oficial da União de 1 de dezembro de 1992, confirma que a Diocese doou o terreno para os indígenas em 1987, portanto a expressão "Não pretendendo tornar Sagarana terra indígena (...)" não se efetivou, como constata-se a seguir:

> O Grupo de Trabalho então instituído propõe a demarcação de uma área de 8.400 ha, os quais estavam sendo reivindicados pela Diocese de Guajará-Mirim junto ao INCRA. Após contatos da FUNAI com a Diocese, esta se propõe a fazer a doação da área reivindicada junto ao INCRA. Em 1985, a Diocese de Guajará-Mirim encaminhou um "Termo de compromisso de cessão de terras para os indígenas morando em Sagarana", no qual se com promete em doar a área eleita pelo GT 1832/1 aos indígenas. Em 31.07 de 1987, a Portaria PP/2751, interdita a área com superfície aproximada de 17.800 ha e perímetro de 96 km. Esta área total de 17.800 ha, resultou da inclusão na AI Sagarana identificada inicialmente, da Gleba Pantanal, terras de propriedade da União Federal, que deveria fazer parte da AI Guaporé. Entretanto, no decorrer do ano de 1987, segundo a Informação 017/DIF, Processo 657/83, representante da Prelazia de Guajará-Mirim em entendimentos com a FUNAI, quando da doação de Sagarana, através de documento registrado em cartório; propôs que fosse incluída naquele limite a Gleba Pantanal, com superfície de 9.400 ha. A inclusão desta Gleba, a qual constava na Área Indígena Guaporé, na Área Indígena Sagarana justificava-se face a sua proximidade da área, formando uma única área indígena, contígua a área Guaporé. Disto culmina a Portaria 2751, publicada no DOU de 7/10/87. (BRASIL, 1992, p. 16.532, seção 1).

---

[34] Entrevista de Dom Luiz Roberto de Arruda na Rádio Educadora de Guajará-Mirim, no programa A Voz dos Povos Indígenas, sobre saúde e a criação de Sagarana, hoje Terra Indígena Sagarana.

Diante das ocorrências geradas pelas ações dos Inspetores, o então Frei Roberto Luiz Gomes de Arruda, denunciava o SPI, publicizando os interesses escusos e os maus tratos dispensados aos indígenas:

> Responsabilizando um inspetor do SPI pela rivalidade entre índios e brancos, em Guajará-Mirim, Frei Roberto Luís Gomes de Arruda da Prelazia daquele município de Rondônia, disse a O Globo que atribui a má administração do Serviço, com desvios de verba destinadas a assistência médica e alimentar dos Silvícolas, a causa principal das 2.500 mortes havidas na tribo, nos últimos doi anos. O missionário [...] veio a Brasília entrevistar-se com o Ministro da Agricultura, a quem solicitará liberdade para trabalhar em Guajará-Mirim, na região ocupada pelos índios. (O Globo, 1963)[35]

O frei Roberto Luiz Gomes de Arruda denunciou ilegalidades ocorridas em vários postos, todas praticadas por Inspetores, principalmente as do Sr. Fernando Cruz, que sob o pretexto de acreditar em um processo de contato laico, proibia a presença dos membros da Prelazia nos postos da região de Guajará:

> [...]. Denunciou a ação maligna de vários Inspetores do SPI, dentre os quais destacou o Sr. Fernando Cruz, que impede o trabalho dos missionários, nas faixas de terras ocupadas pelos Pacaás-novos, sob a alegação de que os "**Selvagens** tem direito a livre escolha de religião, sem a coação da Igreja." - O que eles querem - disse - é isolar os índios de qualquer contato com a **civilização**, acobertando assim a miséria em que vivem os indígenas, graças aos desvios de verbas do SPI para a compra de remédios e alimentos. O descaso da administração do SPI e a perseguição movida por Inspetores aos religiosos e aos demais **civilizados** vem causando a dizimação da tribo dos pacaás-novos, cujos membros morrem atacados por várias doenças, especialmente a gripe, ou por falta absoluta do que comer. Todos passam fome. Não tem meios, inclusive para caçar. A situação é calamitosa. (O Globo, 1963, grifo nosso).

Percebe-se nas falas, a concepção ideológica arraigada, da época, de ambas as partes: do Inspetor, a contradição na defesa que faz, de que os "Selvagens" têm livre arbítrio, mas se contradiz quando denomina os índios de Selvagens. A palavra é carregada de preconceito, demonstrando o juízo de valor preconcebido e sem reflexão do servidor. E na fala do religioso remete-se à mesma situação, esse faz uso das palavras "civilização/civilizado" remetendo ao indígena a não civilidade, em conformidade com o pensamento da época.

Mas, a despeito dessas falácias, os religiosos da Prelazia, principalmente o frei Luiz Roberto Gomes de Arruda, foi o que deu assistência médica aos Wari' desde o contato em 1956. Conforme a sua fala em entrevista proferida por ele, na rádio Educadora de Guajará-Mirim, as tentativas de conseguir a autorização para assistir os indígenas doentes, não concretizaram, o que resultou na criação de Sagarana em 1965: "Tentei, então, é... por várias vezes, é... conseguir do SPI, autorização para abrirmos um...um posto de saúde numa das reservas aqui mais próximas, é Ribeirão ou Lages ou Tanajura, não foi possível, não conseguimos essa

[35] Notícia disponibilizada na Hemeroteca Indígena do Centro de Referência Virtual. Sem paginação.

autorização.” (informação verbal)[36]

Já o Jornal do Brasil, datado do mesmo dia, 14 de julho de 1963, traz a mesma denúncia, porém com o acréscimo de outras informações inexistentes no Jornal Globo. Conforme a matéria do Jornal do Brasil, o Padre Luiz Roberto de Arruda denuncia o diretor Cel. Moacir Ribeiro, Ministro da Agricultura, por deixar os indígenas morrerem enquanto ele faz acordos com missionários estrangeiros para assistir religiosamente os índios Pacaás Novos. Segundo o Jornal, além da denúncia o Padre confirma a existência dos rituais de antropofagia praticadas pelos Pacaás Novos:

> O padre Roberto Gomes de Arruda, da Ordem Terceira Regular de São Francisco, pároco de Guajará-Mirim, no Território de Rondônia, veio a Brasília para denunciar ao Ministro da Agricultura o Diretor do Serviço de Proteção aos índios, Coronel Moacir Ribeiro Coelho, que está deixando que morram à mingua os índios Pacaas Novos, enquanto faz acôrdo com missionários estrangeiros para que exerçam influência sôbre os indígenas, na forma de assistência religiosa. Padre Arruda confirmou para o JORNAL DO BRASIL as informações já tornadas Públicas, acêrca da antropofagia e necrofagia dos índios Pacaas Novos. Relatou um caso em que o chefe da tribo Pacaas Novos, Dimatui, e alguns companheiros seus, comeram um homem de côr que tentava um contato amistoso com os silvícolas. Quanto a necrofagia afirmou ser ela uma realidade, uma vez que os indígenas pensam, com o ritual. evitar que o espirito do índio morto se afaste do seio da tribo. (JORNAL DO BRASIL, 1963).

Nessa entrevista, Frei Arruda fala da antropofagia Wari’ relatando o caso do chefe Dimatui para explicar a essência do significado do ritual para os indígenas.

Lagrou, em resenha feita por ele, do livro de Beth A. Conklin, Consuming grief: compassionate cannibalism in an Amazonian Society, infirma que:

> Os Wari’ praticavam os dois tipos de canibalismo e as diferenças entre o tratamento ritual dado ao corpo do inimigo e ao corpo do parente já tinham sido elaboradas por Vilaça. Por essa razão, Conklin decide não trabalhar o exocanibalismo, a não ser de forma muito pontual para sinalizar o contraste entre os dois fenômenos: onde se come o inimigo com raiva e gula, come-se o parente chorando, com repulsa e segurando a carne desfiada entre pequenos palitos. [...] o livro trata do “Canibalismo por compaixão em uma sociedade amazônica”. [...] quer exatamente mostrar que para o povo que se autodenomina Wari’ (nós, gente) e que era comumente conhecido como Paaka Nova, a prática endocanibalística, de comer os próprios mortos, visava exatamente esse efeito, o de transformar um luto devastador, um luto que consumia os vivos, em um consumo que ajudasse os enlutados e o próprio morto a lidar com a perda, a não se deixar levar pelo luto. [...] convicção wari’ de que era através da transformação e aniquilamento ritualizado do corpo do morto, vivenciado e visualizado por todos os parentes próximos e realizado como favor e com muita resistência por afins próximos, [...]. Esse elaborado processo de fazer desaparecer o corpo da pessoa morta se situa em uma cosmologia que vê na destruição de um corpo morto a possibilidade de adquirir um novo corpo vivo. E não somente o corpo tinha que desaparecer para a vida poder recomeçar, tanto para o morto quanto para os vivos, mas também todos os pertences do morto, todos os traços do morto, tudo que prenderia a memória dos vivos à antiga imagem do ente querido que se foi. (CONKLIN apud

[36] Entrevista de Dom Luiz Roberto de Arruda na Rádio Educadora de Guajará-Mirim, no programa A Voz dos Povos Indígenas, sobre saúde e a criação de Sagarana, hoje Terra Indígena Sagarana. [s.d.].

LAGROU, 2003, p. 202).

O Padre Luiz Roberto Gomes de Arruda, conforme os jornais da época, sempre denunciava as ilegalidades e abusos cometidos pelo SPI e posteriormente pela FUNAI e seus servidores e pode ser esse um dos motivos de os ânimos, entre a Prelazia e o SPI ficarem estremecidos.

A mídia e as literaturas europeias e estadunidenses contribuíam em larga escala para a fixação do preconceito com as tradições e cultura dos povos indígenas.

3.1 Consequências do Contato

A vida indígena tinha pouco ou nenhum valor para a sociedade envolvente, como sugerem os registros do Serviço de Proteção aos Índios. Entre 1940 e 1970 o quantitativo era expressivamente superior ao que é, atualmente. Cabe ressaltar que muitos grupos étnicos foram também "deslocados" forçosamente para espacialidades que não eram as originárias, ou seja, em razão de políticas públicas do período, era até certo ponto comum, congregar grupos distintos em uma territorialidade, sem levar em conta a multiplicidade étnica, os valores, as percepções de mundo, e mesmo certas rivalidades que pudessem existir entre as nações indígenas.

> Alguns autores estimam a população indígena no século XVI entre 2 e 4 milhões de pessoas, pertencentes a mais de 1.000 povos diferentes; Darcy Ribeiro afirma que desapareceram mais de 80 povos indígenas somente na primeira metade do século XX, sendo que a população total teria diminuído, de acordo com esse autor, de 1.000.000 para 200.000 pessoas (1). O extermínio de muitos povos indígenas no Brasil por conflitos armados, as epidemias, a desorganização social e cultural são processos de depopulação que não podem ser tratados sem uma análise das características internas e da história de cada uma dessas sociedades. Estudos sobre os diferentes impactos de uma mesma epidemia teve sobre diferentes povos e diferentes agências indigenistas ou frentes de colonização e seus impactos na dinâmica demográfica de suas populações também não foram ainda estudadas. (ISA, 2017).

Só no Posto Indígena pesquisado, constatou-se a morte de vários indígenas devido a surtos de doenças virais, conforme a análise de todos os documentos sobre doenças existentes nos microfilmes 042, 043 e 045, nas décadas de 1940 a 1970, contatou-se que as doenças que mais acometeram os indígenas nessas décadas foram:

a) década de 1940

- gripe: 12%

- tuberculose 6%
- malária 5%
- disenteria 3%

b) década de 1950

- gripe 18%
- disenteria e malária 3%
- infecção intestinal e
- tuberculose 2%

c) década de 1960

- malária 8%
- gripe 6%
- sarampo 5%
- catapora e sarampo 2%

d) década de 1970

- hepatite 8%
- tuberculose 6%
- malária e pneumonia 3%
- gripe e amebíase 2%

A gripe (influenzae), que nos documentos está descrita como gripe brava, aparece em primeiro lugar em 3 décadas. Em segundo lugar a malária (infecção causada por protozoário do gênero Plamodium e transmitida pelo mosquito Anopheles) e em terceiro lugar a tuberculose (Mycobacterium tuberculosis), a hepatite aparece em primeiro lugar na década de 1970. A infecção intestinal, disenteria, sarampo, catapora, pneumonia e amebíase. Essas doenças, também, foram a causa de incontáveis mortes nessas décadas e em outras que se seguiram. Suspeita-se que os povos indígenas no Brasil, são, até os dias atuais, eternos sobreviventes de todo o tipo de intempéries.

Nos registros os detalhes sobre essas mortes são pouco mencionados, ao menos nos documentos consultados, que apenas números são mencionados.

Destaca-se que as enfermidades, são em sua maioria, contagiosas, e que sem o devido tratamento, ceifava vidas em proporções gigantescas. Além das vidas, que por si só já servem para refletir sobre o modo como a sociedade nacional tratou os indígenas, cabe destacar toda capacidade destrutiva ao modo de vida de cada grupo étnico, pois sabe-se que para muitas culturas ameríndias os elementos da vida material, não estão dissociados da vida imaterial, ou do simbolismo presente em cada acontecimento.

Assim, as mortes levavam consigo, formas tradicionais de se relacionar cosmologicamente com a vida e a existência, a violência não foi apenas física, mas também cultural.

Acredita-se que doenças como as causadas por deficiências na alimentação, como desnutrição e outras devem ter acometido os indígenas, mas nos documentos analisados não foram feitas referência a elas.

A ameaça aos saberes xamânicos, aos modos de cura, a capacidade de sobreviver levava também a perdas irreparáveis, fosse ao que concerne a autoestima desses povos, fosse à capacidade de resistir.

Nos Postos Indígenas o tratamento era feito de modo rudimentar e os chefes dos PIs, medicavam, com remédios que eram enviados, quase sempre não suficientes para atender as demandas ou aos tipos de doenças. Casos mais graves, algumas vezes eram enviados para Porto Velho ou Manaus, todavia algo que não atendia as necessidades de todos.

Num cenário que, a fitoterapia local indígena, que as práticas xamânicas impossibilitadas de existir, ou devido a imposição da cultura do branco ou pelo espaço de tempo em que ocorria uma morte e outra, não resolviam, restava muitas vezes a rebeldia daqueles que não estavam acometidos por doenças, revoltando-se contra o que lhes era imposto, contra as dores levadas e até certo ponto desconhecidas em seus tratamentos pelos povos indígenas.

Assim, não foram raros os registros de resistência por meio de revoltas contra os inspetores dos Postos Indígenas, reclamações e ações conjuntas dos indígenas contra o sistema em face da existência e sobrevivência dos grupos étnicos.

3.2 Doenças e Epidemias não controladas pelo Povo Indígena

O primeiro subgrupo OroNao’ dos brancos contatado em 1956, que foram para o Posto Dr. Tanajura, contraíram gripe, e a urgência de iniciar o tratamento dependia de autorização da

Chefia de Porto Velho, conforme o telegrama de Domingues Araujo a seguir:

> Telegrama
> Agrindios Chefia
> Porto Velho
> Of. Nº 99- 07-06-58 PT Comunico vos que diversos índios Pacaas Novas VG. Estão no Posto Dr. Tanajura acamados com febre alta e tosse forte PT Solicito vos permissão para viajar VG. Lancha Maicy VG. Ateh aquele Posto levando médico para consulta-los PT. 303 – Domingos Araujo VG. Agente Ref "22" SPI- Resp. rádio 347/58 em 9/6/58 (MF 43, Microforma 00115 tif, 1958, Planilha 8, 1978).

Como pode ser constatado na transcrição, em 1958, as consequências do contato já assolavam os indígenas atraídos pela expedição de 1956, e o mesmo repetiu-se com os OroNao' da margem esquerda do rio Pacaas Novos contatados em 1961.

Algum tempo após os funcionários do SPI e os padres contatarem os OroNão e levarem para o posto Major Amarante, as doenças surgiram. Como os indígenas não estavam acostumados a aquele modo de vida e nem às doenças corriqueiras dos não índios, assim, ficaram expostos a todo o tipo de enfermidade como gripe, malária, disenterias, infecções intestinais, sarampo e outras, que a partir do contato começaram a acometer os indígenas.

> O padre Luiz Roberto de Arruda e Gilberto Gama, servidor do SPI, que organizaram a expedição de contato, permaneceram no Posto de Atração do Rio Negro Ocaia, "Barracão", na foz do igarapé Ocaia, onde chegavam os OroNão', e alguns OroEo e OroAt, em busca de terçados (facões), panelas, ... e principalmente de tratamento. (informação verbal).[37]

Como eram doenças de brancos, acredita-se que os xamãs, não pudessem curar. O xamã é um ser especial simultaneamente humano e animal dotado de poder de cura. Para tornar-se um xamã o homem é agredido por um animal dotado de espírito (onça, anta, queixada...) que quer transformá-lo em um igual, companheiro. O futuro xamã adoece gravemente e seu espírito "chega à casa dos animais daquela espécie e já pode vê-los como humanos, ou seja, adota o ponto de vista do animal", os espíritos lhe dão óleo de babaçu e urucum mágicos que usa no corpo caracterizando-o com o animal da espécie que o agrediu e que passa a acompanhar e alimentar-se como eles e com eles passando a manter relações sociais com os wari'e os animais. (VILAÇA, p. 203).

Os OroNao' e outros indígenas que estavam no posto contraíram influenzae (gripe) dos transeuntes da estação Madeira Mamoré e mesmo contrariando as ordens do inspetor Alberico o servidor José Dias foi à Prelazia buscar o Padre Luiz Roberto de Arruda para cuidar

[37] Informação proferida por Dr. Gilles de Catheu em entrevista feita nos dias 09/03, 10/03 e 11/03 de 2017, em Guajará-Mirim-RO.

dos doentes.

> No Posto Major Amarante, os indígenas contraíram rapidamente Influenzae e sarampo, contaminados por passageiros que desciam do trem. Os indígenas adoeciam e morriam em poucos dias. Diante dessa situação trágica e apesar da recomendação do inspetor Alberico que tinha proibido a presença de missionários católicos nos Postos, o servidor José Dias, encarregado do referido Posto, foi pedir ajuda aos padres da Prelazia. A resposta foi imediata. O então padre Luiz Roberto de Arruda e o médico padre Alexandre Bendoraïtis arrumaram remédios, alimentos e cobertores e foram atender os indígenas. (informação verbal).[38]

Na entrevista feita a Dom Roberto na Rádio Educadora de Guajará-Mirim e divulgada pela rádio no programa Voz dos Povos Indígenas, ele afirma que a situação de doença dos índios era terrível, pois eram muitos doentes ao mesmo tempo e até os funcionários do SPI foram acometidos pela gripe.

> A situação de saúde, gen...gen...? rádio ouvintes foi uma situação violenta, é realmente ... é como diz, é preocupante seriamente e... é com consequências gravíssimas para os nossos é...índios. Houve é... epidemias muito sérias, malária talvez, mas outras doenças que vieram... atacando todos os grupos, e um depois dos de outros, todos os grupos vieram nos chamar aqui. A felicidade nossa, naquele momento, foi que, acabava de chegar aqui, o Padre Benturaits, que se prontificou imediatamente a dar atendimento à saúde, de nossos povos indígenas, e com muita, amh... disponibilidade, ele se prontificava a todas as viagens, esse carreria de um lado e do outro. (informação verbal).[39]

Na realidade, os Postos não tinham recursos e muito menos pessoas qualificadas para prestar assistência aos indígenas, e o mais grave, a proibição de Alberico, o então chefe do SPI aos padres católicos da Prelazia de prestar assistência aos doentes, contribuiu para a quantidade de mortes causada pela gripe. Segundo Dom Roberto Luiz Gomes de Arruda, os subgrupos pediam ajuda para a Prelazia:

> Assim é que, a cada chamado de grupos indígenas, nós íamos correndo com medicamentos e com provisões também alimentícias, porque um dos problemas também era a alimentação, os grupos, a maioria, é.… se concentrou nos Postos Indígenas, nos lugares pelo menos já previstos para os postos, como exemplo Ribeirão, Lage e outros pontos. Mas, nesses lugares, o SPI nessa época, ainda não tinha recursos, não tinha como atender a tantas pessoas doentes, né? (informação verbal).[40]

O que parece ter acontecido, com base nas informações de Dom Roberto, de que os novos postos não tinham estrutura, é que pressionados pela sociedade envolvente, no afã de resolver os conflitos dos índios com os não índios, o SPI abriu, irresponsavelmente, mais quatro

---

[38] Entrevista de Dom Luiz Roberto de Arruda na Rádio Educadora de Guajará-Mirim, no programa A Voz dos Povos Indígenas, sobre saúde e a criação de Sagarana, hoje Terra Indígena Sagarana. [s.d.].

[39] Entrevista de Dom Luiz Roberto de Arruda na Rádio Educadora de Guajará-Mirim, no programa A Voz dos Povos Indígenas, sobre saúde e a criação de Sagarana, hoje Terra Indígena Sagarana. [s.d.].

[40] Id., [s.d.].

Postos, quando não tinham verba nem para manter o antigo, o Posto Indígena Ricardo Franco.

Infere-se que, essa situação de morbimortalidade[41] nesses postos não se resolveu até os dias atuais, pois em uma pesquisa feita em 1997 nesses mesmos postos, a situação de morbidade continua a mesma ou pior, se se levar em conta os avanços na medicina:

> Assim, Lage, Tanajura e Ribeirão apresentavam os maiores índices parasitários anuais (superiores a trezentos por mil habitantes), enquanto os mais baixos eram registrados no Sotério e em Deolinda com índices inferiores a 15 por mil habitantes). A proporção de lâminas positivas para o Plasmodium falciparum era também muito elevada para os padrões regionais, ficando em torno de 45%. (LEITE, 2007, p. 48).

Além da influenzae (gripe), do Impaludismo (malária), da tuberculose (Mycobacterium tuberculosis) e do Sarampo (Morbili vírus), alguns pesquisadores afirmam que há também as doenças transmitidas devidos "As condições ambientais favoráveis à transmissão de helmintos e protozoários intestinais são também aquelas que propiciam a contaminação da água de consumo e dos alimentos por enterobactérias e rotavirus." (COIMBRA JR.; SANTOS; ESCOBAR, 2005, p. 27).

Segundo Dom Luiz Roberto de Arruda, os indígenas doentes pediam ajuda à Diocese e lá não tinha onde alojar essas pessoas porque o espaço era pequeno e a família acompanhava o doente, pois é assim na cultura indígena:

> - Dom Roberto, agora eu gostaria que o Senhor colocasse um pico... um pouquinho para nós, para os ouvintes, como o Senhor chegou a criar... a ter a ideia de criar a aldeia de Sagarana? - A aldeia de Sagarana? O motivo foi exatamente o problema da saúde, né? Porque, como eu estava dizendo: o povo todo praticamente, a tribo inteira foi atacada por doenças diversas e já naquele momento, era em sessenta e cinco, já, então havia se desenvolvido muito, a tuberculose... em muitos dos... dos..., aliás, nos próprios funcionários do SPI também havia muita tuberculose, mas sobretudo com os índios, porque com a gripe que os atacavam enfraquecendo os pulmões, logo vinha a tuberculose e a gente num... num sabia como fazer para um tratamento prolongado porque não tínhamos lugar, aqui na cidade, para mantê-los. Tentei, então, é... por várias vezes, é... conseguir do SPI, autorização para abrirmos um...um posto de saúde numa das reservas aqui mais próximas, é Ribeirão ou Lages ou Tanajura, não foi possível, não conseguimos essa autorização. E então, diante do situação, emergente a gente iria... estava com os doentes aí, não podíamos abandoná-los, então percebemos pela criação de um local, onde a Diocese pudesse encarregar-se desse tratamento desse pessoal [...]. (informação verbal).[42]

O SPI não dispunha de meios para assistir os indígenas doentes, até então contatados, e o mais grave, não disponibilizavam um local para que o padre Luiz Roberto de Arruda pudesse

---

[41]Morbimortalidade é um conceito da medicina que se refere ao índice de pessoas mortas em decorrência de uma doença específica dentro de determinado grupo populacional.

[42] Entrevista de Dom Luiz Roberto de Arruda na Rádio Educadora de Guajará-Mirim, no programa A Voz dos Povos Indígenas, sobre saúde e a criação de Sagarana, hoje Terra Indígena Sagarana. [s.d.].

oferecer o tratamento.

De acordo com ele a situação de saúde dos indígenas era muito grave:

> - Dom Roberto, o dia 21, no dia do seu aniversário o Sr. já comentou qual era a situação de conflito tinha nessa cidade, entre indígenas e os brancos e depois como foi realizado o contato pacífico que o Sr. fez o encontro dos Urudão (OroNao) do rio Ocaia. Agora eu queria saber como era a situação de saúde dos povos indígenas, nos inícios, no início dos anos sessenta, depois do contato, no ano sessenta e dois, sessenta e três. O Senhor vivenciou tudo isso? Como é?
> - Dom Roberto responde: A situação de saúde, gen...gen...? rádio ouvintes foi uma situação violenta, é realmente ... é como diz, é preocupante seriamente e... é com consequências gravíssimas para os nossos é...índios. Houve é... epidemias muito sérias, malária talvez, mas outras doenças que vieram... atacando todos os grupos, e um depois dos... de outros, todos os grupos vieram nos chamar aqui. A felicidade nossa, naquele momento, foi que, acabava de chegar aqui, o Padre Benturaïts, que se prontificou imediatamente a dar atendimento à saúde, de nossos povos indígenas, e com muita, amh... disponibilidade, ele se prontificava a todas as viagens, esse carreria de um lado e do outro. (informação verbal).[43]

A situação de enfermidade em que todos os subgrupos contatados se depararam era grave e o SPI não tinha remédios e muito menos pessoas qualificadas para assistir esses indígenas:

> Assim é que, a cada chamado de grupos indígenas, nós íamos correndo com medicamentos e com provisões também alimentícias, porque um dos problemas também era a alimentação, os grupos, a maioria, é.. se concentrou nos Postos Indígenas, nos lugares pelo menos já previstos para os postos, como exemplo Ribeirão, Lage e outros pontos. Mas, nesses lugares, o SPI nessa época, ainda não tinha recursos, não tinha como atender a tantas pessoas doentes, né? Dá uma tossida e continua... Aqui no Ribeirão por exemplo, nós chegamos lá no momento em que estavam, mais de cem pessoas, todas é... deitadas embaixo do que era anti... antigamente as casas do Ribeirão, é... com pequenos andares, mais é debaixo, então havia é... o espaço, e, esses índios então, acumulados embaixo desses tubulhos ali, com uma friagem, quando chegamos lá estava um vento sul violento, eles colocavam folhas de babaçu nas passagens para tentar reduzir esse vento, mas o frio estava ascendendo, e a gente via ali pessoas, mulheres por exemplo, fervendo água e colocando é... espapolpa é... esponja de babaçu, quer dizer, raspava, né? Pra colocar no peito dos doentes doloridos, então dava uma ... uma pena terrível a gente chegar nesses lugares e atender esses doentes. (informação verbal).[44]

Infere-se por meio dessas informações, que o SPI não estava disponibilizando para esses doentes nem a alimentação básica, pois os postos eram novos e certamente não havia plantio de milho que era a base da alimentação dos Wari':

> Graças à Deus, chegávamos e atendíamos imediatamente e já não houve nenhuma morte depois da nossa chegada em cada posto, antes, morriam vários, logo que chegamos cessaram as mortes e assim fomos atendendo, ah... em todos os postos foi a mesma situação, a gente chegava e permanecia mais ou menos uma semana dez dias atendendo e logo que, toda essa população se levantava, então voltávamos pra casa, mas logo teríamos o chamado de outro grupo e assim é que aos poucos, acabamos é...

---

[43] Id., [s.d.].

[44] Entrevista de Dom Luiz Roberto de Arruda na Rádio Educadora de Guajará-Mirim, no programa A Voz dos Povos Indígenas, sobre saúde e a criação de Sagarana, hoje Terra Indígena Sagarana. [s.d.].

> tendo contato com todos os grupos aqui da... o município, da... da... da tribo Oro Wari' e ficamos conhecidos, né? (informação verbal).[45]

O atendimento aos indígenas pelo Padre Benturaïts e Dom Roberto promoveu o reconhecimento da prelazia e como os indígenas estavam cônscios de que os Padres eram proibidos de permanecerem nos postos, devido a ordem da Direção do SPI, então quando adoeciam eles iam até a Prelazia em busca de assistência médica:

> Agora com isso, aconteceu que, eles sabendo que nós não podíamos permanecer nos postos, então quando havia poucos doentes, vinham para cá, na Diocese, na que era a Prelazia, né? E na época, não tínhamos ainda o hospital, então é... acumulavam-se, e também na casa, a casa não era o que é hoje, era bem mais reduzida, tínhamos apenas disponível aquele quarto, que hoje é sala de secretaria, ali, eu cheguei, em certos momentos estender uma lona, nessa sala, que era a metade do que é hoje a sala, e ali, cheguei a ter quarenta pessoas, entre homens, mulheres e crianças, todos queimando de febre, e tendo que esperar aí, o o o atendimento, né? Deus sabe com que sacrifício! E assim, ficamos então em relação, por causa da doença, em relação com todos os grupos. E...sem... até por um momento sem saber o que fazer para resolver a questão, né? (informação verbal).[46]

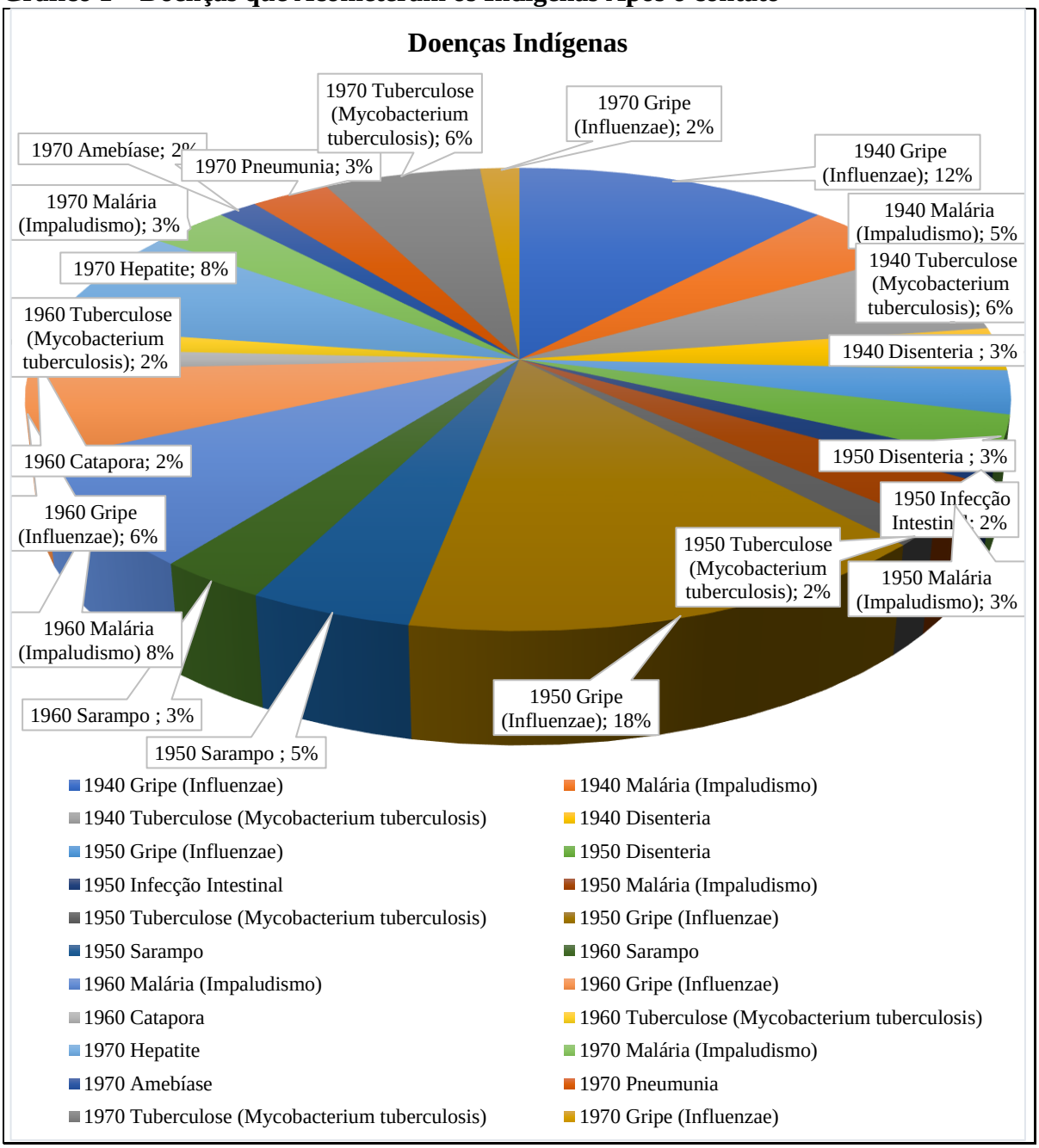
Nesse período surgiu a necessidade de um local para atender os doentes que se acumulavam na Prelazia e como o SPI novamente deixou de atender o pedido de Dom Roberto para que disponibilizasse um dos postos próximos para o atendimento, ele resolveu pedir à Sociedade São Judas que cedesse as terras de Surpresa, hoje Terra Indígena Sagarana.

Nos documentos, microformas, que contêm as comunicações feitas pelos encarregados dos Postos Indígenas, sobre as doenças que acometiam os subgrupos Wari' antes e depois do contato, estão nos microfilmes 042, 043 e 045, das quatro décadas de 1940 a 1970, analisadas para elencar todos os tipos de morbidades registradas em cada década. Obteve-se os dados quantitativos de quais tipos de doenças acometeram os Wari' nesse espaço temporal, que estão no gráfico demonstrativo a seguir:

---

[45] Id., [s.d.].
[46] Id., [s.d.].

Gráfico 1 – Doenças que Acometeram os Indígenas Após o contato



Fonte: CHAVES, Nágila Nerval. **Gráfico demonstrativo das doenças.** Porto Velho, 2017.

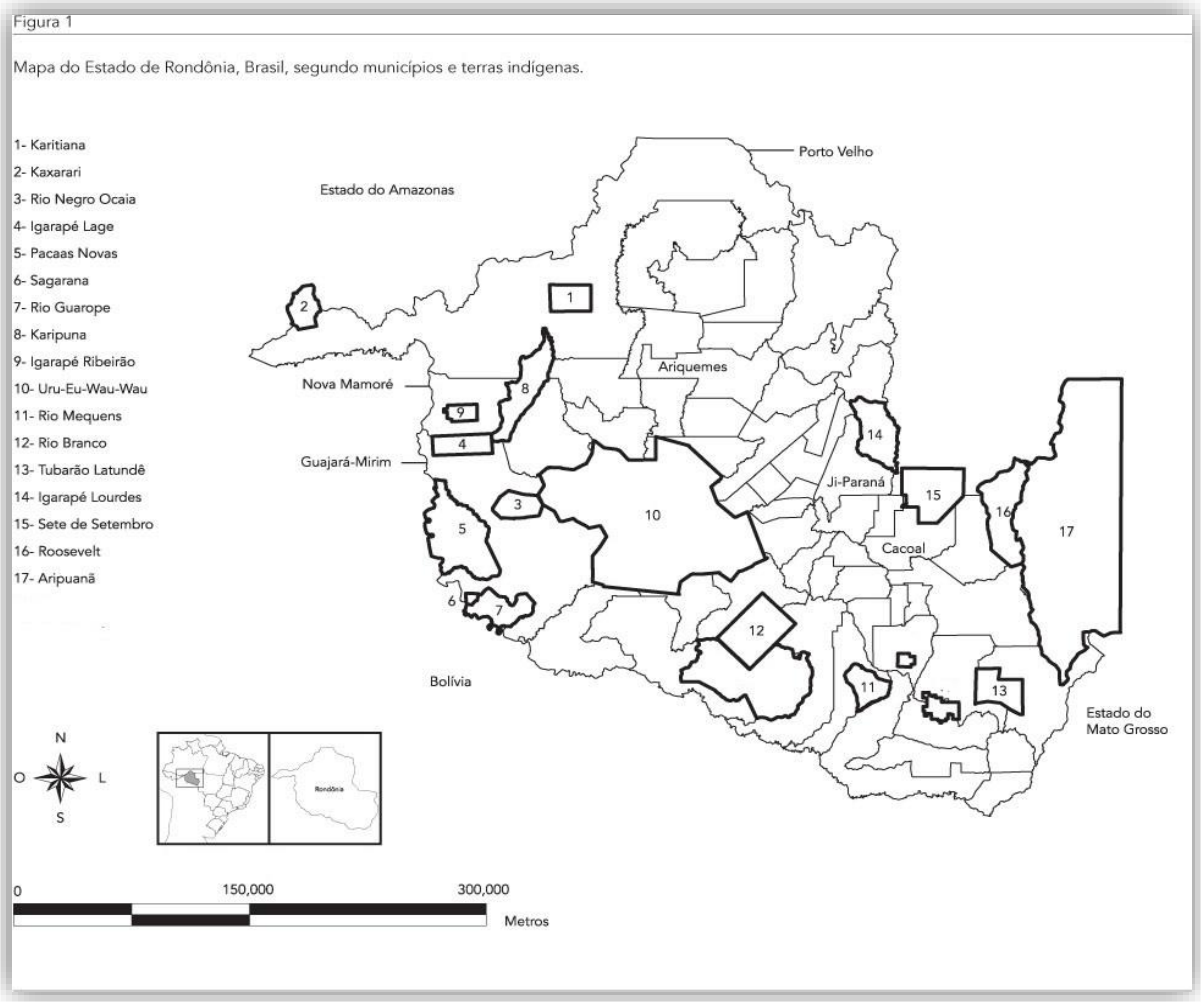
Parece que a FUNAI, não divulga as situações de calamidades que envolvem os indígenas e esse "cuidado em ocultar as notícias" perpetua-se desde o tempo do SPI em sua trajetória:

> Após os primeiros contatos que ocorreram em 1979, os Uru Eu wau Wau foram dizimados pelo Influenzae. Servidores da FUNAI buscavam os doentes no mato e os carregavam nas costas. A FUNAI manteve essa tragédia sob sigilo, proibindo a seus servidores qualquer repasse de informação. Em 1987, um outro grupo Kawahib, os Amondawa, contaminou-se com a influenzae quando aproximou-se dos Postos de Atração onde estavam os Uru Eu Wau Wau. A FUNAI, novamente, não divulgou a informação. Sigilo lamentável, pois, havia em Rondônia profissionais de saúde voluntários, médicos e enfermeiros, que poderiam ter somado com a FUNAI.

(informação verbal).[47]

Os Wari' do Posto Indígena Pacaás Novos sofrem com a invasão de suas terras. A área do rio Mamoré habitada por eles abrange uma parte de fronteira com a Bolívia, onde existem colonos e posseiros. De acordo com Meireles (1986), todos os subgrupos estão em contato com o não índio e que os do Posto Indígena Lage e Ribeirão, próximos aos projetos de colonização assimilaram em sua cultura valores econômicos, mas a despeito disso, eles ainda são os menos atingidos pelas influências culturais dos não índios, pois ficam mais isolados e sem a presença missionária, e por isso ainda preservam aspectos de sua cultura étnica.

Mapa 4 – Localização de Terras Indígenas dos Povos Indígenas do estado de Rondônia



Fonte: MELO, Tatiana E. M. P. et al. Distribuição espacial e temporal da tuberculose em indígenas e não indígenas de Rondônia, Amazônia Ocidental, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública,** v. 28, n. 2, Rio de Janeiro: FEB, 2012.

3.3 Os Massacres

[47] Informação proferida por Dr. Gilles de Catheu em entrevista feita nos dias 09/03, 10/03 e 11/03 de 2017, em Guajará-Mirim-RO.

De acordo com Guilles de Catheu, foi registrado por ele alguns massacres dos quais os Wari' falam com frequência. Infelizmente, a lista é longa, mas aqui descreveu-se quatro deles, que conforme o informante, é inédito, pois não foi escrito por ninguém.

A tática das expedições era quase sempre a mesma: chegar ao final do dia à proximidade da aldeia e esperar a madrugada, quando os moradores estivessem na fase mais profunda do sono.

Ao sinal, o bando de "exterminadores" entravam na aldeia e atiravam em tudo que se se mexesse. Às vezes, incendiavam as casas, feitas de palha de babaçu.

O primeiro é o dos OroNão' da margem esquerda do rio Pacaás Novos numa aldeia situada na cabeceira do igarapé "Dois Irmãos" (afluente da margem esquerda do rio Pacaas Novos), na década de 50.

De acordo com o informante os massacres ocorriam com frequência, ora em represália às atitudes dos índios, ora porque queriam usufruir das riquezas naturais das terras indígenas e outras vezes para apropriarem-se delas.

a) massacre de Wari´ "OroNao' do branco":

> famílias bolivianas criavam gado no Brasil, no local chamado "Barranquilha", acima da volta de Deolinda, no rio Mamoré. Os Wari que se deslocavam até a margem direita do rio Mamoré flecharam um touro muito bonito e foram embora. Em represália, os bolivianos foram até a aldeia e mataram vários indígenas. Esse fato foi narrado ao Dr. Gil por um idoso Oro Não', adolescente na época do massacre. Esse fato lhe foi confirmado por um idoso boliviano que, quando criança, morava em Barranquilha.

O massacre descrito acima, por exemplo, foi em represália aos índios por terem flechado o boi. Não foi correta a atitude dos indígenas, mas na ação dos bolivianos ficou demonstrada a intolerância dispendida aos indígenas por parte da sociedade envolvente.

O segundo é o dos OroWaram na aldeia Natao' à margem direita do rio Ouro Preto (hoje, na RESEX Federal Ouro Preto).

b) massacre de Wari´ do grupo OroWaram na aldeia Natao':

> a expedição que dizimou a aldeia foi organizada pelo Sr. Abiorana. O mesmo decidiu poupar a vida de duas crianças, um menino e uma menina, que o mesmo criou. Chamou o menino Tabaná (por equívoco com Tao´ Pana, nome com o qual os Wari

batizaram o rio Ouro Preto). Casou com uma mulher não-indígena e quando reencontrou seus parentes, foi morar nos limites da terra indígena Lage, à beira do igarapé Limão. Em torno do ano de 2000, toda família da irmã do Tabaná se mudou para morar por perto do mesmo, formando uma nova aldeia, a aldeia Limão que hoje conta umas 100 pessoas. A menina, irmã do Tabaná, que foi criada pela família Abiorana é policial civil em Porto Velho. Ainda não reencontrou seus parentes.

Esse seringalista, pela sua ação, deixa a impressão de que para ele, os indígenas não eram empecilho e podiam ser retirados do caminho sem nenhuma consequência e ainda levar os menores como brindes. Na verdade, era o que acontecia e ainda acontece, pelo menos no quesito impunidade, conforme Catheu, o único julgado e condenado foi o seringalista Manuel Lucindo, e mesmo assim não foi preso devido à idade avançada cumpriu prisão domiciliar.

O terceiro é o dos Wari Oro WaramXijein e OroMon em 03 aldeias à margem direita do rio Ouro Preto (hoje, no limite sul da Terra Indígena Lage).

c) massacre dos Wari OroWaramXijein e OroMon em 03 aldeias do povo OroWaramXijein:

a população mais idosa de Guajará-Mirim ainda testemunha que o seringalista Manassukis, “dono” da maior parte dos seringais do baixo e médio rio Ouro Preto, organizou massacres em ambos os lados do rio Ouro Preto. Na margem esquerda, dizimou aldeias OroNão’, e na margem direita, dizimou aldeias OroWaram e OroWaramXijein. O seringalista comprava armas contrabandeadas da Bolívia, inclusive metralhadoras. O objetivo da expedição era claro: “limpar a área”.

A explicação para tanta covardia é sem dúvida a impunidade somada à corrupção que assolava a Amazônia na época, conforme documentos, era uma prática tanto por parte dos servidores do SPI, quanto pelos do Incra, que cediam as terras indígenas para os não índios, proporcionado com essa atitude a intensidade dos conflitos entre indígenas e não indígenas.

O quarto massacre foi relatado a Dr. Gilles de Catheu por sobreviventes da aldeia, que era a maior aldeia dos OroWaramXijein e os outros subgrupos OroMon e OroKaoOroWaje.

d) massacre dos OroWaramXijein, OroMon e OroKaoOroWaje:

a expedição entrou na **Aldeia *Xat’Arayi***, formada por 03 casas. A única sobrevivente foi uma menina de 8 a 10 anos, que inclusive foi baleada. Em seguida, foram para a **Aldeia *Tokon Yowin*** onde fizeram mais vítimas. Por último, chegaram na **Aldeia *Tain Wakram***, a maior aldeia do povo Oro WaramXijein onde moravam Wari

> OroMon e OroKaoOroWaje, um subgrupo OroWaramXijein. Nessa aldeia havia 07 casas, sendo 05 casas de famílias nucleares e duas “kaxa”. A “kaxa” é a casa dos solteiros, rapazes a partir de 11-12 anos de idade e os homens solteiros. Havia uma “kaxa” Oro Mon e a outra, OroWaramXijein. Na primeira casa, mataram **Wao Tok’Am Oro Waram Xijein** e suas duas esposas que eram irmãs, **Hatem e Wao Pan’tu**. Na segunda casa mataram **Mam’Tun**, e na terceira casa mataram **Patokwé**. Na quarta casa que era a “Kaxa” Ororamxijein mataram **Timai**. Os demais solteiros, Tem Wito, Tokorom Pan Nimon e Tocorom Hara, conseguiram fugir. Os dois últimos foram baleados e até hoje carregam chumbo no corpo. Na quinta casa que era a “Kaxa” Oromon, mataram **2 pessoas**. Na sexta casa, o casal Nowi OroWaramXijein e a esposa Orowao OroMon conseguiram escapar, mas **2 crianças**, em torno de 7 e 8 anos, foram mortas. Na sétima casa, morreram **Tokopiam**, uma mulher OroMon, e **Aain Tot**, sua filha moça.

Os indígenas flechavam e matavam os não índios, mas não na proporção em que eram mortos. Essas expedições agiam covardemente, pois além de chegarem na madrugada, usavam armas de fogo contra os índios dormindo, ainda que eles estivessem com seus arcos e flechas não poderiam se defender.

O quinto massacre foi a dos Oro Mon na aldeia Komika Ek (hoje, situada no Parque Estadual de Guajará-Mirim, numa das cascatas da cabeceira do rio Formoso).

e) massacre de Wari´ OroMon na aldeia *Komika Ek*:

> a liderança Xoá OroMon conta que houve vários mortos, adultos e crianças, inclusive a mãe dele foi morta. A tia materna de Xoá que era moça foi levada pelo indígena José Cabixi, integrante da expedição. O Cabixi a tomará como esposa e terá dois filhos com ela.

Essa arte de manipular é amplamente praticada, não só com os indígenas, mas com os negros na figura dos capitães do mato, que em sua maioria era negro e tão cruéis quanto os não iguais, como acontece com a sociedade hoje, enquanto os iguais se digladiam, os donos do poder retiram seus direitos fundamentais.

Fora os massacres das expedições planejadas, os seringueiros, sempre que encontravam indígenas os matavam.

O sexto massacre é um exemplo disso, a matança de membros de uma família Oro Mon que estavam colhendo castanha verde.

f) massacre dos OroMon na castanheira:

> O homem tinha subido na castanheira para tirar as castanhas, enquanto as mulheres e as crianças ficaram no pé da árvore para catar as frutas jogadas ao chão. No momento em que todos estavam colhendo as castanhas, eles foram surpreendidos por seringueiros armados que mataram várias pessoas. O Wari' no alto da castanheira tentou se esconder, mas em vão, foi atirado e morto. Ao cair, ficou enganchado num galho. Os parentes não puderam tirá-lo. Ainda hoje, os idosos contam com muita dor que viram o corpo comido por urubus.

Desse massacre só sobreviveu uma mulher. Essa castanheira que fica na divisa da terra indígena Lage, do lado do sítio de um colono, foi derrubada alguns anos atrás. Toda vez que os wari´ passam pelo toco da castanheira, eles lembram do episódio trágico.

Para os Wari', o fato de não proporcionar um funeral aos seus mortos conforme o costume é um grande pesar, pois acreditam que eles continuam existindo após a morte e podem levar os vivos a morrer de tristeza.

É bom destacar que dos numerosos massacres perpetrados contra os Wari' só um foi denunciado e julgado: o massacre do povo OroWin, ocorrido em 1963 na cachoeira do rio Pacaás Novos, de autoria do seringalista Manoel Lucindo. O seringalista foi denunciado e condenado por genocídio, um caso inédito em Rondônia. A sentença foi de 15 anos em regime fechado, mas devido à idade avançada, o seringalista (falecido alguns anos atrás) cumpriu prisão domiciliar.

Infere-se a partir desses fatos que os direitos políticos e sociais que são as diversidades culturais com as suas implicações

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se inferir que o contato interétnico trouxe consigo a multiplicidade de hábitos, de costumes, de saberes-fazeres, de religiosidades, de manifestações artísticas, culturais, intelectuais, mas também os conflitos, as resistências, as doenças, as epidemias, as mortes, tanto do indígena como do não indígena.

A doutrina positivista dos criadores do Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais (SPI/LTN), trouxe a "tutela," a "pacificação," a doutrinação-catequização que pode ter sido a ruína da cultura dos povos indígenas. A atuação do órgão na Amazônia demonstrou a instabilidade dos serviços públicos federais providos de fins humanitários e assistencialistas, mas com sérias dificuldades financeiras e de poder, alternando-se entre um e outro, conforme a conjuntura política.

A política indigenista é limitada e não abrange as demandas reprimidas dos povos indígenas. Adotam-se estratégias que não beneficiam as políticas em andamento além de confundir e enfraquecer os movimentos indígenas que lutam pelos direitos indígenas.

A FUNAI desarticula os movimentos incorporando ao órgão, pessoas indígenas que não fazem parte das comunidades indígenas e nem dos movimentos para autenticar as ações governamentais que em sua maioria não é de interesse indígena. Esses grupos indígenas que não comungam com a finalidade dos movimentos acabam impossibilitando as mudanças necessárias que precisam ocorrer na macroestrutura da Instituição.

Os instrumentos de controle social utilizados no cumprimento das políticas indígenas, são manipulados e usados para impedir a execução das ações que beneficiam as comunidades, com a finalidade de desacreditar os representantes indígenas nos conselhos que acabam sem apoio e legitimidade para executarem o papel, sem mencionar que os mesmos não receberam treinamentos. O que comprova que desde o Diretório dos Índios até os mais atuais SPI e a FUNAI, só existem como figuras decorativas que aí estão para consumar a truculência do Estado, por meio do "faz de conta."

Os indígenas que integram os conselhos não foram qualificados e a despeito disso, não têm autonomia para deliberarem, fiscalizarem e avaliarem a formulação das políticas, na verdade são criados só para legitimar os interesses escusos do poder central.

A 9ª. Inspetoria Regional de Guajará-Mirim, Posto de Atração Ricardo Franco, contribuiu para consequências desastrosas do pós contato, pois trouxeram as doenças e epidemias não controladas pelos indígenas e a mortandade dos grupos que habitavam os postos distantes. A 9ª I. R. na sua atuação somou para o extermínio de alguns povos e dizimação de outros, como

alguns subgrupos Wari’, em especial os OroAt e OroEo’.

As doenças foram e ainda são, além da luta para preservarem ou homologarem as suas terras, parte das necessidades indígenas que as políticas públicas implantadas não dão conta de sanar.

A vida dos excluídos, seja indígena ou não indígena, tinha e continua tendo pouco ou nenhum valor para a sociedade envolvente, como sugerem os registros do Serviço de Proteção aos Índios e a mídia mundial. Em relação aos indígenas, conforme documentos oficiais e não oficiais, entre 1940 e 1970 o quantitativo da população indígena era expressivamente superior ao que é atualmente.

REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves de (Org.). **Dicionário histórico-biográfico da Primeira República (1889-1930).** Brasília, CPDOC; FGV, 2015. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=EGgkDwAAQBAJ&pg=PT40&lpg=PT40&dq>. Acesso em: 20 maio 2017.

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ALMEIDA, Rita Heloísa de. **O diretório dos índios:** um projeto de "civilização "no Brasil do século XVIII. Brasília: UNB, 1997.

COMTE, Auguste. **Curso de filosofia positiva:** Discurso sobre o espírito positivo; Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo; Catecismo positivista. seleção de textos de José Arthur Giannotti. Traduções de José Arthur Giannotti e Miguel Lemos. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os pensadores).

BARATA, Maria Helena. **A antropóloga entre as facções políticas indígenas:** um drama do contato interétnico. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1993.

BEZERRA, Marcos Otavio. Um grande cerco de paz: poder tutelar, indianidade e formação do estado no Brasil**.** ***Mana*** [online]. 1997, vol.3, n.1, pp.195-197. ISSN 0104-9313. Disponível em: < http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93131997000100013>. Acesso em 14 jun. 2017.

BRASIL. Decreto nº 17.684, de 26 de janeiro de 1945**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 26 jan. 1945. Seção 1, p. 4788. (Publicação Original)

_____. Portaria 2751, de 7 de outubro de 1987. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 7 out. 1987, Seção 1, p. 16.532.

CARVALHO, Eliane Knorr de. Canibalismo e antropofagia: do consumo à sociabilidade. In: Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão, XIX, 2008, São Paulo. **Anais....** São Paulo: ANPUH; USP, 2008. 1 CD-ROM

CASSIANO, Luiz de Carvalho. **Marcha para o Oeste:** um itinerário para o Estado Novo (1937-1945). 2002. Dissertação (Mestrado em História)- Universidade de Brasília, 2002. p.53.

CASTRO, Eduardo Viveiros de; CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.). **Amazônia:** etnologia e história indígena. São Paulo: USP; FAPESP, 1993. (Série Estudos).

CASPAR, Franz. **Tuparí:** entre os índios, nas florestas brasileiras. Trad. M. N. de Sousa Queiroz. São Paulo: Melhoramentos, 1958.

CAVALCANTE, Thiago Leandro Vieira. **Tomé:** o apóstolo da América: índios e jesuítas em uma história de ... Dourados, MS: UFGD, 2009.

CATHEU, Gilles de. **Entrevista:** março de 2017. Guajará-Mirim, 2017.

COIMBRA JR.; SANTOS; ESCOBAR, (Org.). **Epidemiologia e saúde dos povos indígenas no Brasil** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; Rio de Janeiro: ABRASCO, 2005. Available from SciELO Books. Disponível em: <http://books.scielo.org>. Acesso em: 10 set.2017.

CORRÊA, José Gabriel Silveira. A administração dos índios: as diretrizes para o funcionamento dos postos indígenas do SPI. In: LIMA, Antonio Carlos de Souza (Org.). **Gestar e gerir:** estudos para uma antropologia da administração pública no Brasil. Rio de Janeiro: Relume Dumará, Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2002. (Coleção Antropologia da Política; 18).

CUNHA, Eliaquim Timóteo da. **"Quando esse tal de SPI" chegou:** o Serviço de Proteção aos Índios na formação de Rondônia. 162 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)- Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2016.

CUNHA, Euclides da. "Terra sem história (Amazônia)." In: **À margem da história.** São Paulo: Martim Claret, 2006.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Cultura com aspas e outros ensaios.** São Paulo: Cosac Naify, 2009.

_____. **Política indigenista no século XIX.** In: _____. (Org.). História dos índios no Brasil. Companhia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura: FAPESP, 1992.

DOMINGUES, Cesar Machado. A Comissão de Linhas Telegráficas do Mato Grosso ao Amazonas e a Integração do Noroeste. In**: Encontro Regional da ANPUH-Rio Memória e Patrimônio, XIV.** Rio de Janeiro de 19 a 23 de julho de 2010.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. Os estudos culturais em debate. In: **UNIrevista**, [S.l.], v. 1, n. 3, jul. 2006. Disponível em: <http://docplayer.com.br/3292147-Unirevista-vol-1-n-3-julho-2006-issn-1809-4651.html>. Acesso em: 10 set. 2017.

FEITOSA, Dapheny Day Leandro. **Sociedade e pensamento literário:** a transfiguração do índio na literatura brasileira como elemento constitutivo da nacionalidade. 22 f. 2011. Monografia (Graduação)- Universidade de Brasília Instituto de Letras Licenciatura em Letras/Português. Brasília, 2011. Disponível em: <http://bdm.unb.br/handle/10483/5392.> Acesso em: 20 abr. 2017.

FERNANDES, Joana. **Índio:** esse nosso desconhecido. Cuiabá, MT: UFMT, 1993.

FRANCISCANO denuncia o SPI pela morte dos Pacaás-Novos. **Jornal O Globo**, Brasília, 14 fev. 1963. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=hemeroindio&pagfis=14309>. Acesso em: 3 set. 2017.

FREIRE, Carlos Augusto da Rocha (Org.). Sobre os sertanistas no SPI. In: **Memórias do SPI:** textos, imagens e documentos sobre o Serviço de Proteção aos Índios (1910-1967). Rio de Janeiro: Museu do Índio – FUNAI, 2011.

GARNELO, Luiza; PONTES, Ana Lúcia (Org.). **Saúde indígena:** uma introdução ao tema.

Brasília: MEC; UNESCO, 2002. (Série Vias dos Saberes, n. 05).

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. São Paulo. LCT, 1989. Disponível em: https://identidadesculturas.files.wordpress.com/2011/05/geertz_clifford-_a_interpretac3a7c3a3o_das_culturas.pdf

GUIMARÃES, Samuel Pinheiro. Nação, Nacionalismo, Estado. In: **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 22, n. 62, 2008 p. 145-159. Versão On-Line ISSN 1806-9592. Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/ea/v22n62/a10v2262.pdf>. Acesso em: 4 set. 2017.
HALL. Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11. ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARDMAN, Francisco Foot. **Trem – fantasma:** a ferrovia Madeira - Mamoré e a modernidade na selva. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

HEGENBERG, L. **Doença:** um estudo filosófico [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1998. 137 p. ISBN: 85-85676-44-2. Available from SciELO Books. Disponível em: <http://books.scielo.org>. Acesso em: 4 set. 2017.

INSTITUTO SÓCIO-AMBIENTAL (ISA). **Povos indígenas no Brasil:** terras indígenas. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt>. Acesso em: 20 abr. 2017.

LAGROU, Els. Resenha. CONKLIN, Beth A. Consuming grief. Compassionate cannibalism in an Amazonian society. Austin: University of Texas Press, 2001. In: **MANA**, v. 9, n. 2, p. 201-222, 2003.

LAPLANTINE, François. **Antropologia da doença**. Trad. Valter Lellis Siqueira. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

LE BRETON, Binka. **Vidas roubadas:** a escravidão moderna na Amazônia brasileira. Trad. Maysa Monte Assis. São Paulo: Loyola, 2002.

LEITE, M. S. **Transformação e persistência:** antropologia da alimentação e nutrição em uma sociedade indígena amazônica [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2007. 239 p. Available from SciELO Books. Disponível em: <http://books.scielo.org>. Acesso em: 10 set. 2017.

LEME ENGENHARIA. **Aproveitamentos Hidrelétricos Santo Antônio e Jirau:** estudo de impacto ambiental – EIA. 2003-2005. Disponível em: <http://philip.inpa.gov.br/publ_livres/Dossie/Mad/Documentos%20Oficiais/EIA/10993-EIA-Tomo%20B%20Vol%201%20cont.pdf>. Acesso em: 27, jun. 2017.

LÉVIS-STRAUSS, Claude. **Tristes trópicos.** Tradução Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

LEWLANDS, Lilian. Sagarana: igrejas brigam em Rondônia por terra indígena. **O País**, Rio de Janeiro, p. 13, 29 maio/4 jun. 1986.

LIMA, Antonio Carlos de Souza. **Um grande cerco de paz:** poder tutelar, indianidade e formação do estado no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1995.

LIMBERTI, Rita de Cássia Pacheco. **A imagem do índio:** discursos e representações. Dourados, MS: UFGD, 2012.

MATTOS, Izabel Missagia de. O indigenismo na transição para a República: fundamentos do SPILTN. In: FREIRE, Carlos Augusto da Rocha (Org.). **Memória do SPI:** textos, imagens e documentos... Rio de Janeiro: Museu do Índio, 2011.

MEIRELES, Denise Maldi. **Populações indígenas e a ocupação histórica de Rondônia.** 1983. 139 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização)- História e Historiografia, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá-MT, 1983.

MELO, Joaquim Rodrigues de. **A política indigenista no Amazonas e o Serviço de Proteção aos Índios:** 1910-1932. 2007. 232 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia)- Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2007.

MIRANDA, Evaristo Eduardo de. **Quando o Amazonas corria par o pacífico:** uma história desconhecida da Amazônia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MONTEIRO, John. Escravidão indígena nas Américas: interpretações do Brasil: dos clássicos às novas abordagens. **Revista Instituto Humanitas Unisinos,** ed. 2011, 12 mar. 2007. Disponível em:< http://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/211>. Acesso em: maio 2016.

MONTENEGRO, Antonio. **História, metodologia, memória.** São Paulo: Contexto, 2010.

NEWLANDS, Lilian. Sagarana: igrejas brigam em Rondônia por terra indígena. **O País**, Rio de Janeiro, p. 13, 29 maio/4 jun. 1986.

_____. 5 luas e 5 festas na aldeia Pacaa-Nova. **O País**, Rio de Janeiro, p. 1-6, 18 jun. 1986. (Especial).

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Identidade, etnia e estrutura social.** São Paulo: Pioneira, 1976. (Coleção Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais – Sociologia).

_____. Identidade étnica, reconhecimento e o mundo moral. **Revista Anthropológicas**, Brasília, ano 9, v. 16 n. 2, p. 9-40, 2005.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. 1948. Disponível em: < http://www.who.int/eportuguese/countries/bra/pt/>. Acesso em: 10 set. 2017.

ORTIZ, Renato. Estudos culturais. **Tempo Soc.** v.16 n.1, São Paulo, jun. 2004. http://dx.doi.org/10.1590/S0103-20702004000100007- Ensaios. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702004000100007 – 16/07/2017>.

PADRE acusa Diretor do SPI de deixar Pacaas Novos morrerem à míngua. **Jornal do Brasil**, Brasília, 14 jul., 1963. Disponível em: <https://www.socioambiental.org/pt-br/o-isa/programas/povos-indigenas-no-brasil>. Acesso em: 10 jun. 2017. (Acervo ISA CEDI Povos Indígenas do Brasil).

PARAGUASSU-CHAVES, Carlos Alberto. **Geografia médica ou da saúde:** espaço e doença na Amazônia ocidental. Porto Velho: EDUFRO, 2001.

PRADO, Maria Lígia Coelho; CAPELATO, Maria Helena Rolim. A Borracha na Economia Brasileira da Primeira República. In: FAUSTO, Boris (Org.). **História Geral da Civilização Brasileira.** O Brasil Republicano. Estrutura de Poder e Economia (1889- 1930). 2. ed. SP: Difel, 1977. Tomo III, Vol. 1.

SAMPAIO, Vany; Silva, Vera da. **Os povos indígenas de Rondônia:** contribuições para a compreensão de sua cultura e de sua história. Porto Velho: EDUFRO, 1997.

SANTIAGO, Moisés et al. **Xingu:** o clamor que vem da floresta. Letras, 2017. (Samba enredo do carnaval de 2017). Disponível em: <https://www.letras.mus.br/imperatriz-leopoldinense-rj/xingu-o-clamor-que-vem-da-floresta-samba-enredo-2017/>. Acesso em: 10, abr. 2017.

SANTOS, Carlos. **A fronteira do Guaporé.** Porto Velho: EDUFRO, 2001.

SILVA, Oziel Marques da. **A arquitetura das representações fonológicas dos empréstimos portugueses em Oro Mon (Wari' Norte, Rondônia).** 2003. 89 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem, Etnolingüística)- Fundação Universidade Federal de Rondônia, Guajará-Mirim-RO, 2003.

SOUZA, Elaine Brito. **Romantismo:** primeira geração. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <http://educacao.globo.com/literatura/assunto/movimentos-literarios/romantismo-primeira-geracao.html>. Acesso em: 5 set. 2017.

SOUSA, Maria de Fátima Lima de. **Dicionário da língua Wari' Oro Mon:** Português. 2009. 140 p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem, Etnolingüística)- Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2009.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças:** cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

TODOROV, Tzvetan**. A conquista da América:** a questão do outro. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

VILAÇA, Aparecida. **Quem somos nós:** os Wari' encontram os brancos. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

_____. **Comendo como gente:** formas de canibalismo wari' (Pakaa Nova). Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.

VON GRAEVE, Bernard. **The Pacaa Nova:** clash of cultures on the Brazilian frontier. Peterborough, On: Broadview Press, 1989. (Tradução Guilles de Catheu, p. 81-82).

FONTES DOCUMENTAIS

MUSEU DO ÍNDIO. Microfilme 042. Rio de Janeiro, 1972.

MUSEU DO ÍNDIO. Microfilme 043. Rio de Janeiro, 1972.

MUSEU DO ÍNDIO. Microfilme 045. Rio de Janeiro, 1972.

MUSEU DO ÍNDIO. Microfilme 046. Rio de Janeiro, 1972.

ANEXOS

ANEXO A – Entrevista a Dr. Guilles de Catheu

ENTREVISTA:
INFORMAÇÕES VERBAL FORNECIDAS POR DR. GILLES DE CATHEU (DR. GIL) NOS DIAS: 9/3, 10/3 E 11/3 DE 2017, EM GUAJARÁ-MIRIM-RO

1 a) O que o Senhor sabe sobre as doenças, epidemias?
1 b) As epidemias tiveram também importantes consequências e criaram mudanças irreversíveis na organização social. Os grupos OroEo e Oro At foram quase dizimados. Os outros grupos perderam a maior parte de sua população. Os casamentos preferenciais e as alianças entre grupos não puderam serem mantidos por muito tempo, e a perda de cônjuges necessitava realizar novos casamentos. Esses ajustamentos foram acompanhados de frequentes brigas...
O que mais influenciou a condição futura dos Pacaa Nova foi a sua remoção de aldeias *tradicionais*, dispersas nas cabeceiras dos rios Pacaas Novas e Ribeirão, para os *Postos de Atração*, próximos a Guajará-Mirim onde estavam sob o controle de missionários e de servidores do SPI. Essa mudança, uma vez realizada, era irreversível e destrutora das estruturas socioeconômicas tradicionais dos Pacaa Nova....

2 a) Por que os indígenas aceitaram mudar?
2 b) O desejo de conseguir ferramentas de metal e outros bens manufaturados sob o controle dos "civilizados" foi ultimamente o principal motivo para chegar nos Postos de atração e a consolidar o contato.

Caspar (1956:145) disse: "um dos principais motivos que leva os índios a firmar a paz com os brancos com os quais tiveram experiências negativos nesses 200 últimos anos, é a procura de ferramentas de ferro, principalmente facões, facas e machados."

3 a) Por que não conseguiram parar a mortandade?
3 b) Existiram duas situações bem diferenciadas.

Os doentes próximos a um "Posto de Atração" onde havia missionários, católicos ou evangélicos- MNTB, foram medicados, alimentados e hidratados, e a maioria conseguiu sobreviver.

Por sua vez, os doentes afastados de um Posto ou que se afastavam não recebiam tratamento e acabavam por morrer. É o que ocorreu com os grupos Oro At e Oro Eo´ da região

do alto Rio Negro Ocaia que foram contaminados por Wari da expedição de contato quando os convidaram a se dirigir ao distante Posto de Atração “Barracão”. Bem poucos sobreviveram.

4 a) E para onde foram os sobreviventes?
4 b). Sobreviventes OroEo’ foram contatados pelo seringalista, Naziozeno, que tinha aberto estradas de seringa no alto rio Pacaas Novos, perto da colocação Nova Brasília. Os OroEo’ trabalhavam com o seringalista em regime de escravidão. Naziozeno engravidou uma indígena, e depois da criança nascer, tirou a criança da mãe e a levou para a cidade. A criança falecerá nos primeiros anos de vida e a mãe veio a falecer depois. Quando o SPI descobriu a existência dos OroEo’, removeu os mesmos de Nova Brasília ao Posto de Atração Rio Negro.

5 a) E as expedições, para contatá-los?
5 b) O padre Luiz Roberto de Arruda e Gilberto Gama, servidor do SPI, que organizaram a expedição de contato, permaneceram no Posto de Atração do Rio Negro Ocaia “Barracão”, na foz do igarapé Ocaia, onde chegavam os OroNão’, e alguns OroEo e OroAt, em busca de terçados (facões), panelas, ... e principalmente de tratamento. A Prelazia de Guajará-Mirim tinha conseguido grande quantidade de medicamentos. O Padre Roberto medicava os pacientes com sucesso. Entretanto, Fernando Cruz, servidor do SPI oportunista e inescrupuloso, que queria se ver atribuído os méritos do contato, expulsou o Pe Roberto. As consequências foram desastrosas, pois havia medicamentos, mas não quem saiba administra-los. Nesse local foram sepultados dezenas de indígenas dizimados pelo Influenzae, o vírus da gripe.

6 a) Quais grupos resistiram ao contato?
6 b) No ano de 1961, uns 20 indígenas OroMon e OroYowin com laços matrimoniais chegaram ao Posto de Atração Tenente Lira, no rio Lage; vendo a epidemia de gripe, eles decidiram retornar na mata de onde vieram. Por sorte, nenhum deles tinha sido contaminado e a estratégia foi sucedida. Resistiram ao contato durante 8 anos. Em 1969, um seringueiro atirou uma moça Wari que foi a óbito. O pai dela se vingou e flechou uma mulher e sua filha numa colocação próxima. O SPI, que foi logo informado, mandou um servidor acompanhado de alguns Wari´, da família do grupo resistente. Encontraram uns 30 indígenas, sendo que umas 10 crianças tinham nascido no período de 1961 a 1969. Fora a moça que foi matada a tiro, nenhuma criança ou adulto chegou a falecer nesse período.

7 a) Eram flechados, em média, 3 a 4 pessoas por semana ?.

7 b) Antes do contato que ocorreu em 1961 (para 80% da população Wari´), a penetração dos seringueiros nas terras indígenas era conflituosa. A maioria dos seringueiros não respeitava os códigos e sinais deixados pelos indígenas. Uma pena de nhambu fincada na estrada de seringa devia ser contornada e não arrancada. Quando os Wari viravam os canecos de seringa (derramando o látex) ou furtavam um objeto da colocação, o seringueiro não devia demostrar irritação. Os seringueiros que davam tiros pelo ar, ou pior ainda, que atiravam nos Wari´ que avistavam, corriam um forte risco de serem flechados. Preocupados com a produção da borracha, os seringalistas organizaram expedições punitivas. O objetivo era acabar com até o último índio. Os poucos que conseguiam escapar e que chegamos a conhecer tem chumbo em alguma parte do corpo.

Por outro lado, seringueiros nos contaram que nunca se sentiram ameaçados. Faziam de tudo para respeitar os códigos, dependuravam terçados velhos, e não demostravam irritação quando desaparecia algum objeto. Frequentemente, os mesmos eram presenteados com carne moqueada.

Os Wari´ sobreviventes de um massacre buscavam vingar seus mortos. E nem sempre havia uma correlação entre quem matou os Wari´ e quem era flechado. A cidade de Guajará-Mirim era cercado de Wari´ do grupo Oro Waram que, à noite, aproximavam-se das casas. Em 1949, foi criada a Colônia Agrícola do Iata, distante de 25 km de Guajará-Mirim. O acesso se pela ferrovia, beirando o rio Mamoré, ou por uma estrada de chão. Os colonos eram potenciais alvos das flechas dos Wari´, que depois de um massacre se vingavam para passar a raiva, entretanto, sem a intenção de acabar com os “brancos”.

Os antigos moradores de Guajará-Mirim contam que não se passava uma semana sem que haja uma pessoa flechada. Felizmente para elas, a ponta das flechas não tem veneno. Evidentemente, não havia repórter nem jornalista para contar o que acontecia nas aldeias.

Em 08 de novembro de 1960, os Wari´ flecharam um jovem que ia de bicicleta de Guajará-Mirim até a colônia Presidente Dutra (Iata). O corpo foi encontrado sem pernas, sem braços e crivados de flechas. Essa notícia em destaque no *Jornal Imparcial*com a foto da criança revoltou a toda população. Assim, os seringalistas receberam o apoio da maioria dos moradores da cidade para preparar uma expedição punitiva com o intuito de acabar com todas as aldeias e matar até o último índio. O SPI foi informado desse plano fúnebre e o Inspetor enviou a Guajará-Mirim dois servidores, Fernando Cruz e Gilberto Gama, para acalmar os seringalistas e tentar fazer o contato.

8 a) Quando o SPI levou os indígenas de um posto para outro, misturando os grupos, como: os

OroWaram, OroWaramXiyein e OroMon que foram trazidos para o posto de atração do Lage?

8 b) No início da década de 50 o SPI criou o Posto de Atração Major Amarante na foz do igarapé Ribeirão no km 294 da Estrada de Ferro.

Desde o início da década de 50, indígenas do Posto Ricardo Franco e suas famílias foram trazidos para esse Posto e enviados nos seringais perigosos da bacia dos igarapés Ribeirão, Mutum, Jaci-Paraná e Lage com o objetivo de facilitar o contato. Para os Wari, os indígenas de Ricardo Franco não passavam de seringueiros e a estratégia do SPI não contribuiu para a aproximação dos Wari.

O contato com os Oro Mon e Oro WaramXijein foi realizado pelos próprios Wari recém contatados que iam atrás de seus parentes no mato. Quando os Oro Mon e Oro WaramXijein que tinham chegado no *Posto de Atração Tenente Lira*, no rio Lage, foram transferidos para o *Posto de Atração major Amarante*, ficaram apenas os OroWaram.

No Posto Major Amarante, os indígenas contraíram rapidamente Influenzae e sarampo, contaminados por passageiros que desciam do trem. Os indígenas adoeciam e morriam em poucos dias. Diante dessa situação trágica e apesar da recomendação do inspetor Alberico que tinha proibido a presença de missionários católicos nos Postos, o servidor José Dias, encarregado do referido Posto, foi pedir ajuda aos padres da Prelazia. A resposta foi imediata. O então-padre Luiz Roberto de Arruda e o médico padre Alexandre Bendoraïtis arrumaram remédios, alimentos e cobertores e foram atender os indígenas. O padre Luiz Roberto conta que passava as noites sem dormir para cuidar dos doentes. Na parada do trem (não havia estação), os passageiros contam que se ouvia fortes barulhos de tosse proveniente do acampamento dos Wari´. A segunda noite foi um pouco melhor e assim por diante até que todos fossem curados. O padre Luiz Roberto conta ainda que quando chegou ao *Posto Major Amarante*, muitos Wari tinham saído para o mato para fugir da epidemia. Essa estratégia se revelou trágica, pois já tinham sido contaminados. O padre Roberto com alguns voluntários saiam a procura dos doentes e os carregavam nas costas até o Posto. Os demais acabavam por morrer à mingua. Mais recentemente, uma tragédia semelhante aconteceu com o grupo Kawahib, chamado Uru Eu Wau Wau. Após os primeiros contatos que ocorreram em 1979, os Uru Eu wau Wau foram dizimados pelo Influenzae. Servidores da FUNAI buscavam os doentes no mato e os carregavam nas costas. A FUNAI manteve essa tragédia sob sigilo, proibindo a seus servidores qualquer repasse de informação. Em 1987, um outro grupo Kawahib, os Amondawa, contaminou-se com a influenzae quando aproximou-se dos Postos de Atração onde estavam os Uru Eu Wau Wau. A FUNAI, novamente, não divulgou a informação. Sigilo lamentável, pois,

havia em Rondônia profissionais de saúde voluntários, médicos e enfermeiros, que poderiam ter somado com a FUNAI.

Antes da chegada do padre Roberto no Posto Major Amarante, de acordo com a crença popular da época, os servidores do SPI deixavam os doentes no escuro de numa casa fechada, sem comer, sem tomar banho e os medicavam com "chá de coco de cachorro". Isso ocorreu em muitos lugares, não somente com os Wari, como também com povos contatados anteriormente, a exemplo dos Povos do Rio Branco, e posteriormente como os OroWin do seringal São Luiz, no alto rio Pacaas Novos. Conversando com os sobreviventes, eles atribuem a cura a esse tratamento e ficam agradecidos ao servidor ou seringueiro que agiu de tal maneira.

Quando o Inspetor Alberico soube da permanência dos missionários católicos no Posto do SPI, em agradecimento pela cura de quase todos os doentes medicados, o mesmo reforçou a proibição. O padre Roberto e o padre médico Bendoraïtis tiveram que se retirar. Para driblar o inspetor, o servidor José Dias levava os doentes até a Prelazia. A sala principal chegou a conter 40 pacientes deitados em cima de macas, colchões e cobertas. Todos eles foram medicados. Quando indagados sobre a assistência dada aos doentes de gripe e sarampo pela Prelazia, os idosos dos grupos Oro Mon e Oro waram Xijein têm palavras carregadas de emoção e gratidão. 9 a) O Sr. Comentou que antes havia muitos massacres, o Sr. pode comentar sobre eles?

9 b) Os Massacres

Antes do contato pacífico (1956 para uns e 1961 para outros) e da aparição de doenças contagiosas que aniquilaram os Wari', houve muitas perdas por armas de fogo: seja por ataques isolados de seringueiros ou por massacres organizados por seringalistas.

Registramos alguns massacres dos quais ouvimos mais falar. Infelizmente, a lista é longe de ser exaustiva.

a) Massacre de Wari´ "OroNao' do branco", numa aldeia situada na cabeceira do igarapé "Dois Irmãos" (afluente da margem esquerda do rio Pacaas Novos), na década de 50.
Famílias bolivianas criavam gado no Brasil, no local chamado "Barranquilha", acima da volta de Deolinda, no rio Mamoré. Os Wari que se deslocavam até a margem direita do rio Mamoré flecharam um touro muito bonito e foram embora. Em represália, os bolivianos foram até a aldeia e mataram vários indígenas. Esse fato foi narrado ao Dr. Gil por um idoso OroNao', adolescente na época do massacre. Esse fato lhe foi confirmado por um idoso boliviano que, quando criança, morava em Barranquilha.

b) Massacre de Wari OroNao e OroAt na maloca ...., na cabeceira do igarapé Santo André (ou da gruta) por um pequeno seringalista, à margem direita do rio Pacaas Novos. **Cf. Aparecida Vilaça no livro "Quem somos nós".**

c) Massacre de Wari´ do grupo Oro Waram na aldeia Natao', à margem direita do rio Ouro Preto (hoje, na RESEX Federal Ouro Preto).

A expedição que dizimou a aldeia foi organizada pelo sr. Abiorana. O mesmo decidiu poupar a vida de duas crianças, um menino e uma menina, que o mesmo criou. Chamou o menino Tabaná (por equívoco com Tao´ Pana, nome com o qual os Wari batizaram o rio Ouro Preto). Casou com uma mulher não-indígena e quando reencontrou seus parentes, foi morar nos limites da terra indígena Lage, à beira do igarapé Limão. Em torno do ano de 2000, toda família da irmã do Tabaná se mudou para morar por perto do mesmo, formando uma nova aldeia, a aldeia Limão que hoje conta umas 100 pessoas. A menina, irmã do Tabaná, que foi criada pela família Abiorana é policial civil em Porto Velho. Ainda não reencontrou seus parentes.

d) Massacre de Wari Oro WaramXijein e OroMon em 03 aldeias do povo Oro WaramXijein, à margem direita do rio Ouro Preto (hoje, no limite sul da Terra Indígena Lage). A população mais idosa de Guajará-Mirim ainda testemunha que o seringalista Manassukis, "dono" da maior parte dos seringais do baixo e médio rio Ouro Preto, organizou massacres em ambos os lados do rio Ouro Preto. Na margem esquerda, dizimou aldeias OroNao', e na margem direita, dizimou aldeias OroWaram e OroWaramXijein. O seringalista comprava armas contrabandeadas da Bolívia, inclusive metralhadoras. O objetivo da expedição era claro: "limpar a área".

A tática das expedições era quase sempre a mesma: chegar no final do dia à proximidade da aldeia e esperar a madrugada, quando os moradores estavam na fase mais profunda do sono. Ao sinal, o bando de "exterminadores" entravam na aldeia e atiravam em tudo que se se mexer. Às vezes, incendiavam as casas, feitas de palha de babaçu.

O relato do massacre foi contado ao Dr. Gil por sobreviventes.

A expedição entrou na **Aldeia *Xat'Arayi***, formada por 03 casas. A única sobrevivente foi uma menina de 8 a 10 anos, que inclusive foi baleada.

Em seguida, foram para a **Aldeia *Tokon Yowin*** onde fizeram mais vítimas.

Por último, chegaram na **Aldeia *Tain Wakram***, a maior aldeia do povo Oro WaramXijein onde moravam Wari Oro Mon e Oro KaoOroWaje, um subgrupo OroWaramXijein.

Nessa aldeia havia 07 casas, sendo 05 casas de famílias nucleares e duas "kaxa". A "kaxa" é a

casa dos solteiros, rapazes a partir de 11-12 anos de idade e os homens solteiros. Havia uma "kaxa" Oro Mon e a outra, Oro WaramXijein.

Obs.: há nomes próprios de indígenas que não consegui identificar e não tenho comigo o original ou a cópia. Nesse caso, achei melhor não citar nomes.

Na primeira casa, mataram **Wao Tok'Am Oro Waram Xijein** e suas duas esposas que eram irmãs, **Hatem e Wao Pan'tu**.

Na segunda casa mataram **Mam'Tun**, e na terceira casa mataram **Patokwé**.

Na quarta casa que era a "Kaxa" Ororamxijein mataram **Timai**, Os demais solteiros, Tem Wito, Tokorom Pan Nimon e Tocorom Hara, conseguiram fugir. Os dois últimos foram baleados e até hoje carregam chumbo no corpo.

Na quinta casa que era a "Kaxa" Oromon, mataram **02 pessoas**.

Na sexta casa, o casal Nowi Oro WaramXijein e a esposa Orowao OroMon conseguiram escapar, mas **02 crianças**, em torno de 7 e 8 anos, foram mortas..

Na sétima casa, morreram **Tokopiam**, uma mulher Oro Mon, e **Aain Tot**, sua filha moça.

e) Massacre de Wari´ Oro Mon na aldeia *Komika Ek* (hoje, situada no Parque Estadual de Guajará-Mirim, numa das cascatas da cabeceira do rio Formoso).

A liderança Xoá Oro Mon conta que houve vários mortos, adultos e crianças, inclusive a mãe dele foi morta. A tia materna de Xoá que era moça foi levada pelo indígena José Cabixi, integrante da expedição. O Cabixi a tomará como esposa e terá dois filhos com ela.

Fora as expedições planejadas, muitos seringueiros chegavam a matar um ou mais indígenas quando topavam com ele (s). A exemplo disso, a matança de membros de **uma família Oro Mon** que estavam colhendo castanha verde. O homem tinha subido em cima da castanheira para tirar as castanhas, enquanto mulheres e crianças ficavam no pé da árvore para catar as frutas jogadas ao chão. Eles foram surpreendidos por seringueiros armados que mataram várias pessoas. O Wari no alto da castanheira tentou se esconder, mas em vão, foi atirado e morto. Ao cair, ficou enganchado num galho. Os parentes não puderam tirá-lo. Ainda hoje, os idosos contam com muita dor que viram o corpo comido por urubus. Não poder fazer o funeral é dolorido, mas o pior de tudo é ver ou saber que o corpo do parente está sendo devorado por urubus. Desse massacre só sobreviveu uma mulher. Essa castanheira que fica na divisa da terra indígena Lage, do lado do sítio de um colono, foi derrubada alguns anos atrás.

Toda vez que os wari´ passam pelo toco da castanheira, eles lembram do episódio trágico.

É bom destacar que os numerosos massacres perpetrados contra os Wari nunca foram denunciados nem julgados. Diferentemente, o massacre do povo Oro Win, ocorrido em 1963 na cachoeira do rio Pacaás Novos, de autoria do seringalista Manoel Lucindo. O seringalista foi denunciado e condenado por genocídio, um caso inédito em Rondônia. A sentença foi de 15 anos em regime fechado, mas devido à idade avançada, o seringalista (falecido alguns anos atrás) cumpriu prisão domiciliar.

Dr. Gil disse que os Wari' não tem vontade de vingança. Preferem esquecer e ser aceitos pela sociedade não indígena.

"Sugiro que o nome dos 08 grupos seja escrito da forma que consta nos atuais registros de nascimento:"

OroNao',
OroEo',
OroAt,
OroJowin,
OroWaram,
Oro Mon,
Oro WaramXijein,
KaoOroWaje.

Fora a entrevista, houve trocas de e-mails que estão arrolados abaixo:

Bom dia Nagila,

Primeiro lhe envio uma tradução de duas páginas do livro The Pacaa Nova de Bernard Von Greave.

Pela tarde, mando mais.
Abraço

"The PACAA NOVA" de Bernard Von Greave, antropólogo canadense que morou 6 meses em Sagarana entre 1969 e 1970.

“Alguns meses depois da pacificação, mais da metade dos Wari tinha morrido por doenças trazidas pelas expedições de contato. Muitos faleceram antes da equipe de pacificação ter alcançado todas as aldeias. Apenas mais ou menos 500 Wari sobreviveram. Quantos morreram de doenças? As estimativas variam entre 65 e 85% da população pré-contato. No Ribeirão, 28 Wari faleceram de sarampo, dois anos depois do contato, e em 1970, 20 faleceram de sarampo em Sagarana.” (p. 81)

“Os efeitos de uma epidemia são semelhantes a aqueles de uma catástrofe de grande importância, quando os atingidos entram em estado de choque. Richard Sollis, missionário evangélico MNTB, conta que mulheres Wari´ recusavam de cuidar de crianças órfãs...

Neel (1971:578) que presenciou uma epidemia escreveu: “quando uma aldeia inteira é dizimada por uma doença, a rotina do dia-a-dia entra em colapso. Na região tropical, os doentes se desidratam muito rapidamente por não haver ninguém para buscar água. As crianças que padecem de sarampo têm como agravante a falta de leite e de cuidados maternos quando a mãe adoece junto.”

[...] Os doentes ficam conformados em morrer e isso diminui a sua chance de sobreviver. Na maioria das vezes, a morte ocorre devido a complicações da doença inicial, como broncopneumonia e desidratação em caso de sarampo. (p.81-82)

Estudos apontam que os cuidados médicos são essenciais para a sobrevivência. De acordo com o **Dr. Nutels**, médico do SPI nas décadas de 50 e 60, durante uma epidemia, a morte ocorre em 26,8% dos pacientes não medicados e em 9,6% dos pacientes medicados (1968:115).

O choque repentino das epidemias e a incapacidade dos pajés em dar conta dos doentes levam os indígenas a depender da medicina ocidental e atua como um forte incentivo a viver nas proximidades da missão, do posto do SPI, ou de *colonos ou seringueiros*, de modo especial para famílias com crianças pequenas. A dependência foi particularmente forte nos primeiros anos de contato porque os Pacaa Nova que perderam parentes próximos deixavam de fazer roça... (82).

Durante vários anos, as famílias pararam de ter filhos. Essa reação não é exclusive dos Pacaa Nova; ocorreu também com alguns povos do Guaporé como os Cabishi *(grupo Nambiquara).* A partir de 1965, a população voltou a crescer. Em 1970, a faixa etária a mais numerosa era abaixo de 05 anos de idade.

A saúde geral dos Pacaa Nova alterou-se rapidamente depois do contato. Não apenas devido a sucessivas epidemias de Influenzae e sarampo, mas também devido à contaminação por parasitos por causa das péssimas condições de higiene nas aldeias.... galinhas, porcos e

outros animais domésticos foram introduzidos contribuindo com o aumento de parasitos. A concentração da população à beira de rios onde havia mais mosquitos aumentou a incidência de malária, doença desconhecida dos wari´ cuja aldeias se situavam nas cabeceiras de igarapés. As doenças aumentaram também devido ao empobrecimento da alimentação com menos proteínas. Enfim, a higiene pessoal piorou com a introdução de roupa. Rapidamente, perceberam o preconceito dos “brancos” em relação a sua nudez, portanto quando um não-indígena estava por perto, deixavam de tomar banho ou tomavam banho vestidos.

Boa noite Nagila,

Obrigado, minhas férias são boas, tranquilas, com um colo dos pais.
Você faz muito bem de me cutucar.
Amanhã lhe envio o que escrevi sobre os massacres.

A respeito da escrita dos Oro Nao', na época que a Denise escreveu (1986, creio) se escrevia Urudao, ou Oro Dão, ou Oro Dao'. Mas trata - se do mesmo grupo.
Só precisa saber que tem os Oro Nao' da margem esquerda do rio Pacaas Novos (Terra Indígena Pacaa Nova) que tiveram o contato em 1956 (que os demais grupos Wari chamam Oro Nao' do branco; é o grupo Wari mais numeroso) e os Oro Nao' da margem esquerda do rio Pacaas Novos que tiveram o contato em 1961 e que hoje moram na sua maioria na terra indígena Rio Negro Ocaia.

Cheguei em Guajará-Mirim em novembro de 1982. Conheci a aldeia Sagarana a partir de dezembro de 1982. Entretanto, passei a morar em Sagarana em 1985 e a visitar as demais aldeias Wari com freqüência a partir de 1991. Resumindo, você pode contar a partir de 1985, o que faz 32 anos...vixi, nem gosta de pensar nisso!!! Kkk

Um abraço.

Gil

ANEXO B – Entrevista a Dom Luiz Roberto Gomes de Arruda

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA DE DOM ROBERTO DE ARRUDA NA RÁDIO EDUCADORA DE GUAJARÁ-MIRIM, NO PROGRAMA A VOZ DOS POVOS INDÍGENAS, SOBRE SAÚDE E A CRIAÇÃO DE SAGARANA, HOJE, TERRA INDÍGENA SAGARANA

Na gravação entrevista inicia-se com o Dom Roberto saldando aos ouvintes.

Dom Roberto diz:
- Bom dia, um cordial bom dia igualmente a todos os nossos radio ouvintes e sobretudo à os indígenas, que nos escutam nesse momento, todos vocês um abração muito amigo, viu?
O apresentador do Programa a Voz dos Povos Indígenas começa a entrevista:
- Dom Roberto, o dia 21, no dia do seu aniversário o Sr. já comentou qual era a situação de conflito tinha nessa cidade, entre indígenas e os brancos e depois como foi realizado o contato pacífico que o Sr. fez o encontro dos Urudão (OroNao) do rio Ocaia. Agora eu queria saber como era a situação de saúde dos povos indígenas, nos início, no início dos anos sessenta, depois do contato, no ano sessenta e dois, sessenta e três. O Senhor vivenciou tudo isso? Como é?
- Dom Roberto responde:
A situação de saúde, gen...gen...? radio ouvintes foi uma situação violenta, é realmente ... é como diz, é preocupante seriamente e... é com consequências gravíssimas para os nossos é...índios. Houve é... epidemias muito sérias, malária talvez, mas outras doenças que vieram... atacando todos os grupos, e um depois dos de outros, todos os grupos vieram nos chamar aqui. A felicidade nossa, naquele momento, foi que, acabava de chegar aqui, o Padre Benturaits, que se prontificou imediatamente a dar atendimento à saúde, de nossos povos indígenas, e com muita, amh... disponibilidade, ele se prontificava a todas as viagens, esse carreria de um lado e do outro. Assim é que, a cada chamado de grupos indígenas, nós íamos correndo com medicamentos e com provisões também alimentícias, porque um dos problemas também era a alimentação, os grupos, a maioria, é.. se concentrou nos Postos Indígenas, nos lugares pelo menos já previstos para os postos, como exemplo Ribeirão, Lage e outros pontos. Mas, nesses lugares, o SPI nessa época, ainda não tinha recursos, não tinha como atender a tantas pessoas doentes, né? Dá uma tossida e continua... Aqui no Ribeirão por exemplo, nós chegamos lá no momento em que estavam, mais de cem pessoas, todas é... deitadas embaixo do que era anti... antigamente as casas do Ribeirão, é... com pequenos andares, mais é debaixo, então havia é... o

espaço, e, esses índios então, acumulados embaixo desses tubulhos ali, com uma friagem, quando chegamos lá estava um vento sul violento, eles colocavam folhas de babaçu nas passagens para tentar reduzir esse vento, mas o frio estava ascendendo, e a gente via ali pessoas, mulheres por exemplo, fervendo água e colocando é... espapolpa é... esponja de babaçu, quer dizer, raspava, né? Pra colocar no peito dos doentes doloridos, então dava uma ... uma pena terrível a gente chegar nesses lugares e atender esses doentes. Graças à Deus, chegávamos e atendíamos imediatamente e já não houve nenhuma morte depois da nossa chegada em cada posto, antes, morriam vários, logo que chegamos cessaram as mortes e assim fomos atendendo, ah... em todos os postos foi a mesma situação, a gente chegava e permanecia mais ou menos uma semana dez dias atendendo e logo que, toda essa população se levantava, então voltávamos pra casa, mas logo teríamos o chamado de outro grupo e assim é que aos poucos, acabamos é... tendo contato com todos os grupos aqui da... o município, da... da... da tribo Oro Wari' e ficamos conhecidos, né? Agora com isso, aconteceu que, eles sabendo que nós não podíamos permanecer nos postos, então quando havia poucos doentes, vinham para cá, na Diocese, na que era a Prelazia, né? E na época, não tínhamos ainda o hospital, então é... acumulavam-se, e também na casa, a casa não era o que é hoje, era bem mais reduzida, tínhamos apenas disponível aquele quarto, que hoje é sala de secretaria, ali, eu cheguei, em certos momentos estender uma lona, nessa sala, que era a metade do que é hoje a sala, e ali, cheguei a ter quarenta pessoas, entre homens, mulheres e crianças, todos queimando de febre, e tendo que esperar aí, o o o atendimento, né? Deus sabe com que sacrifício! E assim, ficamos então em relação, por causa da doença, em relação com todos os grupos. E...sem... até por um momento sem saber o que fazer para resolver a questão, né?

O locutor agradece:

- Obrigado Dom Roberto, se... a gente vê que a situação, era terrível! Vamos parar um pouquinho, pra ouvir uma música depois nós voltamos a conversar...

A música durou 1min. e 10s. logo após, o locutor interveio recomeçando a entrevista:

- Estamos apresentando o Programa a Voz dos Povos Indígenas. Está conosco, Dom Roberto, que, tem uma longa convivência como o povo indígena Pacaás Novos e tava relatando a situação de saúde do povo Pacaás Novos da região de Guajará-Mirim, nos anos depois do contato, nos anos sessenta.

- Dom Roberto, agora eu gostaria que o Senhor colocasse um pico... um pouquinho para nós, para os ouvintes, como o Senhor chegou a criar... a ter a ideia de criar a aldeia de Sagarana?.

- A aldeia de Sagarana? O motivo foi exatamente o problema da saúde, né? Porque, como eu estava dizendo: o povo todo praticamente, a tribo inteira foi atacada por doenças diversas e já

naquele momento, era em sessenta e cinco, já, então havia se desenvolvido muito, a tuberculose... em muitos dos... dos..., aliás, nos próprios funcionários do SPI também havia muita tuberculose, mas sobretudo com os índios, porque com a gripe que os atacavam enfraquecendo os pulmões, logo vinha a tuberculose e a gente num... num sabia como fazer para um tratamento prolongado porque não tínhamos lugar, aqui na cidade, para mantê-los. Tentei, então, é... por várias vezes, é... conseguir do SPI, autorização para abrirmos um...um posto de saúde numa das reservas aqui mais próximas, é Ribeirão ou Lages ou Tanajura, não foi possível, não conseguimos essa autorização. E então, diante do situação, emergente a gente iria... estava com os doentes aí, não podíamos abandoná-los, então percebemos pela criação de um local, onde a Diocese pudesse encarregar-se desse tratamento desse pessoal, daí, partimos para um acordo com a Sociedade São Judas Tadeu, na época que tinha essa propriedade lá em Surpresa, para uma escola que queriam estabelecer, num... num... não houve a possibilidade de eu fazer, e então, a Sociedade cons... concordou em passar a propriedade para a Prelazia, que então, porque com a condição que pudéssemos começar qualquer trabalho pelo tratamento dos índios, primeiro: quando isso passasse, toda essa onda de doenças, então poderíamos pensar em outras iniciativas. Eles concordaram, eu parti logo com um grupo de jovens, lá para Surpresa, examinamos a área lá, e eles escolheram precisamente um local, na... na margem da bahia de Sagarana, que era na época chamada de bahia da coca, né? E que hoje ...[inteligível] e então com vinte dias depois, no mês de outubro, partimos daqui, então com vinte índios, homens, mulheres, crianças, algumas, eram poucas crianças, mas tinham algumas e fomos lá em 17 de novembro de sessenta e cinco.

ANEXO C– Mapa Histórico do SPI: localização da 9ª I. R.

Fonte: FREIRE, Carlos A. da R. (Org.). **Memória do SPI:** textos, imagens e documentos sobre o Serviço de Proteção aos Índios (1910-1967). p. 153.

ANEXO D – Boletim de Atividades do mês de fevereiro – P. I. Ricardo Franco

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

P.I.A.Ricardo Franco,28 de Fevereiro de 1947.

Boletim de Atividades do Mez de Fevereiro.

I-Administração.

Bolotim recebidos 1 Expedidos 1

Oficios " 5 " 7

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA S.P.I. 416 III 1947

II-População Indigena.

Estacionada em 38 ,entre adultos e menores.

III-Estado Sanitario.

Otimo,não houve caso de doença a registrar;foram distribuidos 3 Dz.de Vidros de Oleo de Figado de Bacalhau e todos os indios .Foram igualmente destribuidas atebrinas aos indios que foram para a colheita de Ipecacuenha.

IV-Industria.

Foram tiradas 4.430 achas de lenha.Os valos correspondentes as vendas ao Serviço de Navegação do Guaporé,acham-se em meu poder,para serem recebidos e depositados e depositados no Banco do Brasil,conforme manda o Regulamento,seu importe é de Cr.$716,40.

V-Varios Serviços.

Foram abertos 2 caminhos na matta na extensão de 6 e 5 Klm. respativamente,com 2 metros de largura.O maior que começa no Posto será alargado para o transito do carro de boi,afim de ser extraida a lenha para o consumo e venda.Na sua continuação seguirá a extrada de penetração,para os contratos da Serra dos Parecis,que o S.I.R.pretende abrir.

Foi feita uma exploração nas mattas do Posto,a procura de produtos;fora uma quantidade incontavel de madeira de lei,só uma pequena quantidade de Ipoca e seringueiras para duas estradas forma constatadas.

Foi construida uma cerca de arame farpado a cinco fios na extensão de 1.000metros,de tres fios 100 met os.Para esta cer-

ANEXO E – Índios Trazidos-Pedro de Toledo (Microforma 53, 54 e 55- MF 042

Ministerio da Agricultura
Serviço de Proteção aos
Indios.

Relação dos Indios trasidos do Posto A. Ministro Pedro de Toledo, conforme ordem desta Chefia.

Tribo dos Mendes.

Telemencú	Baquete	Idade aprocimada	35	Anos.
Aruy	Baquete	;;	31	;;
Mondé	Baquete	;;	37	;;
Mumun	Baquete	;;	20	;;
Baita	Baquete	;;	27	;;
Nine	Baquete	;;	3	;;
Papo	Baquete	;;	3	Meses
Tanapé	Baquete	;;	14	anos
Maria	Baquete	;;	25	;;
Maria	Baquete Filha	;;	13	;;
Uruá	Baquete	;;	23	;;
Sabay	Baquete	;;	11	;;

Tribo dos Massacas.

Santiago	Casupa	;;	40	;;
Alonsso	Casupa	;;	23	;;
Mancelito	Casupa	;;	18	;;
Mancel	Casupa	;;	19	;;
José	Casupa	;;	34	;;
José	Casupa	;;	23	;;
Pixuy	Casupa	;;	41	;;
Bazilio	Casupa	;;	14	;;
Cuyu	Casupa	;;	13	;;
Eloisa	Casupa	;;	40	;;
Loza	Casupa	;;	21	;;
Laura	Casupa	;;	12	;;
Keceira	Casupa	;;	47	;;
Maria	Casupa	;;	13	;;
Maria	Aruy	;;	17	;;
Uruú	Casupa	;;	16	;;

Continuação

MF 042, Fotograma 00053.tif, 1946, planilha 8, 1978.

Turina	Casupá	Idade aprocimada	2 anos.
Izabel	Casupa	;;	5 ;;
Nonde	Casupa	;;	Io ;;
	Tribo dos Canoês		
Bahia	Canôe	;;	32 ;;
Piralara	Canôe	;;	7o ;;
Aquiscoo	Canôe	;;	T3 ;;
Arará	Canôe	;;	Io ;;
Taiaru	Canôe	;;	II ;;
Ururema	Canôe	;;	29 ;;
Arcuenun	Canôe	;;	4 ;;
Pirague	Canôe	;;	2I ;;
Maimesarú	Canôe	;;	25 ;;
Caisoé	Canôe	;;	7 ;;
Vinicia	Canôe	;;	3 ;;
Aximinaqué	Canoe	;;	3o ;;
Tapirú	Canôe	;;	3 ;;
Áquilo	Canôe	;;	9 ;;
Anaúa	Canôe	;;	27 ;;
Yanancú	Canô	;;	43 ;;
Yuque	Canôe	;;	2o ;;
Opera	Canôe	;;	2 ;;
Cuiry	Canôe	;;	I6 ;;
Tiame	Canôe Filho	;;	8 ;;
	Tribo dos Capichanan		
Manoel	Sarule	;;	26 ;;
José	Aciry	;;	2I ;;
Hotaviano	Mequens	;;	27 ;;
José	Alimicuim	;;	24 ;;
Tucariu	Mequens	;;	29 ;;
Carirú	Mequens	;;	I4 ;;
Joaõ	Tucariu	;;	5 ;;
Aribo	Tucariu	;;	33 ;;

Continuaçaõ

MF 042, Fotograma 00054.tif, 1946, planilha 8, 1978.

3ª

Mercedes	Tucariu	Idade aproximada	I4 anos.
Aurora	Tucariu	;;	I3 ;;
Iracema	Mequenes	;;	24 ;;
Puten	Aranha	;;	I5 ;;
Nayr	Mequens	;;	27 ;;
Munun	Mequens	;;	28 ;;
Emilio	Mequens	;;	5 ;;
	India dos Pacas Nova		
Domitila	Silva		
Alfreto	Silva		
	Indio refugiado pertencente ao Posto Ricardo Franco e da tribo Macurapes.		
Toré Moré	con		26 anos.

Posto Indigena A. e Fronteira Ricardo Franco I5 de Setembro I947.

Clodoaldo de Medeiros Pnha.
Auxiliar.

Atesto a existencia, conforme relação.

João José Santana
João Santa- Ana
Auxiliar de Certaõ.

Em tempo.

Aruy Tenente com 28 anos

Munun Tenente ;; Ie anos

Pertence estes indios a tribo do Massacas.

MF 042, Fotograma 00055.tif, 1946, planilha 8, 1978.

ANEXO F - Telegrama: Ofício para Dr. Sebastião Moacyr Xerez Chefe da 9ª. I.R.- Porto Velho

DEPARTAMENTO DOS CORREIOS E TELÉGRAFOS

TELEGRAMA

Recebido de GRM-MIRIM às 16 55 EMS/HSM

17 DEZ 1945

OF DR SEBASTIÃO MOACYR XEREZ CHEFE 9A. I.R. PORTO VELH

GUAJARA-MIRIM 123 91 17 15 55

HABITUE-SE A INDICAR NO RECIBO DO SEU TELEGRAMA A HORA EM QUE O RECEBER. COM ESSA PROVIDÊNCIA, AUXILIARÁ O DEPARTAMENTO NA FISCALIZAÇÃO DA ENTREGA DOS TELEGRAMAS.

OF 46 COMUNICO-VOS CHEGOU ONTEM ESTA CIDADE VG SERINGUEIRO MORTO PELOS INDIOS EM PACA NOVA PT FUI CONVIDADO DELEGADO POLICIA AH PRESENCIAR DELITO PT VIAJAREI HOJE AS 15 HORAS COMPANHIA SR VASCONCELOS DESTINO PORTO FRANCO PT MERCADORIAS PEDRO TOLEDO DESPACHADA SEGUIR LANCHA DIA 25 PT SAUDAÇÕES

CLODOALDO DANTAS ENC PR FRANCO

MF 042, Fotograma 00062.tif, 1946, planilha 8, 1978.

ANEXO G - Decreto de Criação de PI Ricardo Franco

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

Rio de Janeiro, D.F.
Em 29 de maio de 1945.

Do Inspetor Especializado XIX,
Sebastião Moacyr Xerez
Ao Sr. Diretor do Serviço de Proteção aos Indios.

Assunto Programa de trabalho

1946

Senhor Diretor

No exercício das funções de Inspetor Especializado da 1ª Inspetoria Regional do Serviço de Proteção aos Índios, designado para chefiar a 9ª Inspetoria Regional dêsse Serviço, recém-creada pelo Decreto nº 17 684, de 26 de janeiro de 1 945, vimos apresentar-lhe as considerações abaixo, diretamente relacionadas ao novo orgão administrativo subordinado a essa Diretoria.

O âmbito territorial para a vigência do referido decreto compreende todo o atual Território Federal do Guaporé, em cuja capital, cidade de Porto Velho, deverá ser sediado o serviço da 9ª Inspetoria Regional.

É de ver, preliminarmente, Sr. Diretor, a necessidade imediata da instalação da séde do Serviço, mediante a aquisição de prédio próprio ou locação para êsse fim, a ser facilitada, nessa última contigência, por intermédio do govêrno do Território, contigência derivada da falta de casas no local.

Essa condição elementar nos facilitará o propósito de imprimir ao serviço, o desenvolvimento admissível e justificável, que se fundamenta no claro sentido de suas próprias finalidades.

(MF 042, Fotograma 00082.tif, 1946, planilha 8, 1978).

ANEXO H- Ocorrência – Índio Júlio – Abalroamento- Morte do afilhado

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

corce foram tiradas 400 estacas de madeira de lei.

VI-Ocorrencia.

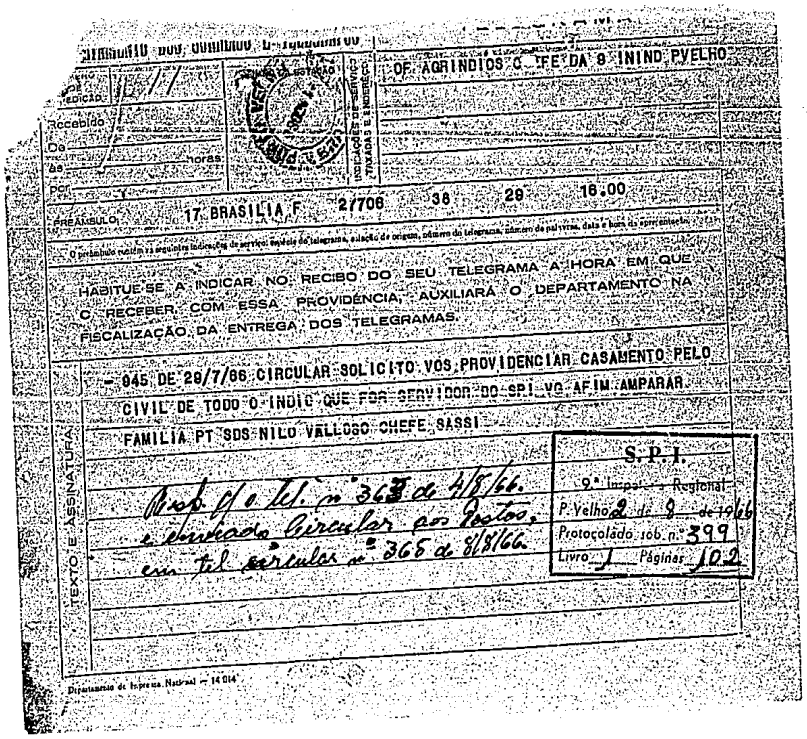
No dia 5 do corrente mez ,tendo o indio Julio Reis,que habita nas terras de Reserva ,mais que tem se mostrado refratario a manter relações com o mesmo,ido ao Barracão do Sr.Malgaindo Santos,na foz do Rio Ceutario,afim de vender produtos ,produzidos por si,e em troca trazer mercadorias, ao regressar em sua canoa,no logar denominado Luzitania,foi alcançado pelo motor Olinda de propiedade do Snr. Massud de tal ,de nacionalidade Siria,ao qual fez sinal de lanterna afim de conseguir reboque;que este não o atendeu,que em virtude do banzeiro deixado pelo motor ,sua canoa naufragou,tendo emmconsequencia perdido toda a mercadoria,o que desapareceu o menor civilizado de nome Angelino Penha,seu afilhado e que viajava em sua companhia.Tendo comunicado o fato ao snr.Delegado de Policia de Guajará Mirin ,este me fez sciencia do fato em questão ,remetendo-me sua carta,e em seu oficio dizia ,não poder tomar providencia. Eu entrei em entendimentos com o Snr. Massud ,tendo este se prontificado a pagar ao indio o prejuiso sofrido.De fato dei conhecimento em oficio,ao Snr Chefe da 9a.I.R.Espero a futura,afim de ser feito a cobrança e pago o indio Julio ,que espero agora,torne-se um amigo do Posto.

Aleido Sobral Carvalho

Aux.Sertão-Encarregado do Posto.

MF 042, Fotograma 00023.tif, 1947, planilha 8, 1978.

ANEXO I - Casamento Servidores Índios no Civil para Amparar Familiares



OF. AGRINDIOS C. FE DA 9 ININD PVELHO

PREÂMBULO 17 BRASILIA F 2/706 38 29 16:00

O portador recebe as seguintes indicações de serviço: espécie do telegrama, estação de origem, número do telegrama, número de palavras, data e hora da apresentação.

HABITUE-SE A INDICAR NO RECIBO DO SEU TELEGRAMA A HORA EM QUE O RECEBER. COM ESSA PROVIDÊNCIA, AUXILIARÁ O DEPARTAMENTO NA FISCALIZAÇÃO DA ENTREGA DOS TELEGRAMAS.

TEXTO E ASSINATURA

- 045 DE 26/7/66 CIRCULAR SOLICITO VOS PROVIDENCIAR CASAMENTO PELO CIVIL DE TODO O INDIO QUE FOR SERVIDOR DO SPI VG AFIM AMPARAR FAMILIA PT SDS NILO VALLOSO CHEFE SASSI

Resp. c/o tel. nº 363 de 4/8/66. e divulgado circular aos postos, em tel circular nº 365 de 8/8/66.

S. P. I.
9ª Impr. - Regional
P. Velho 2 de 8 de 1966
Protocolado sob n.º 399
Livro 1 Páginas 102

Departamento de Imprensa Nacional — 14 014

MF 045, Fotograma 00031.tif, 1947, planilha 8, 1978.

ANEXO J - 22 Índios Doentes-(sarampo) de Lages Levados p/ Rio Negro Ocaia-(ficaram 100 doentes no Lage, “nas malocas”

DEPARTAMENTO DOS CORREIOS E TELEGRAFOS

TELEGRAMA

URG INTZ= AGRINDIOS CHENTA PVELHO-RDA

PCL /GMIRIN RDA 35 82 10 1100

HABITUE-SE A INDICAR NO RECIBO DO SEU TELEGRAMA A HORA EM QUE O RECEBER COM ESSA PROVIDÊNCIA, AUXILIARÁ O DEPARTAMENTO NA FISCALIZAÇÃO DA ENTREGA DOS TELEGRAMAS.

TEXTO E ASSINATURA

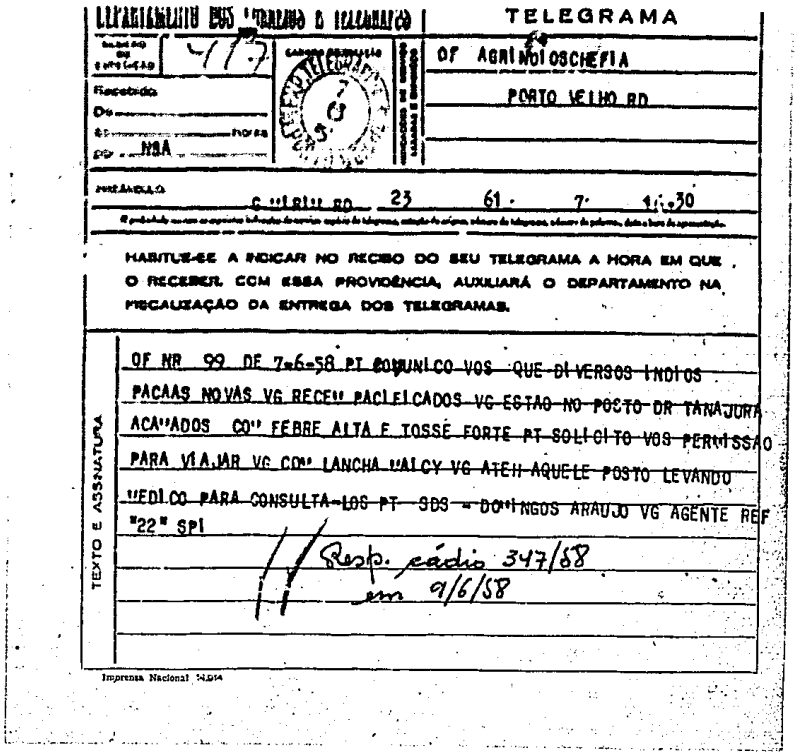
Nº 36 de 10/6/61. PT COMUNICO VOS QUE SR GILBERTO VOLTOU DO LAGE ONTEM TRAZENDO VINTE ET DOIS INDIOS DOS SELVAGENS INCLUINDO MULHERES ET CRIANCAS VG HAVENDO ENTRE ELES DOENTES VG TALVEZ COM SARAMPO PT DEIXARAM MAIS DE CEM INDIOS DOENTES NAS MALOCAS PT CONSTA QUE NÃO HA PESSOAL NEM MEDICAMENTOS PARA TRATAMENTO PT SR GILBERTO SAIRA ESTA VANNA PARA RIO NEGRO LEVANDO OS VINTE ET DOIS INDIOS PT SDS AGENTE ARAUJO AGENTE ARAUJO

Resp. Ofício 275/61

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA S.P.I.

MF 043, Fotograma 00174.tif, 1961, planilha 8, 1978.

ANEXO K - Pacaás Novas recém “pacificados”-Doença (febre, tosse)



TELEGRAMA

OF AGRINOI OSCHEFIA

PORTO VELHO RO

Recebido

De

Às horas

por NBA

PREÂMBULO C VERDE RO 23 61 7 1:30

HABITUE-SE A INDICAR NO RECIBO DO SEU TELEGRAMA A HORA EM QUE O RECEBER. COM ESSA PROVIDÊNCIA, AUXILIARÁ O DEPARTAMENTO NA FISCALIZAÇÃO DA ENTREGA DOS TELEGRAMAS.

TEXTO E ASSINATURA

OF NR 99 DE 7-6-58 PT COMUNICO-VOS QUE DIVERSOS INDIOS PACAAS NOVAS VG RECEN PACIFICADOS VG ESTAO NO POSTO DR TANAJURA ACAMADOS COM FEBRE ALTA E TOSSE FORTE PT SOLICITO VOS PERMISSAO PARA VIAJAR VG COM LANCHA MALCY VG ATEH AQUELE POSTO LEVANDO MEDICO PARA CONSULTA-LOS PT SDS - DOMINGOS ARAUJO VG AGENTE REF "22" SPI

Resp. cádio 347/58 em 9/6/58

Imprensa Nacional 34.014

MF 043, Fotograma 00115.tif, 1958, planilha 8, 1978.

ANEXO L – Doenças no P.I. Tanajura (Gripe e malária)

DEPARTAMENTO DOS CORREIOS E TELEGRAFOS

TELEGRAMA

NUMERO DE EXPEDIÇÃO 700

Recebido GRM

Em 15.53 horas

por NSA-EAR.

OF AGRINDIOS CHEFIA

PORTO VELHO RO

PREAMBULO GHRIM RO 29 58 11 40,30

HABITUE-SE A INDICAR NO RECIBO DO SEU TELEGRAMA A HORA EM QUE O RECEBER. COM ESSA PROVIDÊNCIA, AUXILIARÁ O DEPARTAMENTO NA FISCALIZAÇÃO DA ENTREGA DOS TELEGRAMAS.

TEXTO E ASSINATURA

OF Nº 101 DE 11 6 58 PT ACORDO VOSSO TRESENTOS QUARENTA E SETE DE 9 DO CORRENTE PT VIAJAMOS POSTO DR TANAJURA ACOMPA-DO MEDICO DR JADER MARINHO QUE MEDICOU VARIOS INDIOS ATACADOS GRIPE E MALARIA PT DESPESAS TOTAL HUM MIL ET DUZENTOS CRUSEIROS PT S DS - DOMINGOS ARAUJO VG AGENTE REF "22" SPI

Resp. rádio 356/58
De 13-6-58.
Em rádio nº 360/58 de 14.6.58 - solicitamos o total de despesa da viagem, e médico

Imprensa Nacional 14.014

MF 043, Fotograma 00114.tif, 1958, planilha 8, 1978.

ANEXO M - Doença (Gripe forte em índios e brancos)

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA
S. P. I.
Nº 151
18 de 5 de 1949

MINISTERIO DA AGRICULTURA
SERVIÇO DE PROTEÇÃO AOS ÍNDIOS
9ª INSPETORIA REGIONAL
P.I.A."Ricardo Franco" 4 de Março de 1949.
Porto Velho — T.F. do Guaporé

Of.n.3. Urgente

Snr.Chefe

1 Este venho levar ao conhecimento de v. excia. o que verdadeiramente está se passando na epoca presente neste Posto.

2 Estamos gravemente prejudicados com o estado sanitario.
Apareceu uma forte endemia de gripe muito maligna, que acometeu todos os indios e até nos civilizados aqui residentes.
A gripe está atacando em quase todos com febre forte e dor de ouvido.
Pois já perdemos um indio de nome Aruã Tenente, no dia 1º do corrente mes. O qual vai ser citado no aviso mensal deste mes.

3 Peço caricidamente a v.excia. que nos socorra com medicamento, pois estou vendo a hora perdermos mais alguns indios como tambem civilizados.

4 Chego tambem ao conhecimento de v.excia. que estamos passando mal pois não temos um poquinho de aquear para fazer um chá para os doentes, e como tambem querosene para alumia-los.

5 Já chegou a colheita do arroz e outros trabalhos emdispensavel e estamos com falta de braços.

Saudações

José Dias Filho
Aux. Sertão Encarregado

MF 042, Fotograma 00150.tif, 1958, planilha 8, 1978.

ANEXO N - Expedição Pacaas Novos – Fernando Cruz telegrama Inspetor Meireles

SERVIÇO RÁDIO TELEGRÁFICO DO TERRITÓRIO FEDERAL DE RONDÔNIA

DILACERADO 202 234 26 1100

Número de expedição

Recebido De 261230 Às horas Por LUZ EDM

URGENTE
INSPETORIA DE INDIOS
PVH

TELEGRAMA

Texto e assinatura

ESTOU CIENTE VOSSO RADIO COMUNICANDO NOTA DIRETORIA PT TRANSCREVO PARA VOSSO GOVERNO SEGUINTE RADIO INSPETOR MEIRELES BIPTS GRINDIOS DIRETOR NR 143 DE 24/10/61 PARA FINS DIREITO VG LEVO VOSSO CONHECIMENTO QUE ESTA IR ATENDENDO SOLICITAÇAO CHEFE EXPEDIÇAO PACAAS NOVOS SR FERNANDO CRUZ VG PASSOU A DISPOSIÇAO MESMO VG FIM OPERAR NAQUELE SETOR CHEFE TURMA GILBERTO GAMA VG SERTANISTA O QUAL TOMOU PARTE SOB MINHA DIREÇAO EXPEDIÇAO INDIOS CAIAPOS REGIAO XINGUH PT SERTANISTA GILBERTO GAMA VEM PERCEBENDO SALARIO CONTA VERBA SPVEA VG PASSANDO PARTIR PRIMEIRO MAIO PROXIMO RECEBER COMO INTEGRANTE EXPEDIÇAO PACAAS NOVOS PT SDS INSPETOR FRANCISCO MEIRELES CHEFE IR2 PT SOLICITO SR. CHEFE IR9 VG INFORMAR SE COM IR2 PT PEÇO RESPOSTA URGENTE PT SDS GILBERTO GAMA

MF 043, Fotograma 00189.tif, 1961, planilha 8, 1978.

ANEXO O - Doenças (gripe e falta medicamento)

G) CRIAÇAO

ESPÉCIE	Quantidade exist.	Adquiridos	Vendidos ou transferidos	Nascidos	Mortos
P-Bovino (macho)	15			3	
P- Bovino (femea)	55				
P-Lanigeros (machos)	2			1	
P-Lanigeros (femias)	11			2	
P-Muares (femias)	2				
P-Galinha	14				1
P-Frangos	6				
P-Pintos	35				4

H) PLANTAÇÕES (Área em m²)

ROÇADOS: DERRUBADAS:

PASTAGENS:

ÁRVORES FRUTÍFERAS: (Indique o nº de pés)

PLANTAÇÕES: (Idem) P- Foi plantado mas 90 quilos milho, e 45 mil covas de mandioca, e 150 litros de arroz, e 100 covas de cará, noma área de 500 m².

I) OUTRAS OCURRÊNCIAS E NECESSIDADES DO POSTO:-

ESTADO SANITARIO

Este Mes nos atacou bastante o empalodismo, pois tivemos 5 indios doentes desta perigosa molesta, e que já não temos mais medicamentos. Estas duas criancinhas, que perdemos, foram atacadas de ramos-de-ar ou congestão, que tem atacado arrivelmente as criangas deste Posto, pois de quatro que pegaram esta assombrosa molestia só podemos salver um, assim como o meu filhinho com a idade de um ano, que ao Mes passado perdir, com esta mesma doença, pois quando ataca uma creança o mais que resiste é 24 horas.

E esperemos medicamentos para estas terrivel molestas, pois temos bastantes creanças e estamos esperando nasser mas algumas no correr destes dois Mesés.

Há grande necessidadede todos os artigos citados no aviso anterior, e como tanbem, papel para oficio.

[illegible]

Visto : ----------
Chefe da I.R.

Em 30 de [illegible] 1949

José [illegible]
Agente ou responsavel pelo Posto

(MF 042, Fotograma 00180.tif, 1949, planilha 8, 1978).

ANEXO P- Morte índia Maria Bonita (Gripe)

ATESTADO DE FALECIMENTO

Aos vinte e cinco dias do mês de dezembro do ano de mil novecentos e cincoenta e três, às onze e trinta horas, neste P.I. Ricardo Franco, município de Guajará Mirim, Território Federal do Guaporé, faleceu a índia Maria Bonita, de vinte e quatro anos de idade, filha de pais desconhecidos, companheira do índio Aruy Pequeto. CAUSA MORTIS: gripe. Foi sepultada no cemitério dêste pôsto no dia vinte e seis à nove horas. Do ocorrido lavrei o presente atestado em observância ao que preceitua o § 1º do art. 22 do Dec etc nº 5.484 de 27 de junho de 1928, na presença das testemunhas que comigo assinam.

P.I.Ricardo Franco, 26 de dezembro de 1953.

Vitor Nunes da Silva
Encarregado

Testemunhas: Dionisio Xavier
Dionisio Xavier

Maria dos Anjos Xavier
Maria dos Anjos Xavier

Josefa Ferreira Reis
Josefa Ferreira Reis

Francisco Sena Cabral
Francisco Sena Cabral

MIN. DA AGRICULTURA
SERVIÇO DE PROTEÇÃO AOS ÍNDIOS
Exercício de 19
Autos
Vertos
Consignatário
Subconsignatário
Contém
Data

ANEXO Q – Doença - Pedido para Matar Boi para Alimentar Doentes

Ribeirão Preto 1º-12-61

Snr.
Alberico Soares Pereira
Chefe da 9ª I.R.

Peço A. V. S. se autorizarem, abater uma rês das Empreitas Sol para manutenção dos que se acham (empregados), que adoeceu com, Ribeirão Preto está solando, urgente, Sim ou não.

Atenciosamente

Amijiro Sussa de Castro

Visto: Cumpra-se
14-XII-61

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA
S. P. I.
606
n. 13 de 12 de 1961

MF 042, Fotograma 00795.tif, 1961, planilha 8, 1978.

ANEXO R – Doença (Sarampo)

Ministério da Agricultura
Serviço de Proteção aos Indios
9ª Inspetoria Regional

Ofício nº 7

Ba, 29-4-1954.

Do:Enc. do Pôsto Indígena "Ricardo Franco"
Ao:Snr. Chefe da 9ª Inspetoria Regional
Assunto: Comunicação e Pedido(ías)

1º-O estado Sanitario tem sido desagradavel,o sarampo tem se manifestado quazi diariamente nos indios,geralmente,especialmente adultos,atualmente que esta com saúde é 8 pessoas neste / Pôsto,estão sendo medicado mesmos com remedio caseiro,soliato fineza de conseguir uns vidros de xarope,fortificante,metoquina e melhoral, e enviar com urgencia.

11º-O Estado do gado,ultimamente tem aparecido / diarréias nos Bezerros fortemente,esperamos providenciar uns vidros / de TERPERINA",

Saudações

Vitor Nunes da Silva
(Aux.Sertão-Encarregado)

MF 042, Fotograma 00425.tif, 1954, planilha 8, 1978.

ANEXO S – Doença (Sarampo)

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA
Serviço de Proteção aos Índios

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

Of.nº 8 Em 22 de junho de 1954.

Do Encarregado de Pôsto Indígena "Ricardo France"
Ao Snr. Chefe da 9a. I.R.-, do Serviço de Proteção aos Índios
Assunto Acusa recebimento de medicamentos

Senhor Chefe:-

Em resposta ao vosso rádio nº 65, de 9/6/54, informo-vos que recebí os medicamentos remetidos por intermédio do senhor Cledealdo Dantas Penha, para tratamento dos índios que se encontram enfêrmos nêste Pôsto.

O estado sanitário dos nossos índios não é bom, o sarampo continúa grassando aqui e nas cercanías; todavia, os doentes já apresentam sensíveis melhoras com a aplicação dos medi - camentos recebidos.

Já registramos quatro óbitos de índios, todos vitimados pelo sarampo e suas consequências, enquanto o Pôsto Indígena Meré (na Bolívia), há uma hora daqui, registrou quatorze óbitos pelo mesmo mal.

Consta que os índios que trabalham no seringal do senhor RIVOREDO, em "Rio Branco", estão quase todos enfêrmos, sendo grande o número de vítimas, havendo mesmo dias em que são sepultados dez índios.

Creio que aqui o mal está debelado e que não haverá mais casos de mortes.

Atenciosas saudações

Vitor Nunes da Silva - Aux. sertão

MF 042, Fotograma 00426.tif, 1954, planilha 8, 1978.

ANEXO T – Colônia IATA

MINISTERIO DA AGRICULTURA

Arquivo

Exmo. Sr.
Diretor do Serviço de Proteção aos Índios
Rio de Janeiro- Est. Guara.

Chegado nesta Capital -"P. Velho", dia 20 do andante, / pela manhã, nesse mesmo dia assumi a Chefia desta regional, tendo no dia imediato, viajado em companhia do Chefe interino-Insp. Alfredo Silva, para a cidade de Guajará-Mirim, na ferrovia Madeira Mamoré, afim-de, ali / manter entendimentos com as autoridades locais, verificar a possivel chegado dos trabalhadores do PIN. Ricardo Franco, deslocados por ordem do referido ex-titular interino, daquele posto, para bem próximo do novo / local de atração, o que não se dera ainda, tomar contato com o trabalho, enfim supervisionar, o futuro serviço de aproximação desses silvicolas, tidos como um grupo de Índios Pacaas-Novos; trabalho esse que irá merecer / desta Chefia todas as atenções, visto ditos silvicolas ameaçarem em suas investidas os colonos da Guajará-Mirim, e, a Colonia Agrícola de Iata / visto o trucidamento de um menor ocorrido em dias deste mes, ter causado pânico na população, com severas queixas ao Exmo. Sr. Governador do Território, as quais não poderá ficar livre dos reflexos o nosso Serviço dada a distancia de cerca de dez kilometros da referida cidade, cujas medidas não poderiam ser mais oportunas e acertadas, doque as que foram aventadas pelo Sr. Insp. Silva.

Essas medidas visadas contribuirão:

a)- atraí-los à civilização;

b)- acalmar os animos da população da cidade, colonos, seringueiros e extratores de produtos naturais, que recorreram ao Sr. Governador para medidas de segurança, ameaçando abandonarem as suas atividades, e, n'uma evidência de que o nosso Serviço está atento ás suas finalidades, procurando meios para solucionar as crises, mesmo em faze dificil / por que atravessamos, contribuindo para segurança dos colonos, que operam próximo do habitat dêsses aborígines arredios e quiçá hostís;

c)- em decorrencia de ato de Vª Excia., (Ordem de Serviço nº S/N de 31/1/59), que determina a mudança do Posto Ricardo Franco, / conquanto determine o referido ato que seja para a região de Rio Branco, onde se supõe haja maior número de silvicolas, entretanto essa medida adotada e ao tempo necessária e feliz, presta, de imediato o que convém na defesa dos nossos proprios interesses que é o Serviço e ao povo de modo geral.

P. Velho, 26 de dezembro de 1.960

Alberico Soares Pereira-Aux. Insp. 22-
Chefe da 9ª I.R. do S.P.I.

O.S. s/n
a 31/1/59

MF 045, Fotograma 00712.tif, 1960, planilha 519, 1978.

ANEXO U - Pedido Providencias - Índios com Tuberculose

OFICIO Nº 85

Porto Velho, 5 de Maio de 1948.

Do Chefe da I. R. 9

Ao Sr. Chefe da Secção de Orientação e Assistencia do S. P. I.

ASSUNTO = situação em face da destribuição de verbas./

Senhor Chefe :

Estou de posse das Verbas Material e Auxilio aos Indios. / Quero porem, pedir permissão a V. S. para expôr uma serie do problemas, que somente se tornarão contornaveis, contando com a aprovação vossa. Abordo em primeiro, a situação desta Inspetoria, em virtude de não ter sido destribuida a sub-consignação 31, Aluguel de Casa, fato que ha dois anos vem acontecendo, e que não encontro justificativa. O Territorio nos cobra o aluguel do predio que ocupamos, como poderei pagar ? Recebi a Circular nº 305 da S. A., solicitando informasse com urgencia qual o aluguel mensal da séde desta I. R., tendo respondido com o meu telegrama nº 58 de 28/2/948, informando ser de novecentos cruzeiros . Com o meu oficio nº 37 de 7/2/948, expuz a V. S. a situação em que se encontram os indios tuberculosos do Posto " Major Amarante ", cujo total já atinge a oito individuos, sendo que dois aqui faleceram. Ha o caso do Indio Oliveira que foi acidentado, que vos enviei copia do telegrama do enc. do Posto, e que sofreu treis intervenções cirurgicas, e que esteve internado quarenta e cinco dias, tendo sido tratado com carinho cuidado, evitando assim, que viesse a sofrer amputação da mão direita. O tratamento completo conforme fatura em meu poder, atige a importancia de Cr.$ 4.860,00, não sendo justo que fique impago. Ha ainda as vitimas do ataque dos indios Pacas Novos, que foram internadas por ordem desta Chefia em Guajará Mirim, tendo falecido duas mulheres em / consequencia dos ferimentos, tendo sido salvos quatro feridos, em virtude dos cuidados que dispensamos. É tambem uma despeza que se encontra em descoberto. Esta exposição que vos faço, V. S. como Chefe que foi longos anos de Inspetoria, compreenderá, que muitas despezas imprevistas somos forçados a fazer em face das situações que temos que enfrentar. Assim sendo, sugiro a V. S. um entendimento se necessario fôr com o sr. Diretor, no sentido de alterar na parte aprovada pelo mesmo, por sugestão vossa, as importancias de Cr.$ 10.000,00, destinados a acquisição de um motor " Archimedes " de 10 HP. e Cr.$ 12.000,00, para acquisição de muares, ambas da Verba " Auxilio aos Indios " que poderão ser no momento adiadas para o segundo semestre, e que seriam aplicadas em o pagamento dos alugueis da Séde desta Inspetoria, serviços de hospitali-

MF 043, Fotograma 00776.tif, 1948, planilha 8, 1978.

ANEXO V - Morte de Pessoas pelos Wari'

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

CÓPIA PARA CONTROLE DE SERVIÇO

U R G E N T E

A G R I N D I O S

RIO DE JANEIRO - D F

452 3 11 947 COMUNICO-VOS CONSTERNADO LAMENTAVEL ACONTECIMENTO VERIFICADO ONTEM 2/11/947 VG LOCAL DENOMINADO RANQUILHA VG RIO MAMORÉ VG ATAQUE INDIOS PAGAS NOVOS FAMILIA PEQUENOS CRIADORES VG RESULTOU MORTE LABTECIA MORENO VG CUJA CABEÇA BRAÇO DEPOIS SEPARADOS CORPO VG FORAM LEVADOS REFERIDOS INDIOS PT FOI FLEXADA IRMÃ MORTA FLORA VIDAL ENCONTRA-SE ESTADO GRAVISSIMO VG PAE AMBAS LEOPOLDO LEOPOLDO VIDAL RECEBEU QUATRO FLEXADAS VG ENCONTRANDO-SE ESTADO GRAVE PT MENOR CARLOS VIDAL TRES ANOS IDADE VG APRESENTA FERIMENTO SEM GRAVIDADE PÉ ESQUERDO PT TOMEI IMEDIATAS PROVIDENCIAS INTERNANDO FERIDOS VG PROVIDENCIANDO SEPULTAMENTO MORTA VG VISINHA CIDADE BOLIVIANA GUAYARÁ MIRIM VG VIRTUDE TERRITORIO GUAPORÉ ENCONTRAR-SE COMPLETAMENTE ABANDONADO NO QUE DIZ RESPEITO SERVIÇO SAUDE VG SENDO DEVERAS LAMENTAVEL SEMELHANTE DESCASO AUTORIDADES RESPONSAVEIS VG VEEM EX FONDO POPULAÇÃO PT INFORMAÇÕES CONSEGUI COLHER RESPONSABILIZAM EX PLORADORES BORRACHA CAUSADORES REVANCHE INDIOS PAGAS NOVOS VEEM

MF 043, Fotograma 00669.tif, 1947, planilha 8, 1978.

ANEXO X - Morte por Impaludismo

DEPARTAMENTO DOS CORREIOS E TELÉGRAFOS

TELEGRAMA

Agrindios Chefia PVelho

PREAMBULO: G Mirim 15 51 5 845

O preâmbulo contem as seguintes indicações de serviço: espécie do telegrama, estação de origem, número do telegrama, número de palavras, data e hora de apresentação.

HABITUE-SE A INDICAR NO RECIBO DO SEU TELEGRAMA A HORA EM QUE O RECEBER. COM ESSA PROVIDÊNCIA, AUXILIARÁ O DEPARTAMENTO NA FISCALIZAÇÃO DA ENTREGA DOS TELEGRAMAS.

TEXTO E ASSINATURA

64 de 5/11/60 pt Comunico vos faleceu indio Amitime qual encontra vasse hospitalizado neste pt Medico atestou causa morte impaludismo pt Apos falecer vg cadaver foi transportado posto dr tanajura onde foi sepultado vg assistido pelos parentes e demais indios presentes sds

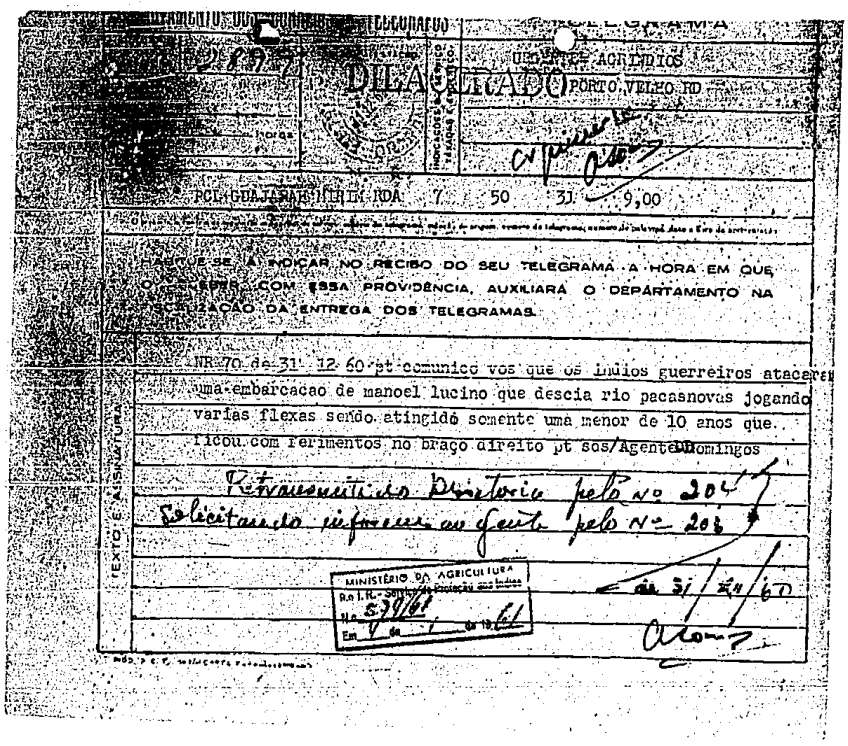
Domingos Araujo Agente ref 22 spi

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA
S.P.I. B. - Serviço de Proteção aos Índios
N.º
Em 5 de 11 de 1960

MOD. D.C.T. 895 - CARTA PARA TELEGRAMA

MF 043, Fotograma 00137.tif, 1960, planilha 8, 1978.

ANEXO W – Criança Flechada pelos Indígenas



DILACERADO

PORTO VELHO RO

PCL GUAJARAMIRIM RDA 7 50 31 9,00

ADVERTE-SE AO TOCAR NO RECIBO DO SEU TELEGRAMA A HORA EM QUE O LEVAR COM ESSA PROVIDÊNCIA, AUXILIARÁ O DEPARTAMENTO NA REALIZAÇÃO DA ENTREGA DOS TELEGRAMAS

TEXTO DA MENSAGEM

NR 70 de 31 12 60 pt comunico vos que os Indios guerreiros atacaram uma embarcacao de manoel lucino que descia rio pacasnovas jogando varias flexas sendo atingido somente uma menor de 10 anos que ficou com ferimentos no braço direito pt sds/Agente Domingos

Retransmitido Diretoria pelo nº 204

Solicitando informar ao Gente pelo nº 208

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

R.o I.R. - Serviço de Proteção aos Indios

Nº 5706

Em 7 de 1961

de 31/12/60

MF 043, Fotograma 00148.tif, 1960, planilha 8, 1978.

ANEXO Y – Suspensão de Autorização – Atuação Missionários no Território

TELEGRAMA

SERVIÇO RÁDIO TELEGRÁFICO DO TERRITÓRIO FEDERAL DE RONDÔNIA

PREÂMBULO BRASILIA 101 22 19 4 10,00

URG AGRINDO IR 9
PVELHO

26134
ABS

Texto e Assinatura

LUO DE 19/ABR/67 INFORMO VOS QUE APEH LIBERAÇAO FUTURA ESTAO SUSPENSAS AUTORIZACOES MISSIONARIOS ESTRANGEIROS ATUAREM TERRITORIOS FEDERAIS PT SDS /// CHEFE SASSI

Chefe Tel. nº 99 de 28/4/67

S.P.I.
9.ª Inspetoria Regional
P. Velho, 22 de 4 de 1967
Protocolado sob n.º 128
Livro 1 Páginas 105

MF 045, Fotograma 00051.tif, 1967, planilha 519, 1978.

ANEXO Z – 5 Índios Recém “Pacificados”

DEPARTAMENTO DOS CORREIOS E TELEGRAFOS — TELEGRAMA

297

URGENTE= AGRINDIOS CHEFIA PVELHO RDA=

PREÂMBULO: BCL GMIRIN RDA 13 54 5 14,00

HABITUE-SE A INDICAR NO RECIBO DO SEU TELEGRAMA A HORA EM QUE O RECEBER COM ESSA PROVIDÊNCIA, AUXILIARÁ O DEPARTAMENTO NA FISCALIZAÇÃO DA ENTREGA DOS TELEGRAMAS

TEXTO E ASSINATURA

Nº 32 DE 59/6/61 PT COMUNICO VOS QUE CHEGOU HOJE GILBERTO GAMA ACOMPANHADO CINCO INDIOS POSTO TANAJURAS VG AFIM FAZER PENTRACAO PELO LAGES VG RECOLHER ALGUMS INDIOS RECEM PACIFICADOS PARA FAZER VARACAO PARA RIO NEGRO PT CAPITAO DUARTE ESTA CIENTE ASSUNTO PT SDS= AGENTE ARAUJO=

5/6/61

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA S.P.I. Nº 2951 ER. 5 de 6 de 1961

MF 043, Fotograma 000172.tif, 1961, planilha 8, 1978.

ANEXO AA- Mais de 100 Índios Doentes nas Malocas (sem remédio, sem pessoal)

DEPARTAMENTO DOS CORREIOS E TELEGRAFOS

TELEGRAMA

URG NTZ= AGRINDIOS CHEFTA PVELHO RDA

PCL /GMIRIM RDA 35 82 10 2100

HABITUE-SE A INDICAR NO RECIBO DO SEU TELEGRAMA A HORA EM QUE O RECEBER COM ESSA PROVIDENCIA AUXILIARÁ O DEPARTAMENTO NA FISCALIZAÇÃO DA ENTREGA DOS TELEGRAMAS.

TEXTO E ASSINATURA

Nº 36 de 10/6/61. PT COMUNICO VOS QUE SR GILBERTO VOLTOU DO LAGE ONTEM TRAZENDO VINTE ET DOIS INDIOS DOS SELVAGENS INCLUSIVE MULHERES ET CRIANCAS VG HAVENDO ENTRE ELES DOENTES VG TALVEZ COM SARAMPO PT DEIXARAM MAIS DE CEM INDIOS DOENTES NAS MALOCAS PT CONSTA QUE NAO HA PESSOAL NEM MEDICAMENTOS PARA TRATAMENTO PT SR GILBERTO SAIRA ESTA MANHAA PARA RIO VERDE LEVANDO OS VINTE ET DOIS INDIOS PT SDS AGENTE ARAUJO AGENTE ARAUJO

Rem. Ofício 275/61

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA S.P.I.

MF 043, Fotograma 00174.tif, 1961, planilha 8, 1978.

ANEXO BB – Recolhimento de Índios "Pacificados" (doentes)

SERVIÇO RÁDIO TELEGRÁFICO DO TERRITÓRIO FEDERAL DE RONDÔNIA

PREÂMBULO: GMIR IM 64 54 5 1700

Recebido
De
Em Horas
Por JCF JOS

Carimbo de Estação

UNGENTE AGR IND IOS CHEF IA
PVELHO RD

TELEGRAMA

Texto e assinatura

NR 33 DE 5/6/61 PT COMUNICO VOS QUE CHEGOU HOJE GILBER
TO GAMA COMPANHADO CINCO INDIOS POSTO TANAJURA VG AF IM
FAZER PENETRAÇAO PELO LAGES VG RECOLHER ALGUNS INDIOS
RECEM PACIFICADOS DO POSTO TEN. LIRA ET FAZER VARAÇAO
PARA RIO NEGRO PT SEX CAP. DUARTE ESTAH CIENTE ASSUNTO
PT SDS

AGENTE ARAUJO

Cicero Alves
7/6/61

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA
S.P.I.R. - Serviço de Proteção aos Índios
N.º 252
Em 7 de 6 de 1961

MF 043, Fotograma 00175.tif, 1961, planilha 8, 1978.

ANEXO CC - Pedido Remédios Gripe (80 Índios Doentes)

DEPARTAMENTO DOS CORREIOS E TELÉGRAFOS

TELEGRAMA

NÚMERO DE ORDEM DA EXPEDIÇÃO: 2524

CARIMBO DA ESTAÇÃO

INDICAÇÕES DE SERVIÇO TAXADAS E GRÁTIS

URGENTE AGRIMDIOS IR 9A PVELHO RD

Recebido
Do
Às horas
por

PREÂMBULO PCL= GMIRIM RDA= 59 55 29 15,00

O que se pede: número de expedição, indicação de correção, número de telegramas, estação de origem, número de telegramas, número de palavras, data e hora de apresentação.

HABITUE-SE A INDICAR NO RECIBO DO SEU TELEGRAMA A HORA EM QUE O RECEBER. COM ESSA PROVIDÊNCIA, AUXILIARÁ O DEPARTAMENTO NA FISCALIZAÇÃO DA ENTREGA DOS TELEGRAMAS.

TEXTO E ASSINATURA

NR 14 de 29-6-61; PROCURE DRR ARY OU DR ANAO SECRETARIA SAUDE VG MANDAR URGENTE VIAXXXXXX AEREACUIDADOS PREFEITURA GMIRIM VG MEDICAMENTOS PARA OITENTA INDIOS DOENTES GRIPE ET OUTROS MALES CONSEQUENCIA GRIPE VG SULFA VG ANTIBIOTICOS VG VITAMINA C VG TERRAMICINA PT SDS= MEIRELES ET ALBERICO=

Arquive-se
Ribeiro

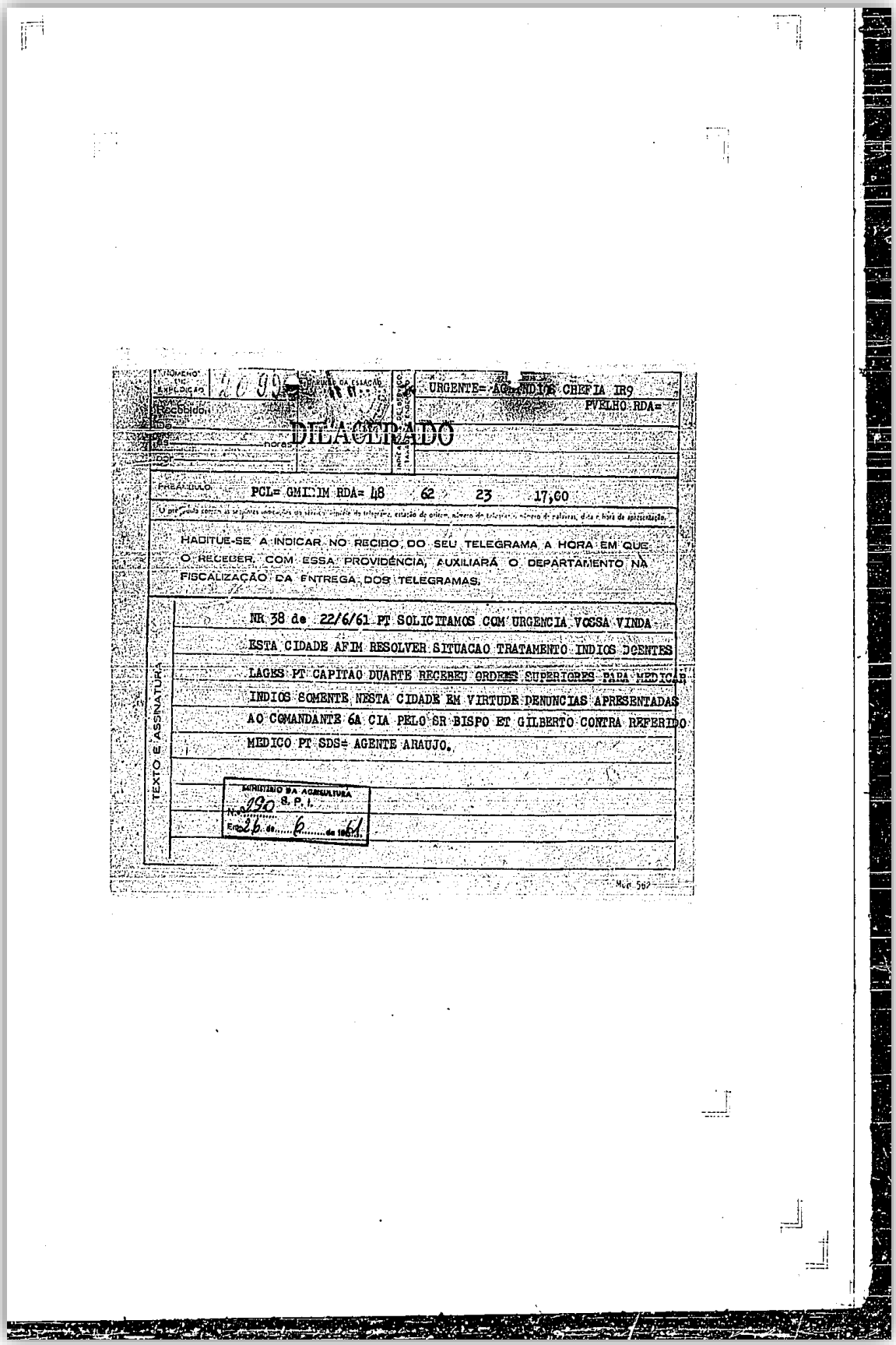
14-7/61

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA S.P.I.
Nº 305
Em 30 de 6 de 1961

CARTA PARA TELEGRAMA

MF 043, Fotograma 00176.tif, 1961, planilha 8, 1978.

ANEXO DD - Índios Doentes Lages (Gripe)



MOMENTO EXPEDIÇÃO 20 99 PREÇO DA ESTAÇÃO

URGENTE= AC ANDIOS CHEFIA IR9 PVELHO RDA=

RECEBIDO

DILACERADO

horas

PREÂMBULO PCL= GMI IM RDA= 48 62 23 17,00

O que pode conter as seguintes anotações: as letras iniciais do telegrama, estação de origem, número de palavras, data e hora de apresentação.

HABITUE-SE A INDICAR NO RECIBO DO SEU TELEGRAMA A HORA EM QUE O RECEBER. COM ESSA PROVIDÊNCIA, AUXILIARÁ O DEPARTAMENTO NA FISCALIZAÇÃO DA ENTREGA DOS TELEGRAMAS.

TEXTO E ASSINATURA

NR 38 de 22/6/61 PT SOLICITAMOS COM URGENCIA VOSSA VINDA ESTA CIDADE AFIM RESOLVER SITUACAO TRATAMENTO INDIOS DOENTES LAGES PT CAPITAO DUARTE RECEBEU ORDRES SUPERIORES PARA MEDICAR INDIOS SOMENTE NESTA CIDADE EM VIRTUDE DENUNCIAS APRESENTADAS AO COMANDANTE 6A CIA PELO SR BISPO ET GILBERTO CONTRA REFERIDO MEDICO PT SDS= AGENTE ARAUJO.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA S. P. I. N. 990 Em 26 de 6 de 1961

MOD. 567

MF 043, Fotograma 00177.tif, 1961, planilha 8, 1978.

ANEXO EE - Índios Doentes Levados do Lages para Ouro Negro

DEPARTAMENTO DOS CORREIOS E TELEGRAFOS

TELEGRAMA

Processo nº 2265

Entrado em ... horas

Recebido em ... horas

Por

Indicações de serviço taxadas e endereço

URGENTE AGRIMARCE CHEFTA DI BLHORTE

PREA. DELG. PCL= GMIRIM RDA= 53 62 26 9,00

O preço do telegrama é calculado em função do número de palavras, do número de palavras da mensagem e do número de palavras da resposta.

HABITUE-SE A INDICAR NO RECIBO DO SEU TELEGRAMA A HORA EM QUE O RECEBER. COM ESSA PROVIDÊNCIA, AUXILIARÁ O DEPARTAMENTO NA FISCALIZAÇÃO DA ENTREGA DOS TELEGRAMAS.

Texto e assinatura

NR 39 de 26/6/61 PT COMUNICO VOS QUE CHEGARAM ONTEM PELA MANHAN VG NESTA CIDADE VG CITO INDIOS DOENTES VINDOS DA TURMA FERNANDO CRUZ VG DITOS INDIOS FAZEM PA RTE DA TURMA LEVADOS DO LAGES PARA OURO NEGRO PT INDIOS DOENTES SE ENCONTRAM ALOJADOS PRELAZIA AOS CUIDADOS SR BISPO PT SDS= AGENTE ARAUJO.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA
2294 S. P. I.
27 de 6 de 1961

Mod. 562

MF 043, Fotograma 00179.tif, 1961, planilha 8, 1978.

ANEXO FF – 18 Índios Trazidos do Alto Pacaas Novos

DEPARTAMENTO DOS CORREIOS E TELEGRAFOS

TELEGRAMA

Nº NUMERO DA EXPEDIÇÃO 8 71

CARIMBO DA ESTAÇÃO

PORTO VELHO

RECEBIDO

De

às horas

por

INDICAÇÕES DE SERVIÇO, TAXADAS E ENDEREÇO

OF AGRINDIOS CHEFIA PVELHO

PREÁMBULO GMIRIM 43 43 15v 9

O preâmbulo contém as seguintes indicações de serviço: espécie do telegrama, estação de origem, número do telegrama, número de palavras, data e hora de apresentação

HABITUE-SE A INDICAR NO RECIBO DO SEU TELEGRAMA A HORA EM QUE O RECEBER. COM ESSA PROVIDÊNCIA, AUXILIARÁ O DEPARTAMENTO NA FISCALIZAÇÃO DA ENTREGA DOS TELEGRAMAS.

TEXTO E ASSINATURA

49 DR 15 09 61 COMUNICO VÓS QUE CHEGOU ONTEM NESTA CIDADE SER=
VIDOR FERNANDO CRUZ ACOMPANHADO 18 INDIOS TRAZIDOS REGIAO LAGO DE
LAMA ALTO PACAAS NOVOS SENDO ESTA SEGUNDA TRIBU EM CONTACTO COM EX=
PEDICAO PT SDS CHEFE ARAUJO

Ciente: Arquive-se

S.P.L.

1440

19 9 61

MOD 0 D. F. 502 - GASTA PAPÁ TELEGRAMA

MF 043, Fotograma 00181.tif, 1961, planilha 8, 1978.

ANEXO GG – 8 Índios Doentes - outros na Prelazia aos cuidados do Bispo

DEPARTAMENTO DOS CORREIOS E TELÉGRAFOS

TELEGRAMA

2255

URGENTE AGRICAICE CHEFTA PT PLHONTE

PCL= GMIRIM RDA= 53 62 26 9,00

HABITUE-SE A INDICAR NO RECIBO DO SEU TELEGRAMA A HORA EM QUE O RECEBER. COM ESSA PROVIDÊNCIA, AUXILIARÁ O DEPARTAMENTO NA FISCALIZAÇÃO DA ENTREGA DOS TELEGRAMAS.

TEXTO E ASSINATURA

NR 39 de 26/6/61 PT COMUNICO VOS QUE CHEGARAM ONTEM PELA MANHAN VG NESTA CIDADE VG CITO INDIOS DOENTES VINDOS DA TURMA FERNANDO CRUZ VG DITOS INDIOS FAZEM PA RTE DA TURMA LEVADOS DO LAGES PARA OURO NEGRO PT INDIOS DOENTES SE ENCONTRAM ALOJADOS PRELAZIA AOS CUIDADOS SR BISPO PT SDS= AGENTE ARAUJO.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA
294 S. P. I.
27 de 6 de 1961

MF 043, Fotograma 00184.tif, 1961, planilha 8, 1978

ANEXO HH - Índios Doentes (Pedido p/ missionário atender)

SERVIÇO RADIO TELEGRÁFICO DO TERRITÓRIO FEDERAL DE RONDÔNIA

PREAMBULO: GMIRIM ND NR 270 27 25 16.00

Número de expedição:

Recebido

De

Às horas

Por RO JOS 25 1720

Contrôle de Estação

Telegrama

AGIRINDIOS

CHEFE PVELHO

T.E.L.E.G.R.A.M.A

Texto e assinatura

N. 59 DE 25/10/61 **** COMUNICO VOS QUE CAPITAO DUARTE MANDOU MISSIONARIO ROYAL PASSAR ALGUNS DIAS ASSISTINDO INDIOS DOENTES POSTO TAHAJURA PT SDS

AGT. ARAUJO

Ciente. Oficie-se

Em, 26/10/61

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

N. 495 P.

26 10 61

MF 043, Fotograma 00184.tif, 1961, planilha 8, 1978.

ANEXO II - Índios Doentes (Gripe, impaludismo e tuberculose)

DEPARTAMENTO DOS CORREIOS E TELÉGRAFOS

TELEGRAMA

NÚMERO DE EXPEDIÇÃO 133

Recebido
Ó
às horas
por

INDICAÇÕES DE SERVIÇO TARADAS E FONÉTICO

AG[illegible] CHEFE [illegible]

PREÂMBULO PCL 5 GIRAU ROA= 49 52 21 9,00

O preço do telegrama, o número de palavras, data e hora de apresentação.

HABITUE-SE A INDICAR NO RECIBO DO SEU TELEGRAMA A HORA EM QUE O RECEBER. COM ESSA PROVIDÊNCIA, AUXILIARÁ O DEPARTAMENTO NA FISCALIZAÇÃO DA ENTREGA DOS TELEGRAMAS.

TEXTO E ASSINATURA

NR 56 de 21 /10/61 PT ESTADO SANITARIO POSTO TANAJURA MAIS PESSI
MO POSSIVEL VG MAIOR PARTE DOS INDIOS DOENTES GRIPE PALUDISMO
ET TUBERCULOSE.VG NÃO TEM ALIMENTAÇÃO PT CONVIDEI DR DUARTE
QUE SEGUIRAM AMANHÃ LEVANDO ALGUNS MEDICAMENTO QUE RECEBEMOS
HOJE VIUVA DESSA IR PT SDS= AGENTE ARAUJO=

Resp. 52 de 23/10/61
Asson

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA
S.P.I.
N.º 1103
Em 23 de 10 de 1961

Mod. 562

MF 043, Fotograma 00185.tif, 1961, planilha 8, 197.

ANEXO JJ - Invasão de Terras Indígenas por Mineradores

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

CÓPIA

Serviço de Proteção aos Índios
ININD-9a. Porto Velho- RD.

Ofício n°[illegible]/SS , 13 de junho de 1.966

:Snr. Chefe da SASSI do Serviço de Proteção aos Índios

:Ilmo. Snr. Dr. Ely Guarachy
D.D. Chefe de Polícia do Território de Rondônia
:(Esclarecimento faz)

Sr. Chefe:

Sendo o igarapé Florente, uma área habitada por índios ainda não pacificados conforme constatei nos últimos tres dias que lá permanecí a serviço do S.P.I., na qualidade de Chefe da Seção de Proteção e Assistência, em que tive oportunidade de fazer 36 fotografias no interior da floresta em que se evidencia a existência de silvícolas, pelas suas esperas, tocaias, muquens, palmitos tirados, arvores derrubadas na extração do mel, barreiras, [illegible] e sabedor por V. Senhoria de Ordem Ministerial determinado a retirada da turma do Sr. Plinio Sebastião Xavier Benfica, venho esclarecer o seguinte:

1)- Compete ao S.P.I., por Lei, dar proteção e assistência ao indio.

2)- Defender-lhe a vida, a família, e integra-lo a civilização nacional.

3)- Sendo o indio um tutelado do Estado não poderá portanto a turma de atração da Repartição que promove em nome do Estado esta tutela afastar-se da região sem ferir os postulados que representam a segurança dos indios considerados menores, e que ficariam a mercê dos acontecimentos.

4)- Desta fôrma encareço a necessidade e às garantias necessárias para os seguintes servidores, componentes da referida turma: Cornelio Cabral = Chefe da Turma, dois indios: Pitanga (arara) e menoel, (Urubone) civilizados.

Compreendendo o alto espírito de brasilidade que norteam aqueles que dirigem o destino do Território de Rondônia, espero todo o apoio, certo V. Senhoria que o problema de mineração não pode nem deve influir no cumprimento sagrado do dever da defeza da família e da integridade física do indio.

Tenho certeza que o S.P.I. que tem como patrono a figura histórica de Rondôn, cujo nome foi dado a esse Território, saberá

(cont.)

MF 045, Fotograma 00012.tif, 1966, planilha 8, 197.

ANEXO KK - Invasão de Terras Indígenas por Mineradores

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

Juntamente com as mais responsáveis autoridades da República bem encaminhar as soluções do problema em que os índios e civilizados ocupão seus devidos lugares, para a grandeza de nossa Patria comum.

Atenciosamente

Nilo de Oliveira Vellozo
Chefe da SASSI

MF 045, Fotograma 00013.tif, 1966, planilha 8, 197.